

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-graduação em Educação

Veridiana Franca Vieira

**PRÁTICAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM COMUNIDADE E ESCOLA
DO VALE DO JEQUITINHONHA**

Belo Horizonte

2022

Veridiana Franca Vieira

**PRÁTICAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM COMUNIDADE E ESCOLA
DO VALE DO JEQUITINHONHA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação e Linguagem

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Zélia Versiani Machado

Belo Horizonte

2022

V658p
T

Vieira, Veridiana Franca, 1986-
Práticas de contação de histórias em comunidade e escola do Vale do Jequitinhonha [manuscrito] / Veridiana Franca Vieira. - Belo Horizonte, 2022. 122 f. : enc, il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora: Maria Zélia Versiani Machado.

Bibliografia: f. 104-112.

Apêndices: f. 113-122.

1. Educação -- Teses. 2. Arte de contar historias -- Teses. 3. Literatura -- Estudo e ensino (Ensino fundamental) -- Teses. 4. Letramento -- Teses. 5. Comunidade e escola -- Teses. 6. Educação do campo -- Jequitinhonha, Rio (MG e BA) -- Teses. 7. Escolas rurais -- Teses. 8. Jequitinhonha, Rio (MG e BA) -- Educação -- Teses.

I. Título. II. Machado, Maria Zélia Versiani, 1958-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 808.543

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

PRÁTICAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM COMUNIDADE E ESCOLA DO VALE DO JEQUITINHONHA

VERIDIANA FRANCA VIEIRA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL, como requisito para obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL.

Aprovada em 24 de fevereiro de 2022, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Maria Zelia Versiani Machado - Orientador
UFMG
Prof(a). Josiley Francisco de Souza
UFMG
Prof(a). Vania Aparecida Costa
UFRN

Belo Horizonte, 03 de março de 2022.

Professora Dra. Rosimar de Fátima Oliveira
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação:
Conhecimento e Inclusão Social - FAE/UFMG



Documento assinado eletronicamente por **Rosimar de Fatima Oliveira, Coordenador(a) de curso de pós-graduação**, em 03/03/2022, às 16:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1286436** e o código CRC **02089101**.

A todos os contadores e contadoras de histórias que, apesar de todas as dificuldades enfrentadas no mundo real, ainda são capazes de nos transportar ao fantástico mundo dos encantamentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por estar sempre presente na minha vida e por me permitir concretizar este sonho.

À Maria Zélia Versiani, pelas valiosas contribuições, pelo apoio incondicional e, principalmente, pela paciência e compreensão.

Ao “Carlinhos”, por estar sempre ao meu lado, apoiando-me e sempre me ajudando a segurar o remo para que eu não abandonasse o barco, bem como me lembrar da dissertação que eu tinha para defender.

À minha Irmã Rosa e ao meu sobrinho Jian, pela contribuição valiosa nesta minha trajetória.

Aos primos/amigos/irmãos Vânia, Cisanando, Luis, Levi e Murilo, pela calorosa acolhida e apoio recebidos em Belo Horizonte.

À minha queridíssima amiga – irmã nesta vida – Edivania Soares, pela escuta, pelo carinho, pelo cuidado e pelos deliciosos cafés da tarde. Obrigada por tudo e por tanto!

A todos os professores do Programa de Pós-graduação em Educação que, de alguma forma, contribuíram para minha formação.

À minha família pelo apoio, em especial minha mãe, pela paciência, pelo cuidado e pelas orações incansáveis.

Aos meus colegas da Pós, em especial Rosana, Joice, Rodrigo e Florence, pela cumplicidade e troca de experiências neste período tão importante da minha vida.

Aos familiares, alunos e contadores de histórias da Comunidade Tesouras de Cima, que contribuíram para a realização desta pesquisa.

À CAPES, pelo incentivo à pesquisa.

A todo corpo docente e discente da Escola Municipal de São Vicente por ter-me recebido e permitido a realização desta pesquisa.

À rede de amigos, aqui em São Paulo, que não soltaram as minhas mãos, permitindo que este trabalho fosse realizado: Dirceu Cutti Pe. Antenor Dalla Vecchia; Pe. Alfredo J. Gonçalves; Pe. Paolo Parise; Raniere Fernandes; Giovanna Figueiredo; Maria Fernanda Figueiredo; Maria Goretti Rodrigues; Karina Pereira; Yara Silvia Tucunduva; Miguel Ahumada; Janeth de Paula; Roberval Freire; Ari Alberti; Ana Valim; José Marcos (Bidju); Regina Jurkewicz; Vera Bonani e Antonio Bonani; Sandra Scavassa; Maria Teresa Citeli. Vocês fazem a minha vida melhor! Muito grata.

Às pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

E como diz Renato Teixeira...

Os verdadeiros amigos
Do peito, de fé, os melhores amigos...
Sabem entender o silêncio
E manter a presença mesmo quando ausentes
Por isso mesmo, apesar de tão raros
Não há nada melhor do que um grande
Amigo

Renato Teixeira, música Amizade sincera

RESUMO

Esta dissertação tem como foco as práticas de contação de histórias como forma de linguagem artística, política e pedagógica, afirmadora de saberes, conhecimentos, e fortalecedora da relação entre Escola e Comunidade. O seu principal objetivo foi identificar e analisar práticas de contação de histórias por professoras que atuam em uma escola do campo, aluno e alunas de duas turmas multisseriadas do Ensino Fundamental dessa mesma escola e por contadores de histórias da comunidade onde vivem esses alunos. A pesquisa foi desenvolvida a partir de entrevistas com professoras e estudantes de uma Escola Municipal de uma Comunidade Rural, Município de Araçuaí – MG, no Vale do Jequitinhonha. Foram realizadas entrevistas com duas professoras e três alunos da escola e com três contadores de histórias da comunidade, no período da pandemia do coronavírus, o que exigiu adequações para o desenvolvimento da pesquisa de forma remota. Para compreender melhor os temas abordados, apoiei-me no seguinte aporte teórico: para entrevistas on-line, utilizei alguns elementos da etnografia virtual/netnografia (Santhiago; Magalhães, 2020); para discutir a oralidade no contexto dos letramentos, Soares (2003; 2010), Kleiman (1995; 2010); para questões referentes ao letramento literário, contei com os estudos de Paulino (1999; 2006; 2012), Cosson (2014); Bakhtin (2003; 2006) deu suporte à concepção da linguagem como um processo de interação social; para o ato de contar/narrar, os estudos de Patrine (2005), Benjamin (2008), Machado (2004), Matos (2005), Tahan (1961) e Busatto (2006 e 2012), entre outros. O trabalho está estruturado em 4 capítulos. Na Introdução, são apresentados o contexto e a metodologia da pesquisa; o Capítulo 1 traz informações sobre o Vale do Jequitinhonha e suas manifestações culturais, com destaque para a prática da contação de histórias; o Capítulo 2 apresenta uma reflexão sobre o que disseram as professoras a respeito das práticas de contação de histórias; o Capítulo 3 aborda a contação de histórias em escola e comunidade, através da visão dos alunos entrevistados; o Capítulo 4 traz a voz dos contadores de histórias, com o objetivo de analisar modos como essa prática acontece na comunidade; e, por fim, as Considerações Finais traçam uma síntese dessas diferentes vozes que confluem para a permanência da tradição de se contar histórias nessa comunidade do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais.

Palavras-chave: Contação de histórias em contexto de pandemia; letramento literário; escola do campo.

ABSTRACT

This dissertation focuses on the storytelling practices as a form of artistic, political, and pedagogical language, affirming knowledge, and strengthening the relationship between school and community. Its main goal was to identify and analyze the storytelling practices of teachers who work in a rural school, students from two multigrade elementary school classes in the same school, and storytellers from the community where the students live. The research was developed from interviews with teachers and students from a Municipal School in a Rural Community, Municipality of Araçuaí – MG, in the Jequitinhonha Valley. Interviews were held with two teachers and three students from the school and with three storytellers from the community during the period of the coronavirus pandemic, requiring adjustments for the development of research remotely. To better understand the topics addressed, we rely on the following theoretical framework: for online interviews we used some elements of virtual ethnography/netnography (Santhiago; Magalhães, 2020); to discuss orality in the context of literacies, Soares (2003; 2010), Kleiman (1995; 2010); for questions regarding literary literacy, we rely on studies by Paulino (1999; 2006; 2012), Cosson (2014); Bakhtin (2003; 2006) supported the conception of language as a process of social interaction; for the act of telling/narrating, the studies of Patrino (2005), Benjamin (2008), Machado (2004), Matos (2005), Tahan (1961) and Busatto (2006 and 2012) among others. The paper is structured in 4 chapters. In the Introduction, the context and methodology of the research are presented; Chapter 1 brings information about the Jequitinhonha Valley and its cultural manifestations with emphasis on the practice of storytelling; Chapter 2 presents a reflection about what the teachers said about the storytelling practices; Chapter 3 discusses storytelling in school and community, through the vision of the interviewed students; Chapter 4 brings the voice of the storytellers, aiming at analyzing the ways this practice happens in the community; and, finally, the Final Considerations outline a synthesis of these different voices that converge for the permanence of the tradition of storytelling in this community of the Jequitinhonha Valley, Minas Gerais.

Keywords: Storytelling in a pandemic context; literary literacy; rural school.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Reprodução/Plano de Desenvolvimento para o Vale do Jequitinhonha – Fundação João Pinheiro	34
Figura 2: Dona Isabel, artesã do Vale do Jequitinhonha - Revista Prosa, verso e arte	37
Figura 3: Jogadoras de versos do Vale do Jequitinhonha – Foto: divulgação 'Versinhos de Bem-Querer'	38
Figura 4: Vista aérea da cidade de Araçuaí - Foto IFNMG.....	39
Figura 5: Seu Zezé das Tesouras, contador de histórias - Foto: Giovana Prates	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA – Área de Proteção Ambiental

ASA – Associação Semiárido Brasileiro

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CONEP – Conselho Estadual do Patrimônio Cultural

ENERA – Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária

FESTIVALE – Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ONG – Organização Não Governamental

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFS – Universidade Federal de Sergipe

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UNB – Universidade de Brasília

Sumário	
1. INTRODUÇÃO.....	13
1.1 Caminhos percorridos e desafios encontrados	13
1.2 Entrada no campo: uma jornada virtual.....	19
1.3 Os colaboradores da pesquisa, as entrevistas e o tratamento de dados.....	23
1.4 Aprofundando um pouco mais sobre o tema.....	25
2. CAPÍTULO I - NAVEGANDO PELAS ÁGUAS DO JEQUITINHONHA	33
2.1 Conhecendo o Vale	33
2.2 Vale do Jequitinhonha também é cultura	34
2.3 Araçuaí: história e memória	39
3. CAPÍTULO II - O QUE DIZEM PROFESSORAS, DE UMA COMUNIDADE RURAL DO JEQUITINHONHA SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	44
3.1 Contar histórias, uma prática que sobreviveu ao tempo.....	44
3.1 A contação de histórias como prática de letramento literário na escola	47
3.2 Com a palavra, as professoras	49
3.2.1 Memórias de contação de histórias.....	52
3.2.2 Práticas de contação de histórias das professoras na escola	55
3.3 Contação em tempo de pandemia e ensino remoto	61
4. CAPÍTULO III - COM A PALAVRA, ALUNO E ALUNAS	67
4.1 Um evento on-line de contação de histórias.....	78
5. CAPÍTULO IV - COM A PALAVRA, OS CONTADORES DE HISTÓRIAS: (re) criando memórias	85
5.1 Os contadores da pesquisa	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	104
APÊNDICES.....	113
Apêndice A: Proposta básica de roteiro para entrevistas	113
Apêndice B: Termo de consentimento entregue aos entrevistados.....	114

1. INTRODUÇÃO

1.1 Caminhos percorridos e desafios encontrados

Foi pensando na importância das práticas artísticas e, em especial, da contação de histórias, que optei por desenvolver esta pesquisa sobre as práticas de contação de histórias em comunidade e escola no Vale do Jequitinhonha. Na verdade, sempre houve, de minha parte, um envolvimento com essa prática. Eu nasci e me criei no Vale do Jequitinhonha. Morei no interior em uma comunidade rural até os 10 anos de idade; lá, tive o privilégio de ouvir histórias ao pé do fogão a lenha ou sentada no pilão, histórias essas contadas pelos meus pais ou pelos vizinhos. Os temas eram variados, passavam pelas histórias do lugar, histórias de assombração, de encantamento e muito mais. Quando criança, eu ficava imaginando como os contadores conseguiam guardar tanta história sem, ao menos, tê-las anotadas em um papel, para auxiliá-los.

Esse gosto por ouvir histórias me acompanha até hoje e me mostrou que as histórias contadas proporcionam muito mais que diversão: elas nos conduzem a um mundo de possibilidades, nos dando pistas de como compreender e participar das mais diversas interações sociais. Pode-se dizer que contar histórias é uma prática que o ser humano desenvolveu para facilitar a comunicação, uma forma que não precisa de muita instrução, que deixa fluir a imaginação, capaz de criar e percorrer diferentes mundos, sem sair do lugar. É um estado de encantamento que permite relatar experiências vivenciadas, transmitir conhecimentos, costumes, culturas, entendimentos, valores e compreensão de um mundo que está sempre em movimento e (trans)formação. O narrador, geralmente, tem uma facilidade enorme em criar e recriar o mundo de acordo com o enredo que ele quer compartilhar com os seus ouvintes. A história pode ser a mesma, mas cada narrador possui um estilo, uma forma única de contar.

A ideia de escrever sobre esse tema me acompanha há muito tempo; eu só estava esperando a oportunidade certa para isso. A minha graduação foi em Educação do Campo¹. A Educação do Campo é uma proposta de educação que parte da experiência de vida concreta dos alunos, dos seus conhecimentos e saberes, produzidos no campo, que viabilizem compreensões críticas articuladas com questões sociais, nacionais e internacionais (Fernandes, Cerioli, Caldart, 2004). Como afirma Caldart (2002, p. 26), “[...] o povo tem o direito de ser educado no lugar onde vive; [...] o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais”.

No Brasil, a partir de 2008, essa proposta de educação, fruto das reivindicações dos movimentos sociais, foi abraçada por algumas universidades (UFMG, UNB, UFBA E UFS). Nessa perspectiva, em 1997, durante o I Encontro de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária (ENERA), essa nova proposta de educação começou a tomar forma. E, para dar vida a ela, criou-se, no final da década de 1990, a “Articulação Nacional Por uma Educação do Campo”, uma organização mais forte e apoiada por novos parceiros, dentre os quais estavam representantes de instituições públicas e não governamentais.

Com o propósito de dar seguimento às discussões voltadas para a Educação do Campo enquanto direito do camponês, realizaram-se duas conferências intituladas “Conferência Nacional Por uma Educação Básica do Campo”. A I Conferência aconteceu no ano de 1998, e a II, no ano de 2004. Essas duas conferências serviram para reafirmar a ideia de uma Educação do Campo como proposta política pedagógica diferenciada e cujo ponto de partida é a realidade vivida dos alunos e suas comunidades.

O objetivo da Educação do Campo é priorizar o olhar crítico sobre a realidade, sobre o mundo, a partir da realidade vivida dos seus beneficiários direto – o aluno e a sua família, que vivem e trabalham no campo. Isto é, os

¹ Licenciatura em Educação do Campo – UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). 2014

protagonistas e seus saberes acumulados no trabalho e na sociabilidade do dia a dia.

Por que letrar o campesinato se a aptidão original dele é o trabalho braçal com a terra? Este tipo de pergunta mostra falta de conhecimento da realidade dessas populações e evidencia concepções utilitaristas acerca de homens e mulheres do campo. Nessa perspectiva, a educação não é concebida como um direito universal, como um direito humano, mas, sim, como privilégio de uma minoria que teria à sua disposição servos e subalternos a quem delegar duros trabalhos e, com eles, fazer multiplicar suas riquezas particulares.

Graças aos movimentos sociais e à organização dos trabalhadores e trabalhadoras do campo, a Educação do Campo passou a fazer parte das pautas do poder público, passou, então, a fazer parte das pautas das Políticas Públicas. E, finalmente, no ano de 2001, são aprovadas as “Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo” (Parecer nº 36/2001 e Resolução 1/2002 do Conselho Nacional de Educação). Estes documentos anunciam o começo de uma nova batalha que se manifesta de modo mais contundente na II Conferência Nacional de Educação do Campo, realizada no ano de 2002. A partir das discussões realizadas, percebe-se que a luta não é apenas por uma educação básica, mas, por algo maior, uma educação que dialogue diretamente com a realidade de vida das pessoas que habitam o campo, mas também interconectada com questões nacionais e globais, como trabalho, cidadania, mudanças ambientais, defesa irrestrita dos direitos da pessoa humana. Sendo assim, a discussão a respeito deste novo modelo de Educação do Campo em discussão ultrapassa os muros da educação básica.

Pensando nisso, o nome do movimento muda e passa a ser “Por uma Educação do Campo”. Esta foi a forma encontrada para abraçar outras demandas, lutar pelos direitos dos povos do campo, formação de professores, um novo currículo voltado para a realidade do campo, inclusão da Educação do Campo nas agendas dos Governos Federais, Estaduais e Municipais.

Buscando reafirmar um modelo de educação para muito além do modelo de Educação Rural (modelo que consiste em apenas transferir os conhecimentos das escolas urbanas para as escolas do campo, de forma bastante precária), a proposta da Educação do Campo chega para romper com aquele modelo, defasado e capitalista, que considera o camponês culturalmente atrasado. Um modelo no qual uma pessoa não é percebida como sujeito de direito, produtora de saberes; assim os moradores de regiões rurais não careceriam de investimentos voltados para o ensino e a construção de novos conhecimentos e saberes.

São mais de 20 anos de discussões, e a luta por uma Educação do Campo continua. O mais importante é que o tema segue sendo discutido, despertando o interesse de pesquisadores, passando pelas mais diversas questões relacionadas ao assunto como novas formas de ensino, políticas públicas, currículo, materiais didáticos, relação campo-cidade, desigualdades sociais e educacionais, migração, direitos, e várias outras. Dentre os/as pesquisadores/as, estão (ARROYO; MOLINA, 2005), (ANTUNES-ROCHA,2009), (CALDART, 2002) e muitos outros que se dedicam a ampliar os horizontes sobre a Educação do Campo. É interessante lembrar que, antes de surgir o termo *Educação do Campo*, considerado relativamente novo, Paulo Freire já desenvolvia uma discussão voltada para a educação popular, uma proposta de educação libertadora que pudesse transpor os muros da desigualdade, que atendesse às necessidades sociais, culturais e políticas das classes trabalhadoras, dando início a esse movimento já na década de 60 (HADDAD, 2019)

O Curso de Licenciatura em Educação do Campo promove a formação de educadores em diversos campos do conhecimento, e, assim, se organiza em quatro áreas: Ciências da Vida e da Natureza; Línguas, Artes e Literatura; Matemática e Ciências Sociais; e Humanidades. Foi implementado em 2008, em quatro universidades (UFMG/UNB/UFBA/UFS), e hoje está presente em mais de quarenta Universidades.

Minha formação se deu na área de Língua, Artes e Literatura. Durante esse período, pude viver algumas experiências significativas, dentre elas,

desenvolver uma pesquisa de campo no Assentamento Dom Pedro Casaldáliga, no município de Cajamar-SP, com o objetivo de fazer um mapeamento das práticas de leitura, lá desenvolvidas (VIEIRA, 2015). Para tanto adotei o método de entrevistas semiestruturadas e conversas informais com crianças e adolescentes do Assentamento. A partir da pergunta “o que vocês fazem nas horas vagas?”, recebi respostas relatando diversas atividades como; assisto TV; gosto de ouvir música; durmo; faço desenho; estudo. Dentre essas várias atividades, aparecia também “eu leio”. Baseando-me na resposta obtida, eu ia construindo outras questões, como: “O que você gosta de ler? Qual gênero você lê? Em que suporte você lê? Onde você mais gosta de ler? Como os suportes de leitura chegam até o assentamento?”.

A pesquisa, realizada como trabalho final da graduação, reforçou o entendimento de que atividades com cirandas, teatro, música, contação de histórias, desenhos etc. ajudam a formar essas crianças enquanto leitores atentos, com potencialidade e capacidade de se apropriar do texto, compreendendo seu sentido, e buscando novas interpretações a partir de sua realidade. Nesse sentido, pode-se dizer que diversificadas práticas de leitura contribuem para formar leitores atentos à realidade e proficientes, nas palavras de Freire (2003)

[...] Desde que nascemos, vamos aprendendo a ler o mundo em que vivemos. Lemos no céu as nuvens que anunciam chuva, lemos na casca das frutas se elas estão verdes ou maduras, lemos no sinal de trânsito se podemos ou não atravessar a rua. E, quando aprendemos a ler livros, a leitura das letras no papel é uma outra forma de leitura, do mesmo mundo que já líamos, antes ainda de sermos alfabetizados (p. 5-6).

Foi possível perceber que as práticas de leitura possibilitam criar visões de mundo a partir dos diversos modos e suportes, o que nem sempre o letramento escolar consegue assegurar, já que é muito limitado pela estrutura curricular e programas pré-estabelecidos das disciplinas. Sua capacidade de estimular a criatividade é pequena frente ao manancial de situações e interações sociais que a realidade apresenta. Para Rojo (2004) isto

[...] se dá, em boa parte, porque as práticas didáticas de leitura no letramento escolar não desenvolvem senão uma pequena parcela das capacidades envolvidas nas práticas letradas exigidas pela sociedade abrangente: aquelas que interessam à leitura para o estudo na escola, entendido como um processo de repetir, de revozear falas e textos de autor(idade) – escolar, científica – que devem ser entendidos e memorizados para que o currículo se cumpra. Isto é feito, em geral, em todas as disciplinas, por meio de práticas de leitura lineares e literais, principalmente de localização de informação em textos e de sua repetição ou cópia em respostas de questionários, orais ou escritos. (p. 1-2).

Nessa perspectiva, por meio da pesquisa, pude concluir que as práticas de leitura desenvolvidas de forma articulada entre o espaço do assentamento – como local de vida, de trabalho, de construção de saberes e transmissão de conhecimentos – e a escola, como espaço de letramento devidamente estruturado, física e profissionalmente, bem como orientado por Projetos Políticos Pedagógicos que priorizem a formação de cidadãos e cidadãs para além das competências profissionais, parecem dar forma a uma proposta pedagógica concretamente libertária.

Depois disso, fiz uma Especialização em Direito Agrário, período em que tive a oportunidade de investigar como se dá a construção e o fortalecimento de novos saberes e novos protagonistas, a partir do acesso ao direito à Educação do Campo, e pude perceber que a garantia desse acesso possibilita o desenvolvimento de diversas formas de letramento, inclusive a oralidade, contação de histórias e outras artes – a partir da realidade vivida dos/as alunos/as. A realização da especialização me abriu caminhos para ingressar no mestrado. A entrada no mestrado foi a realização de um sonho, pois desde a graduação eu tinha vontade de aprofundar melhor os estudos sobre as contribuições da oralidade para a construção de novos conhecimentos. Com esse propósito, fiz um recorte, com ênfase nas práticas de contação de histórias, e trazendo a seguinte inquietação: “como e em que condições sociais na atualidade, as práticas de contação de histórias se articulam entre escola e comunidade, numa região onde tradicionalmente as narrativas orais têm uma forte presença?”

1.2 Entrada no campo: uma jornada virtual

O percurso de pesquisa foi para mim um tempo de aprendizado e partilha, mas foi também um período de angústia e de muitas incertezas, isso porque a pesquisa se deu durante o período de pandemia da Covid-19. Estava tudo acertado para que o trabalho de campo se iniciasse em março de 2020, porém, isso não foi possível, pois, nesse período, as autoridades de saúde emitiram um alerta para o perigo que assolava a humanidade. A Covid-19 chega com força ao Brasil, e, junto com ela, o medo, a insegurança, as restrições e a necessidade de se reinventar nas mais diversas funções e áreas, tempo de se proteger e de proteger o outro.

Diante dessa nova realidade, devido aos riscos de contaminação pela Covid-19, senti a necessidade de efetuar mudanças no desenho metodológico da pesquisa, a começar pela forma de fazer as entrevistas planejadas e pelo estabelecimento de novos critérios de escolha dos alunos a serem entrevistados. Originalmente, os colaboradores da pesquisa seriam alunos da Educação Infantil, professoras, familiares das crianças, da escola e da respectiva comunidade. Assim, a princípio, as entrevistas seriam realizadas presencialmente. Em razão das restrições impostas pela pandemia, tive que suspender as entrevistas presenciais e adotar o vídeo, através do aplicativo WhatsApp, ou apenas o áudio, por chamadas telefônicas, de acordo com as condições e possibilidades das pessoas envolvidas. O uso de outros aplicativos não foi possível, por se tratar de uma comunidade rural, na qual os recursos tecnológicos ainda são um pouco escassos. A rede de internet chegou lá recentemente, os moradores ainda estão se adaptando e aprendendo a lidar com essa nova tecnologia, assim como a utilizar todos os recursos disponíveis.

Quanto aos alunos, achei melhor trabalhar com duas turmas multisseriadas do segundo, terceiro, quarto e quinto anos do Ensino Fundamental, em vez de alunos da Educação Infantil, isso porque seria mais complicado trabalhar com estes últimos remotamente, visto que eles necessitariam de uma interação mais próxima e de uma atenção maior, o que só seria possível presencialmente.

A pesquisa, que seria presencial, passou, então, a ser desenvolvida de forma remota, obedecendo às regras de distanciamento social. Durante esse processo, enfrentei alguns desafios como, lidar com os imprevistos do tipo: perda do sinal de internet, assim como do sinal telefônico devido a algum problema com as antenas. Até mesmo quando ocorria um vento forte, a antena mudava de posição e eu perdia o contato com os entrevistados. Contudo, para além dos desafios, pude contar com o apoio incondicional dos sujeitos pesquisados, que aceitaram participar da pesquisa mesmo com todas as dificuldades citadas.

Primeiramente, o objetivo seria conhecer a escola, para compreender melhor o contexto sócio-histórico e cultural em que está inserida. Esse primeiro contato foi possível de ser realizado antes do início da pandemia da Covid-19; no entanto, o segundo momento – que seria dedicado à observação de como as narrativas orais se fazem presentes nas práticas pedagógicas – teve que sofrer modificações. Com a devida autorização dos pais dos alunos, seriam gravadas em vídeo algumas atividades de contação de histórias, com ou sem a mediação de livros. Além das observações das práticas de contação de histórias, seriam realizadas entrevistas presenciais, conversas informais e registros de depoimentos de alunos e professores. Porém, em razão da crise sanitária, o formato das entrevistas foi alterado, como eu disse anteriormente.

A segunda etapa, caracterizada por entrevistas com os alunos, seus familiares, e com contadores de histórias na sua comunidade, teve o objetivo de: (a) mapear quais as atividades culturais estão presentes na comunidade; (b) verificar a ocorrência da tradição de contação de histórias, bem como quem as conta, quem as ouve e como são contadas; (c) levantar quais os temas mais recorrentes na contação de histórias; d) verificar se há influência desta tradição e forma de leitura na sociabilidade das comunidades, na organização social, na formação cultural e política dos moradores. As entrevistas semiestruturadas foram previamente planejadas e realizadas através de chamadas de vídeo, com o uso de gravador, câmera fotográfica e telefone celular.

Como foi dito anteriormente, o desenho metodológico desta pesquisa sofreu algumas modificações em decorrência da Covid-19; dentre as várias mudanças

ocorridas, uma delas foi a forma de realização da pesquisa de campo que, a princípio, seria presencial e passou a ser realizada de maneira remota. Dada essa nova condição, iniciei uma corrida contra o tempo para conseguir colocar em prática essa nova modalidade de trabalho. Surgiram também dúvidas e inseguranças a respeito do desenvolvimento da pesquisa, pois se tratava agora de uma realidade completamente diferente do que já se tinha visto, já que o distanciamento social passou a fazer parte do dia a dia das pessoas. A minha situação não era das melhores, a distância física entre mim e o local onde a pesquisa seria realizada falava mais alto; fiquei alguns dias pensando como eu, morando em São Paulo, iria conseguir desenvolver um trabalho de campo no interior de Minas Gerais, sem poder me deslocar até lá. E mais: tratava-se de uma comunidade rural, local desprovido de recursos tecnológicos mais sofisticados, o que dificultaria um pouco mais o trabalho.

Diante dessa situação, fez-se necessária uma readequação dos instrumentos da pesquisa, a começar por adaptar o projeto a essa realidade de distanciamento social e adotar uma nova estratégia de trabalho. Foi preciso contatar os colaboradores da pesquisa para fazer um levantamento de suas especificidades e dos recursos que teriam disponíveis em se tratando de tecnologias. Com essas informações, foi possível reorganizar a metodologia que seria utilizada; por exemplo, os roteiros de entrevista, que não contariam mais com a interação face a face, mas, sim, com recursos de áudio e vídeo.

O primeiro contato feito antes da pandemia foi com a diretora da escola, pessoa que tive a honra de conhecer em outra oportunidade quando fui, pessoalmente, a Araçuaí para apresentar o meu projeto. Ela me atendeu prontamente, ouviu os meus anseios e solicitações e já começou a me ajudar, indicando as professoras com o perfil desejado para pesquisa e logo me colocando em contato com elas.

Esse primeiro contato, que antecedeu o fechamento da escola pela necessidade de distanciamento social, viabilizou a pesquisa. Depois dele, à distância, pude fazer contato com as professoras indicadas pela diretora via chamada de vídeo (WhatsApp) e de voz, isso porque a comunidade rural onde uma delas reside não possuía internet na época em que foram realizadas as

entrevistas. Foi assim que consegui realizar minha primeira entrevista, no dia 2 de setembro de 2020. Daí em diante, as coisas começaram a fluir melhor, eu já estava mais familiarizada com a nova realidade e o acolhimento que recebi por parte dos sujeitos da pesquisa me ajudou muito a seguir em frente.

Durante as entrevistas, as professoras indicaram os alunos, possíveis participantes da pesquisa, digo 'possíveis' porque, após a indicação feita por elas, eu precisava entrar em contato com eles e seus familiares para apresentar a minha proposta de pesquisa e convidá-los a participar, se assim fosse da sua vontade e de seus responsáveis. Nesta nova etapa, tudo transcorreu da melhor maneira possível; fui acolhida pelos alunos e seus familiares, que se dispuseram a participar, mesmo com as dificuldades existentes no âmbito dos recursos tecnológicos. No decorrer das entrevistas, consegui também marcar uma roda de contação de histórias virtual, momento em que pude reunir os entrevistados em uma só chamada com o objetivo de ouvir e de contar histórias. A proposta era entrevistar alunos e familiares separadamente; para isso foram elaborados dois diferentes roteiros de entrevistas, um para os alunos e outro, para seus familiares, mas, devido às condições em que os encontros ocorreram, tive a oportunidade de entrevistar cada aluno e seu(s) familiares em um mesmo momento. Como os encontros ocorreram remotamente e em um período em que as pessoas estavam ficando mais em casa, devido à necessidade de manter o distanciamento social, nos momentos da entrevista, os alunos estavam sempre acompanhados por um adulto da família, ou até mais de um; essa particularidade proporcionou um diálogo coletivo durante os encontros.

A terceira e última etapa do trabalho de campo consistiu na entrevista com os contadores de histórias. Eu estava preocupada com essa etapa prevista no projeto, pois se tratava de conversas com pessoas de idade mais avançada, e eu receava que elas não conseguissem interagir com o mundo virtual. Mais uma vez me surpreendi e, ao mesmo tempo, me emocionei com a capacidade de adaptação e de resiliência que tem o ser humano. As entrevistas foram concedidas e saíram melhores do que eu imaginava, tanto no que se refere às

respostas obtidas como também à duração de cada uma delas, com direito a contação de histórias.

1.3 Os colaboradores da pesquisa, as entrevistas e o tratamento de dados

A pesquisa contou com 16 participantes, membros da escola (alunos e professores), pessoas do meio familiar de algumas crianças, e também com contadores de histórias da comunidade, de acordo com os seguintes critérios: 1) considerando que as entrevistas foram realizadas com alunos de duas turmas multisseriadas do Ensino Fundamental I, participaram as duas professoras que atuam nas turmas; foram selecionados três alunos e membros de suas famílias que constituíram o grupo de colaboradores da segunda etapa. Como não houve observação *in loco*, pedi aos professores entrevistados que indicassem os nomes dos alunos para participar da pesquisa; 2) na segunda etapa, participaram da pesquisa, remotamente em roda de conversa sobre a prática de contação de histórias na família e na comunidade, quatro adultos das famílias, mais especificamente, pais e mães das três crianças; 3) e, por fim, para se compreender melhor a prática da contação de histórias no contexto cultural da comunidade, três contadores de histórias foram entrevistados também remotamente.

Na etapa com professoras, da escola, foram realizadas entrevistas com 2 professoras (do Ensino Fundamental I). O roteiro da entrevista (APÊNDICE A) dirigida a essas colaboradoras continha dois blocos de questões: o primeiro, voltado à formação e às práticas de contação de histórias na infância, no ambiente familiar e na escola; o segundo bloco, voltado para o presente, teve como foco as práticas de contação realizadas pelas professoras com seus alunos. Foi utilizado um roteiro de entrevista passível de ser modificado ao integrar novas questões não previstas que foram surgindo no decorrer da conversa.

Na segunda etapa, realizei entrevistas com os pais e com as crianças. Lembro mais uma vez que as entrevistas foram feitas remotamente, através de chamadas de vídeo, respeitando as recomendações de distanciamento social.

Em resumo, na etapa que envolvia professoras e alunos da escola do campo, as entrevistas foram direcionadas para professores e alunos de duas turmas multisseriadas do Ensino Fundamental I; na etapa voltada para pessoas do círculo mais amplo da comunidade, foram entrevistadas pessoas das famílias dos alunos e outros sujeitos envolvidos em atividades de contação de histórias. As ações foram desenvolvidas com integrantes da escola e da comunidade com o objetivo de mostrar se e como a contação de histórias se faz presente nesses dois ambientes.

As entrevistas semiestruturadas possibilitaram um melhor diálogo com os entrevistados, pois o fato de não haver uma lista de questões muito fechadas contribuiu para a desenvoltura nas respostas e deixou os entrevistados e pesquisadora mais à vontade, possibilitando-nos liberdade de interferir ou trazer elementos novos para a interlocução, sempre que achávamos oportuno

Na intenção de alcançar os objetivos propostos por esta pesquisa, optei pela abordagem qualitativa, utilizando os mencionados instrumentos da etnografia, de modo remoto. Este tipo de abordagem me possibilitou ver e compreender elementos subjetivos, que, só a partir de uma investigação dessa natureza, é possível identificar. Segundo Godoy (1995).

Os pesquisadores qualitativos tentam compreender os fenômenos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos participantes. Considerando todos os pontos de vista como importantes, este tipo de pesquisa ilumina, esclarece o dinamismo interno das situações, frequentemente invisível para observadores externos. (p.63)

A sistematização de dados e a redação da dissertação foram realizadas desde o início da pesquisa de campo e se estenderam até o final dessa dissertação.

O processo de análise consistiu nas seguintes etapas: o primeiro passo foi conhecer e organizar os dados coletados nos áudios/vídeos e em relatos contidos no caderno de campo. Concomitante a esta organização, foi iniciada a

transcrição das entrevistas. Durante o processo de transcrição procurei ser fiel aos modos de fala dos entrevistados, respeitando seus dialetos e maneiras de se expressarem. Feito isso, dei início à análise do material coletado através do tratamento de dados (leitura cuidadosa, inferências e interpretação do material obtido), para identificar respostas correspondentes às questões contidas no roteiro de entrevistas, articuladas aos objetivos da pesquisa.

1.4 Aprofundando um pouco mais sobre o tema

No processo de levantamento bibliográfico para elaboração da revisão de literatura, consultei algumas plataformas digitais como Google Acadêmico, Banco de Teses e Dissertações da CAPES, Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações e Bibliotecas Digitais de Universidades. Em um levantamento geral, buscando pelo termo “contação de histórias”, foi gerado o número de 16.300 resultados, entre teses, dissertações, artigos e publicações. Nos bancos de teses e dissertações, localizei um total de 310 trabalhos, sendo 75 teses e 235 dissertações, números que englobam todas as áreas. Na área de educação, registrou-se um total de 138 trabalhos. Ao filtrar a busca para o termo “histórias tradicionais”, surgiram apenas 12 resultados. No decorrer desse processo de busca, pude perceber que a “contação de histórias” se faz presente nas mais diversas áreas do conhecimento; cada área a utiliza de acordo com suas particularidades e necessidades.

Após esse levantamento, selecionei seis trabalhos para dialogar com a minha pesquisa, usando como critério o fato de cinco deles serem da área da educação e linguagem, e um, da área de meio ambiente. Para início de conversa, trago aqui o trabalho de Pereira (1996), “*O artesão da memória no Vale do Jequitinhonha*”, no livro que é fruto da dissertação de mestrado da autora. Nesta obra, ela discorre sobre a memória histórica da região a partir do olhar dos contadores/narradores, que conseguem unir passado, presente e futuro com os fios da narrativa oral. Este trabalho chamou minha atenção pelo fato de ser considerado uma das primeiras pesquisas nesta área do

conhecimento a ser desenvolvida naquela região, considerando a importância da memória coletiva e da cultura popular, tópicos que pretendo abordar.

A oralidade nos permite transitar por diversos territórios do saber; considero importante lembrar que ela não está separada da escrita, pelo contrário, elas andam juntas e muitas vezes se completam. Foi possível observar esse fenômeno nos trabalhos de Tonelli (2005), Lima (2015) e Porto (2013) que apresentam a contação de histórias por meio de uma perspectiva pedagógica, uma proposta de incentivo ao desenvolvimento e à valorização da oralidade como prática de construção social do conhecimento. Estes autores apontam para as inúmeras possibilidades de uso da contação de histórias na sala de aula. O estudo de Ribeiro (2013) analisa como acontece essa mobilidade da cultural popular e oral para o território escolar, observando como a escola acolhe e reconfigura o ato de contar.

A prática de contação de histórias se constrói a partir de uma interação entre narrador/contador e ouvinte e é neste momento que ocorre uma vasta produção e troca de conhecimento; a este respeito, Dounis (2012) traz uma abordagem voltada para o diálogo intercultural, apresentando a narração de histórias tradicionais das culturas africana e indígena na prática de educação ambiental.

Todos esses trabalhos se aproximam dos meus objetivos e trouxeram contribuições significativas ao percurso metodológico e teórico da minha pesquisa. Busquei investigar como se relacionam essas práticas comunitárias e escolares, nas quais acontecem troca de saberes, conhecimentos e significados do mundo entre aluno e professor. A contação de histórias proporciona um ambiente que incentiva a criatividade, onde cada pessoa tem o direito de expressar sua cultura e leitura da realidade social, intercambiando experiências e difundindo saberes e conhecimentos.

No desenvolvimento da pesquisa, foi necessário estabelecer interfaces teóricas com diferentes campos de conhecimento. Em primeiro plano, fez-se necessário

discutir a oralidade no contexto mais amplo dos letramentos – Soares (2003; 2010), Rojo (2004; 2010) – pelo fato de as práticas orais não estarem, nas sociedades contemporâneas, mesmo nas tradicionais, desvinculadas das demais práticas de linguagem, e por ser a contação de histórias na infância uma importante etapa do letramento literário. Além disso, há um aporte metodológico, sobretudo em noções desenvolvidas pelos Novos Estudos do Letramento – Street (2012; 2014), Heath (1992) – que foi importante para a pesquisa tais como as de práticas e eventos de letramento. Antes da reestruturação da metodologia de pesquisa, em decorrência das condições criadas pela pandemia, a ideia era poder realizar as observações desses eventos *in loco*, eventos esses que configuram as práticas. (HEATH, 1983, p. 93) considera como eventos de letramento “qualquer ocasião na qual um texto escrito é parte integrante da natureza das interações entre os participantes e de seus processos de interpretação”. Foi a partir desse conceito, criado por Heath, que Street (1984, p. 1) elabora o termo “práticas de letramento”, com o objetivo de destacar as “práticas sociais e concepções de leitura e escrita” que esses indivíduos trazem consigo para os eventos. Mas, embora a observação desses eventos não tenha sido possível, consegui me aproximar e entender um pouco sobre eles a partir do que os participantes me relataram.

Questões referentes ao letramento literário contaram com os estudos de Paulino (1999; 2001; 2005; 2006; 2010; 2012), Cosson (2006; 2014), entre outros. Há registros de que o termo letramento tenha chegado ao Brasil por volta de 1986. Conforme nos diz Soares (2009, p. 33), esse termo parece ter sido usado pela primeira vez no país, no ano de 1986, por Mary Kato, no livro “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística”. A partir dessa época, o termo passou a atrair a atenção de estudiosos em diversas áreas do conhecimento. Embora tenha chegado no Brasil em meados dos anos 1980, o termo já vinha sendo estudado e já aparecia nos dicionários ingleses desde o Século XIX. Entre as diversas definições do termo, Cook-Gumperz (1986) afirma que,

Letramento não é apenas a simples habilidade de ler e escrever: mas ao possuir e desempenhar essas habilidades

nós exercitamos talentos aprovados e aprováveis socialmente; em outras palavras, o letramento é um fenômeno socialmente construído. (p. 1).

Pode se dizer que existem diferentes tipos de Letramentos, e, dentre eles, está o Letramento Literário. Para Cosson (2014), trata-se de um “processo de apropriação da literatura enquanto linguagem”. Para Paulino (1998, p. 16), o letramento literário não se difere de outros letramentos; segundo ela, “como outros tipos de letramento, continua sendo uma apropriação pessoal de práticas de leitura/escrita, que não se reduzem à escola, embora passem por ela”. Este conceito de letramento literário passa também pela oralidade, forma de apresentação dos textos literários que surgiu antes da escrita e atravessa os tempos até os dias atuais. Hoje, essas práticas de letramento literário coexistem com os registros escritos das histórias narradas e há uma constante troca entre a oralidade e a escrita, em diferentes graus de dependência mútua, nas atividades de contação de histórias.

Bakhtin (1986; 2003; 2006) deu suporte à concepção da linguagem como um processo de interação social. Bakhtin (1986) diz:

A verdadeira substância da linguagem não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação ou pelas enunciações. A interação constitui, assim, a realidade fundamental da linguagem. (p. 123)

Atualizando o conceito de interação verbal formulado por Bakhtin, pode se dizer, então, que não precisamos estar juntos face a face para que a enunciação possibilite o diálogo e a compreensão em situações comunicativas, proporcionando condições propícias para se refletir sobre um determinado tema em diferentes espaços sociais, entre eles os espaços virtuais.

No que diz respeito à Educação do Campo, sobretudo no reconhecimento de especificidades da escola onde estudam as crianças e onde trabalham as professoras desta pesquisa, para melhor compreender o lugar de fala desses

sujeitos e as relações entre eles, a pesquisa apoiou-se em trabalhos de diversos autores desse campo de estudos: Arroyo (1999); Caldarte (2010) e Molina (2006).

Os estudos de Machado (2004), Matos (2005), Benjamin (2008b) e Busatto (2006 e 2012), nos auxiliaram a entender um pouco melhor sobre a importância do ato de contar/narrar. Patrini (2005), Campbell (1990), Ramos (2011) foram importantes para fundamentar a prática da contação de histórias enquanto cultura popular.

De uma perspectiva histórico-temporal, a contação de histórias nos remete às relações sociais humanas anteriores à escrita. Patrini (2005) diz que:

O conto oral é uma das mais antigas formas de expressão. E a voz constitui o mais antigo meio de transmissão. Graças à voz, o conto é difundido no mundo inteiro, preenche diferentes funções, dando conselhos, estabelecendo normas e valores, atentando os desejos sonhados e imaginados, levando às regiões mais longínquas a sabedoria dos homens experimentados. (p. 118)

Neste sentido, Campbell (1990) aponta que a contação de histórias se faz presente no mundo desde os nossos ancestrais, que a utilizavam para narrar os feitos do dia a dia (caçadas, aquisição de alimentos, respeito aos animais...) perpetuando suas histórias, cultura e costumes, de geração em geração, numa intensa troca de conhecimento e aprendizado que perdura até hoje. Ramos (2011) nos mostra como essa prática ainda se faz presente nos dias de hoje e de que forma ela pode contribuir para a formação de alunos-leitores. A autora faz uma abordagem desse tema em seu trabalho a partir de uma perspectiva pedagógica.

Resgatar nossa história significa valorizar nossos ancestrais, conhecer nossas origens, poder construir o presente de forma sólida e desenhar nosso futuro com os personagens que quisermos. Contar histórias significa comunicar-se através dos tempos. Isto porque a oralidade está presente desde as mais antigas civilizações e as histórias podem ser contadas através das mais diversas linguagens, escrita, fala, música, dança, gestos, sinais, desenhos e muitos outros elementos, conforme nos mostra Bia Bedran (2012)

Desde que o mundo é mundo, o homem sempre esteve ao lado de suas narrativas, ao redor do fogo, por meio da escrita rupestre entremeada de sons guturais até a elaboração da linguagem. Contando sua própria história e a do mundo, o homem vem se utilizando da narrativa como recurso vital e fundamental. Sem ela, a sociabilidade e mesmo a consciência de quem somos não seria possível. (p.25)

Assim, a prática de contação de histórias pode ser vista como um importante instrumento de constituição e propagação de conhecimento, costumes e valores, desempenhando um papel fundamental na preservação da cultura e memória de um povo.

Para Pennac (1993, p.124), a “contação de histórias é um momento mágico que envolve a todos [...]”. Ao contar histórias, o professor estabelece com o aluno um clima de cumplicidade que remete à época dos antigos contadores que, ao redor do fogo, contavam, a uma plateia atenta, as histórias, costumes e valores do seu povo. A plateia não se reúne mais em volta do fogo, mas, nas escolas, os contadores de história podem ser professores, alunos e pessoas das comunidades onde vivem.

A tradição de contar histórias não apenas sobreviveu às marcas do tempo, como também se adaptou às mudanças ocorridas, ultrapassando as fronteiras dos quintais e ganhando outros territórios como escolas, hospitais, palcos, ruas e praças. Podemos dizer que está presente nas mais diversas agências de conhecimento. E, mesmo passando por todas essas transformações, continua viva no imaginário popular, como nos mostra Patrini (2005):

Na sociedade brasileira, sobretudo nas zonas rurais e periféricas das cidades, as distinções entre oralidade e escrita não são muito marcadas. No Nordeste, por exemplo, a existência de uma cultura oral é evidente. As práticas sociais são vividas de maneira intensa através dos jogos, das festas populares, que fazem parte de um patrimônio cultural variado e rico em símbolos: canções em torno da mesa ou do fogo, danças e festas de casamento, jogos típicos da infância, ritos coletivos de religiões populares e esculturas em madeira que criam personagens de um universo original. (p.20)

Essas práticas sociais ainda são muito marcantes nas comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, sobretudo no município de Araçuaí, região onde esta pesquisa foi desenvolvida.

Villardi (1997) observa que a contação de histórias nos processos de ensino-aprendizagem viabiliza diversas possibilidades de conhecimento e apropriação da história, de transformação dos indivíduos e da realidade social.

Essas diversas alternativas, que a contação de histórias nos oferece, fazem parêntese com as propostas da educação do campo, cujo objetivo consiste na construção de conhecimentos e saberes a partir da experiência de vida de seus alunos no espaço rural. Há 27 anos, Freire (1996) já apontava para a importância e necessidade da participação ativa dos educandos no processo de ensino e aprendizagem, através de seus conhecimentos prévios.

Neste sentido, podemos dizer que a contação de história faz parte de um conjunto de eventos que compõem o letramento ideológico, uma concepção de letramento que, segundo Street (2014), ultrapassa as barreiras da habilidade de aprendizagem da leitura e da escrita (alfabetização). O autor afirma que o letramento ideológico está diretamente ligado aos processos socialmente construídos, pois os modos pelos quais as pessoas utilizam a leitura e a escrita são atrelados às concepções de conhecimento, identidade e modos de ser e estar inseridos nas práticas e/ou contextos sociais dos indivíduos.

Antigamente, era responsabilidade do narrador/contador de histórias, a tarefa de transmitir conhecimentos, valores e costumes de um povo através da oralidade. Pessoas de todas as idades se reuniam para ouvir essas narrativas tradicionais. Os narradores/contadores de histórias são considerados grandes comunicadores, e ainda continuam difundindo a troca de saberes através da oralidade. Busatto (2006) nos diz que

(...) atualmente esses sujeitos-narradores-contadores, herdeiros da tradição da oralidade já se encontram inseridos num contexto mediado pelos novos meios de comunicação e transmissão de saber. Estão por aí, nas comunidades centrais ou periféricas dos grandes centros urbanos; na zona rural; nas comunidades litorâneas ao longo da costa do Brasil; [...] porém,

com um diferencial: eles ainda mantêm o tempo preso nos seus atos e nas suas palavras. (p. 19-20)

Vale ressaltar que essa forma de transmitir conhecimento não é passível de avaliação de desempenho, ela faz parte de um processo natural que nos permite refletir, pensar, imaginar, questionar e descobrir coisas novas.

2. CAPÍTULO I - NAVEGANDO PELAS ÁGUAS DO JEQUITINHONHA

Vale que vale cantar
Vale que vale viver
Vale do Jequitinhonha
Vale eu amo você
Verono, música Jequitivale

2.1 Conhecendo o Vale

Situado no Nordeste de Minas Gerais, a mesorregião do Jequitinhonha (Figura 1) fica entre o Vale do Mucuri e o Norte de Minas Gerais. Composta por 55 municípios, compreende um total de 14% do território mineiro, aproximadamente 85.000 km² (IBGE, 2015).

O Vale do Jequitinhonha é banhado pelo Rio Jequitinhonha, que abrange 50.000 km²; segundo dados do último censo do IBGE, a região possui uma densidade populacional de mais de 950 mil pessoas. A palavra Jequitinhonha na língua dos Maxacalis, significa “rio largo e cheio de peixes”, este é um dos muitos traços que nos remete à presença indígena naquela região. A mesorregião do Vale está dividida em três microrregiões que compreendem o Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha. O Rio Jequitinhonha nasce no Alto Jequitinhonha, na cidade do Serro, passa por todo o nordeste de Minas Gerais e deságua no Oceano Atlântico, em Belmonte – BA.

Por muitos anos, o Vale do Jequitinhonha ficou conhecido como Vale da Miséria, rótulo herdado pela ausência de investimento por parte do poder público. Por muito tempo, só se ouvia falar do Vale em épocas de eleições, quando os políticos visitavam a região para angariar votos e depois não mais voltavam; a população continuava esquecida, carente dos serviços básicos que eram seus por direito. Cada um lutava como podia para viver com o mínimo de dignidade. Segundo Nascimento (2009),

o Vale do Jequitinhonha, embora estigmatizado ao longo do tempo pelo estereótipo miserável da carência, em função da existência de sérios problemas de ordem social e econômica, agravados por fatores de ordem ambiental, também apresenta uma rica cultura, que se manifesta de várias formas entre o seu

povo. Assim, poderíamos caracterizar a região em função dos seus extremos, mas extremos que interagem entre si, num processo dialético configurando a realidade vivenciada pelos moradores do Vale do Jequitinhonha. (p.9)

Devagar, esse cenário de carência começou a apresentar mudanças. A população do Vale, conhecida também pela sua força, garra e determinação, juntando todos esses adjetivos, e com o apoio de diversas ONGs, deu início a um processo de ressignificação local, passando a lutar pelos seus direitos, a entender e conhecer o valor da região, tornando-se protagonistas.

Esse processo de mudança começou a dar mais visibilidade para a riqueza existente na região, riqueza material, social, cultural e humana. No Vale, a vida é tecida através da arte, a arte de contar e cantar, bordar, moldar o barro e a madeira; são costumes passados de geração em geração, é um ciclo que move a vida daquela população, dando o recado de que o Vale também é sinônimo de resistência, luta, cultura e educação.

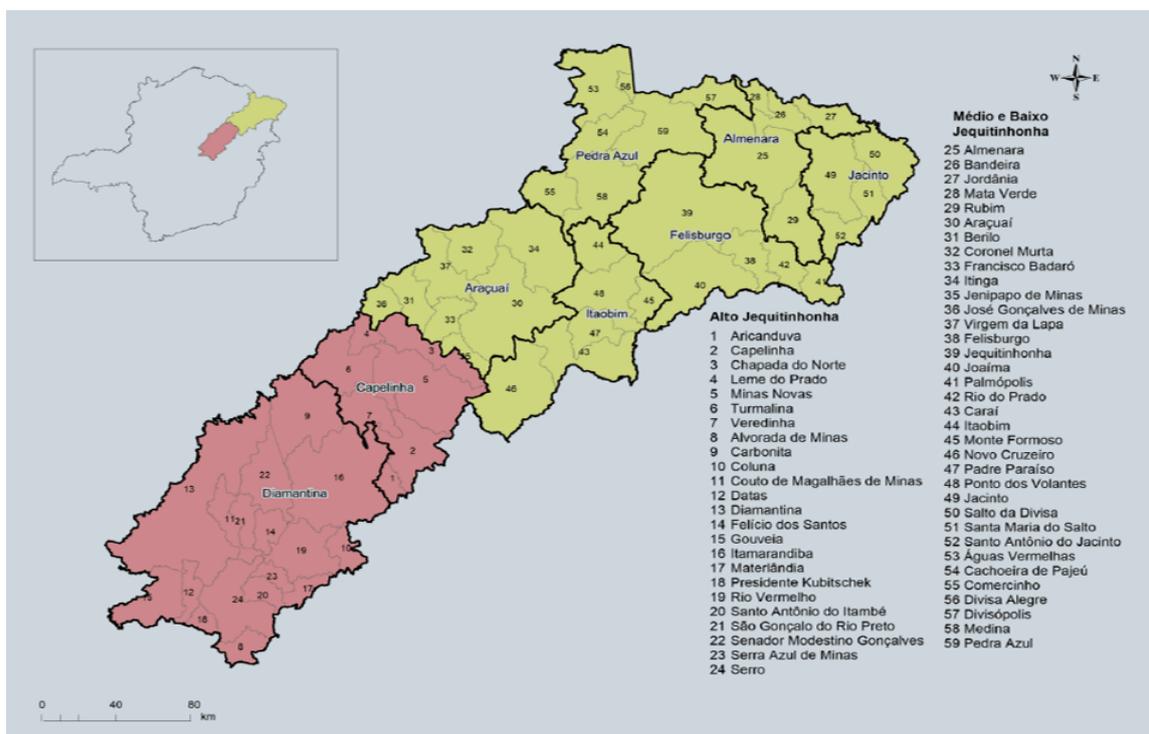


Figura 1: Reprodução/Plano de Desenvolvimento para o Vale do Jequitinhonha – Fundação João Pinheiro

2.2 Vale do Jequitinhonha também é cultura

Apesar dos inúmeros problemas enfrentados pela população – desigualdade na distribuição de renda, escassez de água, precariedade nos serviços de saúde e educação – o Vale se destaca pelo seu rico patrimônio histórico-cultural, pelas festas religiosas (festa do rosário, folias de reis, congadas...), festivais culturais, músicas e danças, como é o caso do FESTIVALE (Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha). Segundo Pereira (2020),

Idealizado nos anos 70, o Festivale tem como objetivo preservar a cultura do Vale do Jequitinhonha. Criado em 1978 por jovens universitários da região, residentes em Belo Horizonte, ligados ao jornal Geraes, eles se autodenominaram “Filhos do Vale”, que incluíam Aurélio Silby, Carlos Figueiredo, George Abner e Tadeu Martins.

A proposta colocada pelo jornal era: “dar voz e vez aos trabalhadores da região e mostrar o homem do Vale, suas realizações, seus sonhos e sua luta por melhores condições de vida”. Isso levantou a discussão política e cultural no Vale.

Tadeu Martins, um dos idealizadores do Festivale, conta sobre o início do movimento: “Em novembro de 1979, o jornal promoveu o ‘1º Encontro de Compositores do Vale do Jequitinhonha’. Eram 22 compositores de 15 cidades da região, que nunca tinham se encontrado para mostrar suas canções.

O evento deu tanto resultado que, em pouco tempo, se transformou no Festivale, para ser a reunião anual de todas as manifestações culturais da região: músicos, poetas, artesãos, congadeiros, foliões, batuqueiros, escritores, repentistas, cantadores e contadores de ‘causos’, escrevendo juntos “A vida do Vale em verso e viola.”

Segundo Tadeu, “é preciso que o Vale se conheça. Só quem conhece, gosta. Só quem gosta, defende. Só quem defende, divulga. E é divulgando que defendemos, porque gostamos e conhecemos, e assim vamos ajudar a desenvolver o Vale do Jequitinhonha².

Iniciativas como essas contribuíram para a valorização da cultura local e para a revitalização de suas manifestações culturais. Dentre elas, destacam-se o artesanato, as tradições orais das lendas e dos contos populares, passados de uma geração a outra, a música, as danças, enfim, um conjunto de manifestações que integram o cotidiano da população.

² <<https://www.serro.mg.gov.br/portal/noticias/0/3/1411/serro-sediara-o-36-festivale--festival-de-cultura-popular-no-vale-do-jequitinhonha>>.

As dificuldades de convivência com o semiárido, devido à escassez de trabalhos remunerados, contribuíram para que o povo, em especial as mulheres, se tornasse protagonista do seu próprio destino, dando origem a um rico capital social e cultural.

Em busca de melhores condições de vida, essa região é caracterizada por um forte fluxo migratório, e, todos os anos, jovens e adultos emigram do Jequitinhonha para trabalhar em outros estados brasileiros. É durante esse período que a maioria das mulheres se tornam chefes de família. Além de criar os filhos, fazer os serviços domésticos, cabe a elas cuidar da lavoura e gerar o sustento para si e para seus dependentes. Ao passar por essas dificuldades, as mulheres viram no artesanato uma fonte de renda. Tempos atrás, essa atividade era desenvolvida apenas para fabricar peças de utilidades domésticas; com o passar dos anos, as mulheres descobriram que, além de construir seus próprios utensílios com o barro, elas também poderiam criar outros objetos, como vasos, bonecas e diversas esculturas que se tornariam objetos de decoração em várias regiões do Brasil e até do exterior.

O artesanato do Jequitinhonha ficou famoso no mundo, e essa atividade passou a ser exercida não apenas pelas mulheres, mas também pelos homens, que, juntos, primam pela criatividade nas peças que contam a história do povo do Jequitinhonha. A matéria-prima utilizada é bastante diversificada: barro, madeira, couro, bambu, linha, e muitos outros elementos que narram histórias dos costumes, das brincadeiras, dos ofícios, entre tantas outras atividades da vida do Vale.

As artesãs passaram a ver o barro como uma forma de complementação da renda familiar, assim como uma oportunidade de expressar sentimentos com beleza e criatividade. Ao ver o trabalho deslanchar, resolveram que deveriam se reunir em grupo para fortalecer os laços, trocar experiências e focar mais o trabalho com o artesanato.



Figura 2: Dona Isabel, artesã do Vale do Jequitinhonha - Revista Prosa, verso e arte

Diante de todo esse trabalho e empenho, após um longo período de estudos e processos de construção coletiva de conhecimentos, em uma cerimônia ocorrida no dia 19 de dezembro de 2018, o artesanato em barro do Vale do Jequitinhonha tornou-se patrimônio imaterial de Minas Gerais – o registro contempla saberes, ofício e expressões artísticas –, após votação unânime do Conselho Estadual do Patrimônio Cultural (Conep).

Recentemente, uma nova iniciativa local tem dado o que falar tanto no Vale do Jequitinhonha, como também em outras partes do Brasil e até no exterior: é o Projeto “Versinhos de Bem-querer”³, criado pela ONG Tinguí⁴. No início o seu objetivo era de caráter emergencial, uma forma de levantar fundos para amenizar os impactos da pandemia da Covid-19, contemplando oito comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha.

³ <<https://www.versinhos.com.br/>>.

⁴ <<https://www.tingui.org/versinhos-de-bem-querer>>.



Figura 3: Jogadoras de versos do Vale do Jequitinhonha – Foto: divulgação 'Versinhos de Bem-Querer'

Ele funciona da seguinte forma: os versinhos podem ser comprados através do site do projeto, a pessoa encomenda um verso, passa as características de quem irá ser presenteado, e uma das jogadoras de versos do projeto compõe, grava e envia o poema para o comprador, via whatsapp. A maioria das jogadoras de versos também são bordadeiras e fiandeiras.

O projeto foi criado em março de 2020, e, só nos primeiros 30 dias, foram vendidos cerca de 500 versinhos; em sete meses, foram mais de 4.600. O projeto tomou uma proporção tão grande que as mulheres chegam a compor 210 versinhos por semana, sendo este o limite semanal; quando se atinge esse limite, o site fecha para novos pedidos e só retorna na segunda-feira próxima. Segundo reportagem publicada no Jornal Folha de São Paulo⁵, o projeto já vendeu versos para mais de 2.500 pessoas, com compradores de diferentes partes do mundo como Israel, Europa, Argentina e Nova York.

Os exemplos mostrados indicam a potência das manifestações culturais e como esse capital cultural, originário dos territórios que compõem o Vale, tem sido convertido em bens que transformam a vida das pessoas do Jequitinhonha.

⁵ <<https://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2020/12/mulheres-do-vale-do-jequitinhonha-vendem-versos-para-ter-renda.shtml>>.

2.3 Araçuaí: história e memória



Figura 4: Vista aérea da cidade de Araçuaí - Foto IFNMG

De acordo com dados do IBGE, o município de Araçuaí está localizado no Nordeste de Minas Gerais, no Médio Jequitinhonha. Possui um total de 36.715 habitantes; desses, uma média de 13.000 estão distribuídos em 70 comunidades rurais.

A origem de Araçuaí pode ser assim resumida

A história de Araçuaí teve início por volta de 1830, quando a Mulata Luciana Teixeira, proprietária da Fazenda Boa Vista da Barra do Calhau, deu abrigo aos emigrantes da Barra do Pontal (canoeiros e meretrizes expulsos pelo Padre Carlos Pereira de Moura, da Aldeia do Pontal (hoje Itira) localizada a alguns quilômetros abaixo, na confluência dos rios Araçuaí e Jequitinhonha.

O Arraial que então se fundou chamou-se "Calhau", devido à grande quantidade existente no local de pedras lisas e arredondadas esculpidas pela correnteza das águas. O Arraial de Calhau foi elevado à categoria de sede de Distrito pela Lei Provincial de 13 de julho de 1857. A instalação sob a denominação de Vila de Arassuay deu-se em 1º de julho de 1871, para finalmente a 21 de setembro de 1871 ser elevada à categoria de cidade, por força da lei nº 1870, com o nome de

Araçuaí. Esse nome é de origem indígena, e quer dizer Rio das Araras Grandes. Considerada a Capital do nordeste, Araçuaí ocupava localização privilegiada, pois de seu porto iniciava a navegação das canoas rumo ao litoral baiano. Até 1911, Araçuaí era a capital de todo o Nordeste de Minas: ocupava o quinto lugar em tamanho, com 23.298 km² e o quarto lugar numa estatística do número de comerciantes nos municípios mineiros. A partir daí vários povoados foram declarados independentes e a sua área foi se reduzindo até chegar a atual. A chegada da Estrada de Ferro Bahia-Minas na cidade, em 1942, se constituiu num dos feitos mais importantes na história do município. A estação de Araçuaí foi a última a ser construída nessa estrada que ligava o sertão de Minas ao mar, em Caravelas, extremo Sul da Bahia. [História extraída no site ⁶ da prefeitura do município no dia 17/11/2021].

O município se destaca pela sua imensa diversidade cultural, pois possui diversos Corais, que procuram resgatar a cultura musical da região, grupos teatrais, artistas regionais, como Josino Medina, muitos artesãos e artesãs, como Maria Lira Marques, projetos culturais que trabalham com crianças e adolescentes, grupos de cantiga de roda, grupos de batuque, grupos de folia de reis e outros. Dentre estas manifestações culturais, está a prática de contação de histórias, uma herança cultural muito presente no município, sobretudo nas áreas rurais da região. Tradição cultural que não se restringe ao município de Araçuaí, mas se estende a toda região do Vale do Jequitinhonha.

Ao realizar alguns trabalhos de outra natureza, anteriormente, na Comunidade Tesouras, eu já havia observado que a tradição de contação de histórias é bastante recorrente na região. A comunidade Tesouras de Cima fica situada na chapada do Lagoão, a 30 km da área urbana do município de Araçuaí.

É importante ressaltar que essa tradição não está presente apenas nas comunidades rurais, mas, nos centros urbanos, também vem sendo desenvolvida em ruas, praças, escolas, hospitais e, claro, nas casas das pessoas, propiciando encontros e troca de saberes. De uma perspectiva histórico-temporal, a contação de histórias nos remete às relações sociais humanas anteriores à escrita (PATRINI 2005; CAMPBELL, 2005; RAMOS, 2011), e, ainda hoje, em algumas regiões, continua guardando os tesouros da

⁶ <<https://www.aracuai.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/aracuai---nossa-historia-nossa-origem/6501>>.

memória popular, dando vida a personagens e mantendo vivas a coletividade e a interação social, pois não se contam e não se ouvem histórias de maneira individual, é preciso, no mínimo, um contador e um ouvinte, até mesmo quando isso é feito de maneira virtual/on-line.



Figura 5: Seu Zezé das Tesouras, contador de histórias - Foto: Giovana Prates

Como disse anteriormente, eu fui criada ouvindo as histórias que os mais velhos contavam. Até os 10 anos de idade, morei em uma Comunidade Rural nas imediações da Chapada do Lagoão, distrito de Araçuaí. A partir dessa idade, os meus pais se mudaram para a área urbana do município, mas esse fato não me afastou das histórias, porque na cidade também há contadores, e eu não rompi o contato com as comunidades rurais.

Concluí os meus estudos na graduação em Licenciatura do Campo, da UFMG, e, quatro anos, depois ingressei no mestrado, para aprofundar o tema da prática de contação de histórias em uma comunidade rural de minha terra natal. Foi durante esse período de pesquisa que descobri em mim uma contadora de histórias; percebi que eu também seria capaz de semear histórias, e, ao mesmo tempo, surgiu uma indagação: “como eu poderia contar histórias em um período de pandemia?” Os encontros presenciais estavam

suspensos e o distanciamento social era fundamental para impedir que a Covid-19 se propagasse ainda mais.

Foi aí que me veio a ideia de utilizar as mídias sociais a meu favor. Eu já possuía um canal no YouTube, mas não tinha um foco, era de conteúdos diversos; sendo assim, eu decidi concentrar-me na contação de histórias. O canal que, até então, se chamava “Canal da Veri”⁷, depois se transformou em “Café com causos e outras histórias”. O primeiro vídeo, intitulado “A briga na procissão”, foi postado no dia 14 de junho de 2020. Hoje, o canal já possui 15 vídeos de diferentes histórias e conta com diferentes narradores/contadores; qualquer pessoa pode participar enviando seu vídeo.

Contar histórias é uma forma de viajar entre o passado, o presente e o futuro ao mesmo tempo; é tomar a mão da inspiração, da criatividade, da memória, revisitar lembranças, ler e interpretar a realidade presente e desenhar o futuro. É com esse olhar que o canal “Café com causos e outras histórias” procura dar maior visibilidade para as práticas de contação de histórias que ultrapassam fronteiras e alcançam outros territórios. Dessa forma, busquei contribuir para o enriquecimento e a diversidade da cultura popular, expressa em várias formas de contar histórias, como a música, teatro, narrativas orais, desenhos, mamulengos etc.

Hoje, morando em São Paulo, vejo que o Vale do Jequitinhonha tem muito a nos ensinar com sua gente guerreira, forte e persistente, que, mesmo diante de tantas adversidades, não perde a leveza da poesia, ao contrário, vê nela uma porta de saída para o mundo, assim como uma forma de se comunicar, de se expressar e divulgar os sentimentos vividos, como sempre fez a tradição da oralidade. Pereira e Marques (1988) mencionam em seu texto como a região do Vale era conhecida na ocasião em que sua pesquisa foi desenvolvida:

(...) a região do Vale do Jequitinhonha é conhecida menos pela riqueza de sua produção cultural — com manifestações no artesanato, na música, na literatura popular e no folclore — do

⁷ <<https://www.youtube.com/channel/UCmDJVoiA-iaQD2d8g2mkbsg>>.

que pela pobreza e abandono de sua população no campo socioeconômico. Situação esta que merece ser denunciada, transformada, e que é responsável por uma realidade paradoxal: a da existência de um povo tão sofrido e depauperado econômica e socialmente e que, contudo, é capaz de expressões culturais tão vivas e dinâmicas. (p. 173)

Ao realizar este trabalho pude perceber que pouco a pouco essas impressões vêm mudando, o Vale está sendo visto a partir de novos olhares, que buscam valorizar seu capital cultural. Parte dessa nova compreensão tem se dado devido ao trabalho de pesquisadores que buscam trazer à tona esse seu patrimônio cultural, ajudando, assim, a manter vivos seus costumes e tradições, como relata Pereira (1996), quando afirma que “o objetivo maior do nosso trabalho é despertar o interesse para que se resgate um patrimônio literário que corre sérios riscos de se perder e, mais ainda, apreender a vocação popular para a arte de contar”. (p. 22)

Neste sentido, um dos objetivos deste trabalho foi levantar e mapear práticas de contação de histórias que circulam em sala de aula e em uma comunidade atendida pela escola, para analisar como essas práticas orais – com ou sem apoio na escrita – se articulam à realidade vivida pelos alunos na escola e na comunidade rural onde vivem, e, assim, poder efetuar o registro dessas experiências, proporcionando maior visibilidade a essas práticas.

3. CAPÍTULO II - O QUE DIZEM PROFESSORAS, DE UMA COMUNIDADE RURAL DO JEQUITINHONHA SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

3.1 Contar histórias, uma prática que sobreviveu ao tempo

Este tópico busca refletir sobre o que disseram as duas professoras a respeito da contação de histórias, com o objetivo de procurar entender de que forma essa prática acontece na escola e se ela mantém ou não vínculos com as práticas de contação de histórias do entorno social mais amplo, na comunidade onde residem. Para entender um pouco mais essa questão, entrevistei duas professoras das turmas multisseriadas, citadas anteriormente, e três alunos/as e seus familiares, com o objetivo de: (a) verificar a ocorrência da tradição de contação de histórias nas atividades escolares e nas práticas sociais mais ampliadas, bem como quem as conta, quem as ouve e como são contadas; (b) levantar quais os temas mais recorrentes na contação de histórias na escola e na comunidade; c) verificar se há influência desta tradição e modo de leitura nas demais formas de sociabilidade da comunidade e na organização social. Além dessas conversas sobre o tema, com o objetivo de observação de um evento, mesmo de forma remota, também foi feita uma sessão virtual de contação de histórias entre a pesquisadora e as crianças participantes da pesquisa.

Na área da linguagem, sobretudo no que se refere à oralidade, contar/ouvir histórias é uma forma de se deslocar para o passado, o presente e o futuro, pela voz da memória individual e coletiva, que possibilita ler e interpretar a realidade que nos cerca e nos constituirmos como sujeitos de cultura pelas narrativas. Conforme Busatto (2003),

[...] o conto de literatura oral se perpetuou na História da humanidade através da voz dos contadores de histórias, até o dia em que antropólogos, folcloristas, historiadores, literatos, linguistas e outros entusiastas do imaginário popular saíram a campo para coletar e registrar estes contos, fosse através da escrita ou outras tecnologias. (p. 20)

Até então, essas histórias eram contadas como forma de transmissão de conhecimento, de geração em geração; assim, mantinham-se vivas as memórias da cultura de um povo, os costumes da época. Era através da oralidade que se relatavam os fatos vivenciados ou mesmo aquelas verdades que aconteceram apenas no imaginário popular.

Algumas das narrativas orais surgem a partir de um fato real e cada contador procura expressar naquela história a sua forma particular de repassar a mensagem desejada, fazendo com que realidade e ficção se misturem nas narrativas e na linguagem poética. Esta forma de linguagem está diretamente ligada ao trabalho conjunto exercido pelo corpo e pela voz, no qual o contador cria um vínculo afetivo com os seus ouvintes, fazendo com que a sua história se materialize através dos gestos utilizados, resultando naquilo que Zumthor denomina *performance*. De acordo com Zumthor (2005), “a performance é a materialização (a “concretização”, dizem os alemães) de uma mensagem poética por meio da voz humana e daquilo que a acompanha, o gesto, ou mesmo a totalidade dos movimentos corporais...” (p. 55). Ainda sobre performance, Zumthor (1997) diz que,

Performance implica *competência*. Além de um saber-fazer e de um saber-dizer, a performance manifesta um saber-ser no tempo e no espaço. O que quer que, por meios linguísticos, o texto dito ou cantado evoque, a performance lhe impõe um referente global que é da ordem do corpo. É pelo corpo que nós somos tempo e lugar: a voz proclama emanação do nosso ser. (p. 157)

As práticas culturais orais foram responsáveis pelas primeiras formas de comunicação; assim, a contação de histórias estava sempre presente no dia a dia das pequenas comunidades como forma de transmitir conhecimentos e de perpetuar sua própria história através da voz, do corpo e do gesto. Com o passar dos anos, os estudiosos chegaram a pensar que esse costume seria extinto, devido as mudanças políticas, econômicas e culturais em curso na sociedade global (IANNI, 2001), pois não se pode negar o impacto das mídias

sociais e do acesso às novas tecnologias sobre essas práticas da oralidade nas sociedades contemporâneas.

Mas, pesquisadores como Sisto (2001), Busatto (2005), Fleck (2009), Matos (2014) e outros apontam que a prática de contação de histórias tem conseguido sobreviver a essas mudanças, como tem ocorrido ao longo dos anos; o costume permanece, mas as formas de contar são outras.

Não faz muito tempo, esse costume acontecia, predominantemente, nas comunidades rurais, no interior; hoje, ele está presente também nos saraus de grandes cidades, por projetos de coletivos culturais nas metrópoles, etc. Nos mais diversos locais. Segundo Gomes (2019), a arte de contar histórias ressurgiu a partir dos anos 1970, ao mesmo tempo em que a tecnologia e as facilidades, ofertadas por ela, fizeram com que as pessoas se afastassem das narrativas orais. Para a autora, essas mesmas mudanças criaram a necessidade de se reencontrar com a cultura da oralidade, fazendo com que a arte de contar histórias se tornasse uma espécie de refúgio para encontrar calma em meio às correrias da modernidade, sobretudo nos grandes centros urbanos. Busatto (2006) afirma que:

[...] a prática pedagógica da contação de histórias pode ser desenvolvida junto à nova cultura tecnológica, o ciberespaço, que permite a formação de comunidades virtuais, possibilitando uma experiência social diferente [...], mas não menos interativa que os meios. Contar histórias é um dos hábitos mais antigos, inerentes à humanidade e tão velho quanto resistente. As mudanças que essa prática vem sofrendo nos últimos quinhentos anos correspondem a uma mudança da capacidade do ser humano narrar algo. (p. 92)

Na atualidade, as tecnologias da leitura e da escrita favorecem a utilização de diferentes modalidades de linguagem – escrita, oralidade, imagens estáticas ou em movimento – que se integram nos textos literários. Segundo Lajolo e Zilberman (2017), não existem mais fronteiras entre o digital e o impresso, eles se complementam neste mundo onde leitor e autor experimentam novas formas de leituras e elaboração de conteúdo.

Com as práticas de contação de histórias não tem sido muito diferente, no que se refere ao uso das tecnologias: contadores e contadoras de histórias têm se reinventado, muitos têm feito uso das plataformas digitais (YouTube, Instagram, Facebook etc.) para fazer com que os seus conteúdos possam alcançar um maior número de pessoas. Ao fazer uma busca rápida no YouTube, é possível detectar um grande número de novos canais de contação de histórias com e/ou sem o auxílio dos livros, como é o caso do canal da escritora, narradora e editora “Clara Haddad”, de “Fafá conta histórias”, do “Varal de histórias”, de “Lívia Alencar Contadora de Histórias” e muitos outros. Os canais citados já existiam muito antes, mas, com a pandemia, essas práticas se intensificaram devido à necessidade de isolamento social. O fato de as escolas estarem fechadas neste período fez com que muitos professores passassem a utilizar essas mídias sociais, criando os seus próprios canais de contação de histórias, não com o objetivo de chegar a um grande público, mas, sim, para chegar até os seus alunos, sobretudo enquanto os encontros presenciais permanecerem suspensos.

Esse movimento aponta que, por mais que se inovem as tecnologias, a vontade de contar e ouvir histórias se mantém viva e se manifesta de modos variáveis conforme as diferentes culturas do meio social. Interessa-me, nesta dissertação, investigar como essa prática acontece, a partir de conversas com crianças e seus familiares, professoras e contadores de histórias de uma comunidade rural do Vale do Jequitinhonha, região nordeste do estado de Minas Gerais, que revela fortemente essa tradição. A instituição escolar, especialmente em comunidades do campo, apresenta-se no cenário cultural local como uma instância dinamizadora dos saberes, entre os quais aqueles advindos das narrativas populares que circulam na sociedade, na comunidade e no meio familiar. Por este motivo, ouvimos, primeiramente, duas professoras a respeito da prática de contação de histórias que desenvolvem com os seus alunos.

3.1 A contação de histórias como prática de letramento literário na escola

Quando, hoje, tratamos dessa prática milenar que é a contação de histórias, numa abordagem que se aproxima de uma prática situada no seio de uma cultura de forte lastro artístico, como é o caso do município de Araçuaí e seus distritos no Vale do Jequitinhonha, sabemos que não encontraremos ali práticas congeladas no tempo, um suposto tempo da oralidade, mas, sim, práticas que se movem e se misturam na apropriação de tecnologias que se renovam.

Nessa confluência de múltiplas formas de linguagem na atualidade, o que podemos dizer do lugar das práticas culturais orais como cantigas de roda, desafio, adivinhas, rodas de versos, dentre as quais a contação de histórias, na comunidade desta pesquisa?

Na escola, a contação de história no contexto escolar reacende a discussão, que perdura por muitos anos, sobre o uso da literatura como pretexto para ensinar língua portuguesa, o que pode levar ao que Magda Soares chamou de “a escolarização inadequada da literatura” (SOARES, 1999). Nas discussões levantadas pela autora, ela faz uma abordagem a partir do livro didático, que, na maioria das vezes acaba trazendo alguns textos literários como pano de fundo para abordar outros assuntos/conteúdos, o que não seria errado se os textos fossem utilizados de maneira adequada, sem perder a essência literária, sem distorcer ou deturpar o sentido original do texto e sua importância. Em um de seus trabalhos a autora chega a mostrar alguns exemplos de mau uso dos textos literários nos livros didáticos, onde se encontram desde fragmentos incompletos até modificações grosseiras de sentido, distorcendo a verdadeira mensagem que eles deveriam transmitir aos leitores e às leitoras, nesses casos. O que a autora crítica não é a escolarização da literatura, mas como essa escolarização vem sendo feita. Neste sentido, ao dialogarmos com Cosson (2014), ele procura apontar caminhos e propostas para trabalhar o letramento literário na escola, possibilitando aos professores utilizar a literatura como instrumento pedagógico, sem que sua essência seja perdida. Segundo Cosson (2014)

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (p. 23)

Para Cosson (2014), é possível desenvolver um letramento literário que desperte o interesse dos alunos, fazendo com que eles possam entender o sentido e o significado dos textos literários.

O que quero enfatizar aqui, ao trazer essas duas concepções, apontadas por Soares (1999) e Cosson (2014), de trabalho com a literatura na escola, uma, voltada para o aprendizado da língua, e outra, para a fruição estética dos textos literários, é que também as práticas de contação de histórias, nas falas das professoras, ora são vistas como uma ferramenta pedagógica, numa abordagem mais funcional, ora com finalidade de entretenimento que mais se aproxima de uma leitura estética do texto literário. Segundo o posicionamento das professoras, que passarei a abordar no próximo tópico, há uma conciliação dessas perspectivas, sem que se perca sua essência, o poder de encantamento de dar voz à memória cultural e social, possibilitando aos ouvintes e ao contador conhecerem diversas formas de ver e entender o mundo.

3.2 Com a palavra, as professoras

Antes de tudo, atendendo a princípios éticos, informo que os nomes atribuídos aos participantes desta pesquisa são fictícios, procedimento adotado para preservar sua identidade e privacidade. As duas professoras apresentadas a seguir serão mencionadas pelos seguintes nomes: Júlia e Karina. Esse procedimento será adotado para todos os outros entrevistados, no decorrer do texto.

Júlia, formada em Magistério e Pedagogia, leciona na rede pública de ensino há mais de 19 anos. Durante esse período, já lecionou para diversas etapas da escolaridade, embora destaque, como paixão, o trabalho com a Educação

infantil. Moradora da Comunidade Rural Córrego do Narciso, hoje ela é professora de uma turma multisseriada do 4º e 5º anos, que possui ao todo 18 alunos, sendo nove em cada ano da escolaridade.

Karina, formada em Letras e Normal Superior, é professora desde 1994. Embora resida na área urbana, seu percurso profissional foi quase todo em escolas do campo, e, nesses 26 anos de profissão, lecionou apenas um ano em escola da área urbana. Atualmente, assim como Júlia, ela leciona para uma turma multisseriada do 2º e 3º anos do ensino fundamental. Para chegar até a escola, ela utiliza o transporte escolar, o mesmo ônibus que transporta os alunos de uma comunidade a outra. Ressalto que a maioria dos professores da escola residem na zona urbana do município.

Para as professoras entrevistadas, mesmo com o ensino remoto, a contação de histórias continua a acontecer em suas aulas. A profa. Júlia afirma que “*contar histórias sem a presença física dos alunos é muito diferente, mas a gente tenta*”. [Entrevista concedida no dia 23/09/20]. Esta fala revela diferenças entre a contação corpo a corpo, sem a mediação de uma tela, e aquela que se realiza por um enquadramento possível a distância, sinalizando diferentes modos de contar histórias.

Tive a oportunidade de entrevistar cada uma delas em dois momentos. Embora as duas lecionem na mesma escola, constatamos que possuem condições e vivem realidades muito diferentes, no que diz respeito ao acesso à tecnologia. As diferenças ficaram mais nítidas no período de pandemia da Covid-19. Ambas relataram dificuldades para seguir dando apoio aos alunos quando as aulas presenciais foram suspensas. Segundo elas, o fato de a escola estar localizada em uma área rural não é problema, isso porque, na comunidade em que a escola está localizada, a maioria dos moradores possui internet em casa e os alunos conseguem contato com a rede pelo celular. Mas, nem todas as comunidades atendidas pela escola possuem sinal de internet ou de telefone.

O local onde uma das professoras (Júlia) mora possui apenas sinal de telefone (não possui sinal de internet). Mesmo assim, ela atende aos alunos e para isso vai até um morro longe de sua casa para conseguir o sinal da internet, método também utilizado por alguns alunos. Já a outra professora (Karina) mora na

área urbana. Segundo ela, o problema é que alguns alunos não têm acesso a recursos para acompanhar as aulas de modo remoto. Mesmo assim, ela grava áudios, vídeos, e até desenvolveu uma atividade de reconto de histórias com os alunos e que será analisada em outro tópico desta dissertação.

Para as duas professoras, a contação de histórias é prática imprescindível, que possibilita ao aluno ter contato com outros costumes, outras culturas, e abre possibilidades de ver e entender o mundo de outras formas. Segundo a professora Karina *“a contação de histórias ...então, ela ajuda a melhorar a concentração dos alunos...incentiva a leitura e... contribui para uma boa interpretação de textos, favorece reflexões, debates, além de ampliar os valores culturais dos alunos* [Entrevista concedida no dia 02/09/20]. Esta fala reflete o que ressaltamos anteriormente, ou seja, a articulação entre objetivos de ensino, como o apoio a conhecimentos de língua portuguesa, e a vivência cultural, por meio da prática de contação de histórias na escola.

Ao conversar com a professora Júlia sobre a gama de possibilidades ofertadas pela contação de histórias, ela disse o seguinte: *“a contação de histórias tem capacidade de “prender a atenção do aluno, despertar sentimentos e transmitir valores”* [Entrevista concedida no dia 23/09/2020]. Esse ponto de vista das professoras dialoga com Abramovich (2001), quando afirma:

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... (p. 17)

Quando a professora Júlia diz da capacidade que têm as narrativas contadas de “prender a atenção” dos alunos, ela sintetiza a atração que contadores de histórias exercem sobre o público e também o grande interesse que as pessoas têm por uma história bem contada, o que faz com que, por alguns minutos, os ouvintes se desloquem para o universo ficcional e, depois, retornem para as suas vidas, de alguma forma, modificados pelas histórias que ouviram.

As entrevistas com as professoras foram divididas em três blocos de questões: 1) Memória de contação de histórias na escola, no ambiente familiar, na comunidade; 2) Prática da contação de histórias na escola; 3) Contação de histórias em tempo de pandemia e ensino remoto. Discorrerei sobre esses temas dialogando com as entrevistas.

3.2.1 Memórias de contação de histórias

No primeiro bloco (memórias de contação de histórias na escola, na família, na comunidade), as entrevistadas relataram que a contação de histórias se faz presente na vida delas desde a infância. Karina disse que aprendeu a contar histórias, ouvindo as histórias que o pai e mãe dela contavam: *“O meu pai contava histórias todas as sextas-feiras à noite, era o momento em que todos se reuniam no quintal de casa sentados em seus banquinhos para apreciar o rico repertório”* (Entrevista concedida no dia 02/09/2020). Esta professora sinaliza com esta fala que a contação de histórias a acompanha desde a infância, e o pai surge no relato como aquele que cumpria o papel de Sherazade, semanalmente, reunindo todos os membros da família, em uma espécie de ritual para contar essas histórias.

A professora Júlia, por sua vez, disse que também cresceu ouvindo as histórias que os pais contavam. Ela relatou, em um de seus depoimentos, que também um vizinho costumava ir sempre à sua casa para contar histórias:

(...) na infância, o meu primeiro contato com as histórias não foi através dos livros, foi através daquelas histórias tradicionais que passam de geração em geração, de pai para filho, de avô para os netos e assim por diante. Na minha época de criança não tinha energia elétrica na comunidade rural onde morávamos, o divertimento era se reunir para contar causos histórias... hoje isso está se perdendo (...) eu me lembro de um Senhor que sempre ia lá em casa contar histórias... hoje ele já é falecido... nossa!! Ele contava tantas histórias. mas ele não tinha estudo, não sabia ler, nem escrever o nome... quando ele foi aposentar descobriram que nem documentos ele tinha... mas ele tinha uma sabedoria tão grande, tão rica que parecia que ele era um cara muito estudado... Ele contava tantas histórias... e possuía um jeito tão diferente de contar. [Entrevista concedida no dia 23/09/20]

O relato dessa professora nos mostra que o dom de contar histórias não está restrito apenas aos intelectuais escolarizados. Qualquer pessoa que se dispõe a viajar pelo mundo das ideias, ou se envolver em experiências concretas, pode narrar fatos de sua vida ou de grupos sociais. Há, na fala da professora, uma clara valorização da cultura oral, não escolarizada, de contadores que dominam e compartilham a arte da narrativa. Esse contador de que fala a professora se aproxima do “camponês sedentário”, um dos dois contadores de Walter Benjamin (1987), que narra as histórias de um lugar, de sua aldeia, diferentemente de outro tipo representado pelo “marinheiro comerciante”, que sai pelo mundo recolhendo histórias para contá-las por onde passa. A fala da professora está em sintonia com o pensamento de Benjamin (1987) sobre a importância das narrativas orais:

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. (p. 198)

A prática de contação de histórias não é restrita apenas ao contador; algumas vezes, durante uma roda de contação de histórias, podem surgir várias outras a partir daquela primeira que foi contada. Diferentemente de outras formas de comunicação, as narrativas orais proporcionam aos ouvintes ali presentes a oportunidade de se expressarem, de também serem ouvidos, ocorrendo ali uma troca de experiência e de saberes. Esse ambiente acolhedor acaba fazendo com que os ouvintes se interessem pelas histórias e temas ali apresentados, motivando-os a replicar a história ouvida, que muitas das vezes acaba sendo recriada de acordo com sua experiência de vida, tornando-se uma história coletiva. Segundo Patrini (2005),

De uma forma ou de outra, contar é um costume ancestral que permite livre curso ao contador. Contar e ouvir é sempre uma aventura que provoca mudanças e que, eliminando as

distâncias, encontra um pretexto para o reencontro e a troca de experiências. (p.107)

Essa troca de experiências entre contador e ouvintes faz com que aflorem memórias afetivas, sociais e culturais, das pessoas ali presentes. Para Busatto (2012, p.10), “contar histórias é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser.” O “jeito tão diferente de contar”, como relata a professora a respeito do contador de histórias que, de vez em quando, ia até à sua casa, está relacionado a essa capacidade que têm os bons narradores de interligar essas diferentes dimensões das pessoas à sua volta com o fio das palavras.

Júlia termina o primeiro bloco da entrevista, dizendo “(...) *depois de muito tempo fui perceber o quanto essas histórias foram importantes para mim na transmissão de valores para minha vivência...para minha vida. (...) E hoje eu posso passar isso para os meus alunos*”. [Entrevista concedida no dia 23/09/20]

No trecho acima, é possível ver, na prática, como a contação de histórias se faz presente na vida das pessoas, ultrapassando os conhecimentos escolares da leitura e da escrita, dando ênfase a vivências orais e à forte disposição que elas agregam às práticas escolares da professora. Rodrigues (2005) afirma que, na contação de histórias, o real e o imaginário se misturam, transformando-se em uma verdade a partir do olhar de quem conta:

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (p. 4)

Parte dessa materialização se dá através da performance, quando a mágica acontece, onde o corpo, a voz e os gestos cuidam de repassar para os ouvintes a mensagem que o imaginário quer transmitir. Cada contador possui

uma performance única e por trás de cada performance existe um objetivo que só o contador é capaz de saber.

Durante o período de pesquisa, mesmo à distância, pude perceber como se dava a contação de histórias na escola e na comunidade. No decorrer das entrevistas, foi possível diferenciar a performance utilizada por cada professora durante as práticas de contação de histórias, cada uma a seu modo. Também foi possível identificar a opinião dos alunos a respeito das histórias ouvidas.

3.2.2 Práticas de contação de histórias das professoras na escola

Ao conversar com as duas professoras, foi possível observar que os eventos de contação de histórias, promovidos por elas, estão diretamente ligados às suas vivências: elas buscam utilizar os conhecimentos adquiridos ao longo de suas vidas para repassar aos alunos. Ambas relataram que a prática de contação de histórias se faz presente na escola e em suas salas de aula.

De um modo geral, a escola possui um calendário que contempla essas atividades voltadas para a oralidade. Durante a conversa com as professoras, pude constatar dois eventos bem distintos: o “projeto leitura”, que abrange diversas atividades, dentre elas a contação de histórias com e sem apoio no livro, projeto que ocorre anualmente. E as “rodas de conversas interativas”, evento que acontece quase toda semana e mobiliza toda a escola, e que é tido como um momento de acolhida, um espaço onde professores e alunos se reúnem para contar e para ouvir histórias. Também é nesse momento que a escola traz convidados para contar histórias, sendo estes moradores das próprias comunidades por ela atendidas. Há um envolvimento de toda a comunidade escolar nesse evento, inclusive, vale destacar, uma serviçal da escola também é contadora de histórias e participa dessas atividades (mais tarde fiquei sabendo que ela era filha de um dos contadores de histórias que colaboraram com a pesquisa, o que sinaliza a passagem dessa prática de uma geração a outra).

Se, por um lado, as professoras manifestavam o valor social da contação de história como um bem cultural, passado de uma geração a outra, por outro lado, elas apontavam valores ligados à sua escolarização.

Essas rodas de conversa interativas funcionam como uma espécie de ponte para trabalhar os conteúdos de maneira interdisciplinar, pois abrangem todas as disciplinas e a contação de histórias passa ter a função de um instrumento pedagógico facilitador para trabalhar outros temas/conteúdos. Segundo as professoras Karina e Júlia, a contação de histórias é uma prática fundamental para a alfabetização desses alunos, pois ajuda a melhorar a concentração e é uma atividade da qual eles participam com prazer. Esse envolvimento, segundo as professoras, faz com que eles possam prestar mais atenção ao conteúdo. Acerca disso, em um de seus relatos, a professora Karina disse: *“eu sempre usei a contação de histórias, porque além de ajudar na concentração, ajuda também os alunos na leitura e interpretação... Entendeu? Facilita a aprendizagem.”*

Quando dizem que facilita a alfabetização, é porque, segundo elas, apesar de serem alunos do 2º, 3º, 4º e 5º anos, alguns ainda estão em processo de alfabetização. A seguir, o relato da Karina sobre esse uso pedagógico da contação de histórias:

...a contação de histórias se tornou uma ferramenta muito importante. Eu tenho doze alunos em sala de aula, 2, no 2º ano, e 10, no 3º ano, esses alunos estão com uma grande defasagem de aprendizagem... então, é preciso que a gente tenha um jogo de cintura muito grande para ajudar essas crianças. E as crianças que eu tenho hoje no 3º ano, não estão em nível de terceiro. Então a gente está sempre utilizando a contação de histórias para ajudar nesse processo de aprendizagem. [Entrevista concedida no dia 02/09/20].

A Júlia também mencionou essa questão da defasagem na aprendizagem dos alunos,

“Eu tenho alunos no 4º ano que estão em nível de 1º ano, isso faz necessário um trabalho de adaptação das atividades, nesse

período de pandemia ainda é mais complicado, se eu estivesse em sala de aula eu poderia dar um suporte bem maior, mas eu não estou, então faço o que posso. Eu procuro fazer de tudo para prender a atenção e despertar o interesse deles. [Entrevista concedida no dia 23/09/20].

Observando os relatos das duas professoras, foi possível perceber essas especificidades dos circuitos da contação de histórias na escola, em que se criam alternativas para que esses alunos possam assimilar o conteúdo de maneira mais leve, sobretudo de maneira lúdica. O relato das duas professoras vai ao encontro da fala de Busatto (2012, p. 38), quando ela diz que “a partir de um conto narrado é possível trabalhar os conteúdos de linguagem oral e linguagem escrita, desde a sintaxe até a semântica”. De acordo com a Karina, a prática de contação de histórias vai além da literatura e da língua portuguesa, ela se faz presente em todas as disciplinas e também na vida de cada um e cada uma. Neste caso, tanto a Júlia quanto a Karina veem a contação de histórias como um recurso didático lúdico que possibilita trabalhar a interdisciplinaridade de seus conteúdos sociais, culturais e afetivos.

Não é objetivo desta dissertação fazer julgamentos quanto à apropriação da contação de histórias para fins pedagógicos. O que nos interessa é analisar como ela se manifesta no ambiente escolar e, evitando polarizações, perceber que essa prática é plástica e múltipla nos usos que oferece. Neste sentido, ela, na escola, se faz também presente em interações afinadas com o modo de apreensão de narrativas de que fala Abramovich (2008):

[...] é suscitar o imaginário, é ter curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar ideias para solucionar questões. É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro – através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo). (p. 17)

Durante as entrevistas, perguntei a Júlia e a Karina de que forma a prática de contação de histórias se fazia presente em suas respectivas salas de aula. A Júlia disse que possui em sua sala o “cantinho da leitura”, “na minha sala a gente tem o dia do conto, procuro fazer isso pelo menos uma vez na semana, às vezes eu leio, mas na maioria das vezes eu conto sem o auxílio do livro”. Já

a professora Karina relatou que sempre trabalha com a contação de histórias em sua sala de aula

Toda semana ou quase sempre eu utilizo a contação de histórias em sala de aula com os alunos do 3º ano, uma vez que o rendimento dos meus alunos é baixo e a contação de histórias me ajuda a alfabetizá-los...é uma ferramenta que eu uso sempre. Do 6º ao 9º ano eu uso também, porque os alunos...é... eles têm uma dificuldade de aprendizagem". [Entrevista concedida no dia 02/09/202]

Assim, tanto a Júlia quanto a Karina afirmaram a importância dessa prática, e disseram também que trabalham com a prática de contação de histórias por gosto e por acharem que a contação de histórias tem muito a contribuir com o aprendizado e enriquecer o conhecimento que os alunos têm do mundo.

Na maioria das vezes, as histórias são contadas sem o auxílio dos livros; segundo a professora Júlia, os alunos apreciam mais dessa forma, e “o acervo de livros literários é precário e não possui muita variedade, o que atrapalha um pouco, já que os alunos gostam de novidades”. Em um determinado momento da entrevista, a professora Karina disse “é... *a falta de livros faz com que a gente utilize o repertório que a gente tem guardado na memória.*” [Entrevista concedida em 02/09/2020]

Tanto a professora Júlia quanto a Karina falaram sobre o escasso repertório de livros de literatura. Isto nos faz refletir sobre a situação precária em que se encontra a maioria das escolas públicas, especialmente as escolas do campo, nas quais a precariedade de recursos pedagógicos é mais acentuada, embora com uma estrutura física semelhante à das escolas urbanas. Quando a professora Karina se refere à limitação no acervo de livros da biblioteca, ela está se referindo ao fato de que o acervo de livros a impede de oferecer outras oportunidades de conhecimento para os alunos, até mesmo de ampliar o seu repertório de histórias.

A professora Júlia possui um “cantinho de leitura” em sua sala de aula, onde, ao término de outras atividades, os alunos aproveitam para ler um livro ou para escolher o livro que vão levar para ler em casa. Uma atividade recorrente em

sala de aula são as rodas de conversa para compartilhar as leituras realizadas em casa, ocasião em que cada aluno faz o relato oral da história para colegas. Segundo a professora, esse momento é de muita descontração e descobertas; além de aguçar o gosto pela leitura, eles aprendem a respeitar um ao outro, aguardando sua vez de fala, às vezes questionando a veracidade da história. Neste caso, isso ocorre quando mais de um aluno lê o mesmo livro, e, na hora de fazer o relato, cada um conta uma versão diferente. Nessa atividade, um questiona o outro quanto à diferença entre a versão original e a versão recontada, e, para acalmar os ânimos, algumas vezes, a professora intervém e explica para eles a diferença que existe entre a leitura e o relato, mostrando a eles que cada um possui uma forma diferente de ver e interpretar o mundo e que assim também acontece com as histórias, cada um possui uma forma especial de contar. Sobre as diferentes recepções de uma história, Busatto (2012, p. 17) aponta que “o conto é mesmo uma das formas de expressão artística mais democrática, pois através dele cada pessoa constrói a sua história, de comum acordo com os seus referenciais, e o que eles possam significar para si”.

Ainda sobre a conversa com a professora Júlia, em dado momento da conversa ela diz:

Eu gosto de levar para a sala de aula todos os tipos de textos e gosto de contar histórias que englobam tudo (...) Eu trabalhei muitos anos com a educação infantil, a gente já tinha aquela rotina né... então eu tinha lá o dia do conto, aí eu trago essas histórias mesmo com o 4º e 5º ano. (...) eu tenho o dia que eu conto a história com ou sem o auxílio do livro, tem dia que eu não levo nada e tem dia que eu levo alguns objetos...eu tenho um sapo que chama sapo falante, é... aí eu levo alguns objetos e coloco dentro dele, alguma coisa que vai chamar a atenção... foi eu mesma que fiz o sapo, ele tem um bocão...aí a gente vai contando a história a partir dos objetos, das figuras. [Entrevista concedida no dia 23/09/20]

A fala da professora indica um investimento pessoal em formas diferentes de contar histórias para além da voz. Os objetos entram como coadjuvantes na contação. No caso, um sapo falante que cumpre o papel de passagem entre o mundo real e o imaginário quando se conta uma narrativa ficcional. A entrada

no mundo do “era uma vez” vem assim encenada por um animal que fala, vindo do espaço/tempo fabular em que todos os bichos podem falar.

À medida em que eu fui conversando com as duas professoras, no decorrer das entrevistas, pude observar que as duas utilizam a prática de contação de histórias em suas salas de aula. Embora ambas considerem essa prática importante para a aprendizagem e/ou entretenimento para os alunos, cada uma delas possui uma maneira própria de abordar esse conteúdo. Quando a professora Júlia se refere à contação de histórias, ela se refere a essa prática como algo afetivo, algo prazeroso, em um determinado momento ela diz *“a contação de histórias faz parte da minha rotina, da minha vida sabe?”* É com esse sentimento que ela leva essa prática para a sala de aula.

Notei que a abordagem da professora Karina é diferente. Embora ela tenha relatado o seu gosto pela contação de histórias, a forma como ela relata levar essa prática, na sala de aula, tem uma função mais técnica, mais pragmática. Para ela, a contação de histórias constitui um facilitador da aprendizagem. Ela diz *“essa é uma estratégia que a gente usa sempre...porque nos ajuda a alfabetizar as crianças...então, é... a contação se tornou assim um material muito importante em sala de aula... é uma ferramenta que eu uso sempre”*.

Pensando a contação de histórias como um recurso didático lúdico, como é o caso da professora Karina, é possível utilizar essa prática de maneira interdisciplinar, dando leveza aos conteúdos trabalhados e, ao mesmo tempo, possibilitando aos alunos uma maior interação entre si e entre a realidade vivenciada no dia a dia da escola e comunidade, facilitando assim o processo de criatividade e entendimento. Na fala de Karina, ela diz que nas rodas interativas de contação de histórias *“...a gente consegue trabalhar de forma interdisciplinar, ajuda na matemática, na língua portuguesa, história, geografia, assim é... todos os conteúdos sabe?”*

As duas professoras, cada uma a seu modo, consideram a contação de histórias uma prática importante na escola. Nos depoimentos não se separam a professora da contadora de histórias, embora sejam perceptíveis disposições diferentes em uma e outra: uma mais fortemente escolarizada e outra mais afinada com práticas sociais de contação, sem uma orientação didática que

colocaria em segundo plano o imaginário na vivência do mundo ficcional. Trata-se, portanto, de uma questão de planos diferenciados: para a professora Karina, a relação com os conhecimentos escolares sobressai ficando em segundo plano a experiência ficcional; para a professora Júlia, a entrada no mundo ficcional pode abrir caminhos para os saberes escolares.

3.3 Contação em tempo de pandemia e ensino remoto

*Companheiros nossa roda
Vamos logo começar
Quem souber alguma história
Faça o favor de contar.
(Juraildes da Cruz)*

Em tempos de distanciamento físico, a presença afetiva se faz necessária para aquecer os corações, levar um pouco de alegria e aconchego para a população que, neste momento, se encontra reclusa em sua própria casa. Ao longo do período de pandemia, o ser humano foi percebendo a importância do estar junto, do afeto, e, ao mesmo tempo, descobrindo alternativas para driblar os momentos de solidão, que tanto incomodam.

Uma das descobertas foi o distanciamento físico realmente necessário para frear a disseminação do vírus da Covid-19, mas o distanciamento social pôde, sim, ser vencido e/ou driblado, pois existem outras formas de interação sem que as pessoas estejam no mesmo tempo e espaço; neste sentido, o uso das tecnologias digitais foi fundamental para encurtar as distâncias, seja entre professores, alunos, amigos e familiares. A convivência passou a ser mediada pelas telas.

A princípio foi um tanto estranha essa nova forma de convivência, mas, aos poucos, fomos aprendendo a lidar com essa nova realidade. E, assim como a maioria das outras atividades, as práticas de contação de histórias também se fortaleceram na era digital.

Tudo que é novo causa um pouco de estranheza para quem está acostumado somente com situações e eventos presenciais. Por exemplo, realizar uma roda de contação de histórias de maneira virtual, uma atividade que, até então, era construída coletivamente através da interação presencial entre narrador e

ouvintes, uma história puxando a outra, e complementada, muitas vezes, pelo contador e ouvintes. A saída foi reinventar as formas de contação de histórias e criar performances que possibilitassem uma interação virtual entre narrador e ouvintes por meio de dispositivos, como o computador e o celular.

E assim tudo foi sendo construído gradativamente, os contadores foram se vestindo de novas roupagens, as salas e quartos de suas casas se transformaram em verdadeiros estúdios improvisados, desde os mais simples aos mais sofisticados, tudo isso para fazer chegar aos ouvintes/espectadores um pouco mais de alegria, leveza e esperança de dias melhores. E o mais importante: mostrar a todos que, por mais que as coisas estejam difíceis, a vida não pode parar, e que a alegria é uma companheira importantíssima para nos auxiliar nessas travessias sombrias. O trem da história continua passando, como diz o poeta e cantador Rubinho do Vale: “Vamos embora gente, olha o apito do trem, vamos seguir a história com a canção brasileira, para que nossa memória não se acabe em poeira.” (Rubinho do Vale, 1996)

E a viagem do trem da história continua por esse mundão; alguns passageiros viajam de primeira classe; outros, só têm recursos para viajar na segunda, mas nenhum deles perde o encanto ao descer em sua estação de destino. Cada um e cada uma possui um objetivo, ser semeador de histórias, levar alegria, conhecimento e encantamento por onde passarem, seja nos canais de contação de histórias do YouTube, que se multiplicaram nos últimos tempos, ou em um simples áudio gravado.

Neste período de pandemia, passamos por um turbilhão de mudanças, algumas boas, outras ruins. Vou focar nas boas novas. Uma dessas novidades, como dito anteriormente, é o fato de os contadores de histórias conseguirem levar adiante essa prática tão importante. Outra coisa interessante foi o surgimento de novos contadores de histórias: algumas pessoas viram na contação de histórias uma forma de estar junto, mesmo que à distância, e o fato de poder fazer isso na segurança de seus lares, de maneira on-line, contribuiu para que essa prática se multiplicasse. Estes são alguns dos muitos canais novos que surgiram “*Lisiane Cunha Barreto*”, “*Mariá Contos Brincantes*”, “*Pro Bia*” e outros.

Muitos professores se valeram desse recurso para chegar até aos seus alunos. Um dos suportes mais utilizados foram os canais do YouTube. Quem já possuía um canal direcionou o foco para a contação de histórias e deu uma repaginada no layout; quem não possuía, criou um. Mas, nem todas as pessoas tiveram essa oportunidade de criar um canal no YouTube ou de utilizar uma mídia mais sofisticada. Essa condição não impediu que as histórias chegassem até os seus destinatários.

As professoras Júlia e Karina, que participaram desta pesquisa, foram um exemplo de persistência e esforço em tempos de pandemia. Acostumadas a levar essa prática de contação de histórias para a sala de aula de maneira presencial, sentiram a necessidade de continuar o trabalho mesmo em condições de ensino remoto. Os recursos tecnológicos disponíveis não eram muitos, mas foram suficientes para atingir o objetivo. Durante a entrevista, a professora Karina relatou que desenvolveu uma atividade de reconto de histórias de forma remota. Ela não possui nenhum canal no YouTube, mas possui um celular e força de vontade; foi aí que ela teve a ideia de enviar a história em formato de vídeo para os alunos e solicitar que eles gravassem um áudio, recontando a história que receberam. Junto ao vídeo, a professora enviou uma mensagem de áudio, que transcrevo abaixo, para os seus alunos

Boom dia meus amores, tudo bem com vocês? Eu gostaria muito que vocês vissem esse vídeo, e recontasse esse vídeo oralmente para mim, pode ser? Eu gostaria muito de ouvir a voz de vocês, estou ficando com saudade...cada um que estiver vendo esse vídeo, que viu esse vídeo, por favor reconte para mim oralmente...E a tia vai aguardar a produção de texto de vocês viu meus queridos! Bom dia e estou aguardando.
[Áudio concedido durante a entrevista no dia 02/09/20]

A iniciativa de enviar a orientação em formato de áudio foi para possibilitar a participação de todos os alunos, mesmo aqueles que não possuíssem um celular com câmera. A história utilizada para o reconto foi “A Ovelha Negra”, de Bernardo Aibê, que pode ser acessada no Canal “Bisnagas Kids”, no seguinte endereço: <<https://www.youtube.com/watch?v=TPm2VawTMMk>>. Segundo a professora Karina, a atividade foi desenvolvida com alunos do 2º e 3º anos do

ensino fundamental, e, de acordo com ela, foi um sucesso, pois os alunos deram retorno, enviando os recontos para ela, cada um com a sua dicção, o seu modo particular de narrar.

Na conversa com a professora Júlia, ela também disse que as práticas de contação de histórias são recorrentes em suas aulas, mas que agora, com o ensino remoto, ficou um pouco mais difícil. Até o dia em que a entrevista foi realizada, a professora Júlia ainda não possuía rede de internet em sua casa, e, por esse motivo, o seu contato com os alunos se dava através de chamadas telefônicas. Isso acabava limitando as suas possibilidades de trabalho, mas, ainda assim ela tentava incentivá-los a ler histórias em suas casas com seus familiares; neste caso, ela indicava livros e textos.

É importante deixar claro que nem todas as pessoas conseguem exercer seu direito de acesso às tecnologias digitais; essa precariedade ficou ainda mais escancarada no período de pandemia, momento em que quase todas as atividades dependiam das tecnologias – e a educação não foi uma exceção. De acordo com dados do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (cetic.br), a falta de equipamentos, como computadores, celulares e acesso à internet em casa, dificultou o ensino remoto para alunos de 86% das escolas do país. Nas escolas públicas, esse nível de dificuldade foi muito grande: mais de 90% dos estabelecimentos relataram dificuldades devido à falta de internet, celulares e computador, enquanto nas particulares o número caiu para 58%. Os dados completos desta pesquisa podem ser acessados através do seguinte endereço: <<https://cetic.br/pt/pesquisa/educacao/indicadores/>>.

Em diversos estados, inclusive em Minas Gerais, adotaram-se algumas medidas para dar continuidade ao ensino, durante o período de pandemia; uma das alternativas mais utilizadas foi a distribuição de atividades e materiais pedagógicos de forma impressa: lá existia o chamado PET (Programa de Ensino Tutorado); o material impresso era entregue aos pais e responsáveis, os alunos faziam essas tarefas em casa, e, após a resolução das atividades, o material era devolvido aos professores para que pudessem efetuar as correções.

O fato de fazer as lições em casa esbarrou em outro gargalo, enfrentado pelos alunos e pais/responsáveis sem acesso à internet e celular, pois nem todos os familiares tinham estrutura ou escolaridade suficientes para tirar dúvidas de seus filhos, e a falta de acesso às tecnologias digitais impediu esses alunos de sanarem as dúvidas com seus professores.

Essas dificuldades assolaram não só a comunidade e escola pesquisadas, mas o país inteiro. Além da dificuldade de acesso às tecnologias digitais, muitos alunos e familiares, residentes em áreas rurais mais remotas, enfrentaram também a dificuldade de acessibilidade no transporte para chegar até as escolas e pegar o material impresso. Pensando nessas dificuldades, alguns professores tiveram a iniciativa de tentar levar o material impresso aos alunos, como mostrado na reportagem⁸ de o “Globo Rural” que foi ao ar no dia 2 de agosto de 2020, intitulada “Delivery de lição, improvisos e vídeos: como está a educação no campo durante a pandemia”; pais, alunos e professores de 5 estados do Brasil participaram desta reportagem, inclusive uma das professoras participantes desta pesquisa.

Ao analisar essas informações é possível perceber que o problema é bem maior do que a falta de acesso às tecnologias digitais; o déficit da inclusão digital é apenas um fio dentre o emaranhado que é a desigualdade social que assola o país. O período de pandemia mostrou não só a falta de investimento na educação, mas também a falta de investimento na área social, política e cultural.

As professoras que colaboraram com a pesquisa, embora tenham se esforçado para dar continuidade a atividades como a contação de histórias, frequentes em suas aulas em condições normais, enfrentaram as dificuldades comuns a tantas outras escolas brasileiras, por mais que tentassem remar contra a corrente, mostrando em suas falas forte disposição para a realização dessa prática cultural.

⁸ <<https://g1.globo.com/economia/agronegocios/globo-rural/noticia/2020/08/02/delivery-de-licao-improvisos-e-videos-como-esta-a-educacao-no-campo-durante-a-pandemia.ghtml>>.

Os temas que nortearam a entrevista com as duas professoras – 1) Memória de contação de histórias na escola, no ambiente familiar, na comunidade; 2) Prática da contação de histórias na escola; 3) Contação de histórias em tempo de pandemia e ensino remoto – revelaram diferentes concepções e práticas entre elas. Quando relataram suas experiências com a contação de histórias na infância, uma relatou eventos realizados mais no contexto familiar e a outra mencionou eventos com participação coletiva (como, por exemplo, vizinhos que iam até a sua residência para contar histórias). Em relação à prática de contação de histórias na escola, especificamente em suas salas de aula, as duas demonstraram interesse pelo tema e disseram fazer uso dessa prática, cada uma a sua maneira, uma de forma mais pragmática, destacando que a contação de histórias favoreceria outras aprendizagens, e a outra de forma mais lúdica, ambas sem perder a essência dessa prática na valorização da cultura oral. Os respectivos depoimentos delas em relação à contação de histórias em tempos de pandemia, só reafirmaram a força da oralidade, esse poder que a voz possui de se adequar às mudanças ocorridas ao longo dos anos. As entrevistas com as professoras mostraram que, nesse período de pandemia e distanciamento social, a contação de histórias não ganhou mais visibilidade devido à escassez dos recursos tecnológicos, pois grande parte de seus alunos não teve acesso a esses recursos. Mesmo assim não faltou entusiasmo às professoras que conseguiram fazer com que essa prática continuasse de acordo com as possibilidades disponíveis.

O próximo capítulo irá discorrer sobre a contação de histórias em escola e comunidade, abordagem que será apresentada a partir da visão dos alunos entrevistados indicados pelas professoras. Também há, no capítulo, o relato e análise de um evento online de contação de histórias performado pela pesquisadora, tendo como audiência as crianças participantes da pesquisa.

4. CAPÍTULO III - COM A PALAVRA, ALUNO E ALUNAS

Verificar se narrativas orais circulam nas comunidades, se há confluências entre essas narrativas e aquelas que circulam no contexto escolar e como isso acontece, é o objetivo deste capítulo. Para alcançar este objetivo, entrevistei alguns estudantes da Escola Municipal São Vicente e seus familiares. As professoras indicaram os três alunos que, possivelmente, poderiam participar da pesquisa. Após a indicação, entrei em contato com eles e seus familiares para apresentar a proposta de pesquisa e convidá-los a participar.

Os três alunos participantes são moradores da Comunidade Rural Tesouras, situada no município de Araçuaí, MG. Conforme dados do Serviço Pastoral dos Migrantes (2017), a base cultural e material da reprodução social das famílias desses alunos é, principalmente, a agricultura familiar, sendo que parte dos seus produtos é utilizada para o consumo doméstico, doação, troca entre vizinhos e parentes; uma segunda parte (sementes) é armazenada para novo plantio, e uma terceira parte é comercializada nas próprias comunidades ou na feira semanal, na sede urbana do município de Araçuaí-MG. A renda da agricultura familiar é complementada com rendas advindas de outras atividades agrícolas e não agrícolas, desenvolvidas em caráter de assalariamento, dentro, ou na maioria das vezes, fora das comunidades. Não faz muito tempo, alguns moradores vêm complementando a renda familiar através da fabricação artesanal de cigarros de palha, atividade desenvolvida em casa; praticamente todos os membros da família desenvolvem esse trabalho concomitante com outras atividades da vida rural. Essa realidade pôde ser constatada durante as entrevistas realizadas com alunos e familiares.

Nas comunidades dessa região, os recursos obtidos através de Programas Sociais do Governo Federal também complementam a renda familiar. Quanto ao trabalho assalariado, segundo Castro (2014), boa parte dele é desenvolvido em processos migratórios. Todos os anos, jovens e adultos emigram do Jequitinhonha para trabalhar em colheitas agrícolas de maçãs, de laranja e café no sul de Minas Gerais, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Paraná e Rondônia. Além disso, emigram

para trabalhar na construção civil ou como vendedores ambulantes em cidades da costa litorânea brasileira.

A Escola Municipal São Vicente está localizada dentro de uma APA (Área de Preservação Ambiental) que fica na Chapada do Lagoão. Essa APA abrange um total de 14 comunidades que, em sua maioria, enviam alunos para a Escola São Vicente. Em 2011, quando cursava o curso Técnico em Agroecologia, pude ver de perto a realidade dos habitantes dessa região. Apesar da criação dessa Área de Preservação Ambiental, a população é ameaçada constantemente pelo avanço do agronegócio e, conseqüentemente, pelo desmatamento. O objetivo dos grandes proprietários dessa área é transformar suas propriedades em pastagens e em plantio de eucalipto. Todos os anos a população sofre por causa dos incêndios criminosos, há muitos animais mortos e, aqueles que sobrevivem, fogem em busca de outros territórios. Essas informações foram obtidas através de visitas e conversas informais, enquanto eu desenvolvia atividades relacionadas ao meu curso Técnico em Agroecologia; alguns dados também podem ser encontrados através do site⁹ da ASA MINAS.

A maioria dos moradores das comunidades da APA sobrevive do extrativismo. Mas, esta atividade vem sendo prejudicada por incêndios, expansão das pastagens, desmatamento e pela monocultura de eucalipto. Os moradores relatam que, depois da chegada do eucalipto nas chapadas, diversas nascentes de água secaram e algumas espécies animais desapareceram.

As condições sociais das comunidades da APA relatadas acima podem ser notadas no contexto familiar dos estudantes que participaram dessa pesquisa. As entrevistas sobre as práticas de contação de histórias, realizadas por meio do celular, aconteceram no interior de suas casas e durante afazeres do cotidiano. Embora não tenha sido o foco da pesquisa, foi possível perceber condições da vida cotidiana das famílias por um contato mediado pela tela. Vale lembrar que os alunos e seus familiares se dispuseram a participar,

⁹ <<http://www.asaminas.org.br/blog/post/apa-do-lagoao-em-aracuai-pede-socorro>>.

mesmo com as dificuldades existentes no âmbito dos recursos tecnológicos exigidos pela comunicação a distância, por força da pandemia.

Durante as entrevistas com as professoras, procurei saber quais eram os alunos das respectivas turmas que residiam na Comunidade Tesouras, e, dentre eles, quais seriam aqueles que elas indicariam para participar da pesquisa, sempre atentando para a disponibilidade e para o nível de receptividade desses alunos. Outro critério de escolha foi a relação desses alunos com a atividade de contação de histórias. A partir daí se deu a indicação dos três participantes, um menino e duas meninas.

As professoras me passaram os telefones dos adultos responsáveis pelos alunos e, então, dei início ao primeiro contato. Eu estava morando em São Paulo e os participantes da pesquisa, no interior de Minas Gerais; devido à pandemia da Covid-19, que impediu meu deslocamento até a comunidade, todo o contato se deu a partir de chamadas telefônicas e videochamadas. O primeiro contato foi através de chamada telefônica, por meio da qual me apresentei, falei que tinham sido indicados pelas professoras, que me passaram os números de seus telefones, e, finalmente, apresentei a minha pesquisa. Falei da proposta de entrevistas, sempre procurando deixar bem claro que eles eram livres para aceitar ou não o convite e que podiam deixar de participar quando quisessem. Reforcei que isso valia tanto para os adultos quanto para as crianças, de acordo com a ética na pesquisa e os respectivos termos de consentimento.

Para auxiliar nessa questão das entrevistas de forma remota, recorri a alguns autores, dentre eles Magalhães e Santhiago (2020), que fazem uma reflexão a partir da possibilidade de se realizar entrevistas on-line, numa discussão que vai além das vantagens e desvantagens dessa prática, apontando algumas limitações, mas também caminhos para que a pesquisa possa ser desenvolvida de maneira satisfatória. De acordo com Magalhães e Santhiago (2020)

O que nos parece é que, apesar de muitas questões ainda não terem sido respondidas, a entrevista virtualmente conduzida pode ser frutífera e até necessária, desde que as condições de

sua produção sejam discutidas metodologicamente em termos de como elas impactaram o resultado final do relato. (p.15)

Tal como discutem os autores, as entrevistas de maneira remota possibilitaram o desenvolvimento da pesquisa sem nenhum prejuízo. Pelo contrário, o instrumento apontou direções a serem seguidas e reforçou que a tecnologia é mais uma ferramenta que podemos utilizar em nosso favor, não só neste período de pandemia, mas também em outras ocasiões em que a distância seria uma barreira. Além disso, pode ser também uma alternativa para diminuir os custos da pesquisa, já que muitas vezes os deslocamentos são caros.

A partir do primeiro contato com os familiares e alunos, foi possível fazer alguns acertos em relação às entrevistas que aconteceriam posteriormente. Essas entrevistas seriam realizadas separadamente aluno/família, mas, como o desenho da pesquisa mudou em decorrência da pandemia, as entrevistas acabaram sendo coletivas, isso porque tanto os alunos quanto seus familiares permaneceram mais tempo em casa durante esse período de isolamento social. Dessa forma, aluno e familiares participaram de uma mesma chamada de vídeo, respondendo questões diferentes. Ao final da primeira conversa, agendei dia e horário para a realização das entrevistas.

Estas foram as questões que nortearam a entrevista com os alunos: você gosta de ouvir histórias? Que tipo de história você gosta de ouvir? Quem conta histórias para você? Na sua casa, na casa da sua avó ou de tios e tias, você já ouviu alguma história? Você sabe contar alguma história? Essas questões foram cuidadosamente elaboradas para atender aos objetivos da pesquisa, já mencionados, de verificar se narrativas orais circulam nas comunidades, se há confluências entre essas narrativas e aquelas que circulam no contexto escolar e como isso acontece.

Como já foi dito anteriormente, as entrevistas foram realizadas através de videochamadas, possibilitando que a pesquisadora e os entrevistados permanecessem no aconchego de seus lares. A seguir, apresento um detalhamento das condições de produção das entrevistas.

A primeira entrevistada foi a Cinderela¹⁰, que tem nove anos e está na terceira série, acompanhada pela sua mãe Rapunzel¹¹. A entrevista ocorreu por videochamada e elas estavam na sala de sua casa. Embora a sua mãe tenha permanecido o tempo todo na sala, só a vi uma vez, ela ficou fora do alcance da câmera. Durante a entrevista, ela estava trabalhando, fazendo cigarros de palha, e, segundo ela, estava muito desarrumada para aparecer no vídeo, mas isso não a impediu de interagir conosco. Particularmente nessa entrevista, precisei do auxílio de uma pessoa para operar o telefone enquanto eu conversava com Cinderela e sua mãe, pois, segundo Rapunzel, ela não tinha muito traquejo para manusear o celular com chamadas de vídeo. Para dar o apoio necessário, contatei a minha irmã, que mora na localidade, e solicitei a sua ajuda. Ela me atendeu prontamente e foi até a casa da entrevistada. É importante dizer que ela fez uso de máscara de proteção facial e tomou todos os cuidados necessários para evitar contaminação pelo coronavírus.

A segunda entrevistada foi a Adriana¹² e sua mãe Juciane¹³, elas estavam no quarto e demonstraram estar bem à vontade durante a conversa. A Juciane é uma mãe bastante jovem e possui uma sintonia muito especial com a filha. Adriana fica a maior parte do tempo na casa da avó na Zona Rural, e, aos finais de semana, ela vai para a casa da mãe, que mora na Zona Urbana, onde trabalha como vendedora em uma loja de variedades. Segundo Juciane, Adriana gosta mais do campo do que da cidade, por isso ela fica com a avó durante a semana.

A terceira e última entrevista desse primeiro contato com os sujeitos da pesquisa foi com o Kevin¹⁴, que tem 10 anos e está no quarto ano, sua mãe

¹⁰ Nome fictício para proteger a identidade da criança.

¹¹ Nome fictício para proteger a identidade da mãe da entrevistada

¹² Nome fictício para proteger a identidade da criança.

¹³ Nome fictício para proteger a identidade da mãe da aluna

¹⁴ Nome fictício para proteger a identidade da criança.

Eliane¹⁵ e o seu pai Artur¹⁶, este último também participou indiretamente. A entrevista aconteceu na sala de sua casa. A mãe estava presente o tempo todo e interagindo com a câmera, já o pai estava desenvolvendo alguma atividade na cozinha, mas interagia em áudio, sempre atento ao diálogo que ocorria na sala.

Ao analisar as respostas, constatei que todos são unânimes quanto à primeira questão: "você gosta de ouvir histórias?". Os três entrevistados responderam que gostam de ouvir histórias. Ao indagar "qual tipo de histórias eles gostam de ouvir", o repertório foi diversificado, sobretudo no que se refere ao aluno Kevin, cuja resposta será mostrada a seguir.

Os gêneros mais recorrentes citados pelas crianças foram histórias de encantamento, de assombração, piadas, anedotas e adivinhas. E em uma de nossas conversas durante a entrevista, Kevin relatou *"também gosto de ouvir as histórias da bíblia"*. Nesse instante a mãe dele complementa *"ô Veridiana, o Kevin gosta tanto de história que ele pede para o pai dele ler a bíblia para ele... aquelas histórias da bíblia, sabe? De tanto que ele gosta (...) muitas vezes ele pega a bíblia e fala: papai lê história pra mim"*. [Entrevista concedida no dia 23/10/20]

Durante as entrevistas com os alunos foi possível perceber ainda a relação deles com os costumes relacionados à cultura da comunidade. O fato de Kevin relatar o seu gosto pelas histórias bíblicas forneceu pistas de que a sua família tem o costume de fazer a leitura da bíblia em casa, não só como forma de oração, mas também como um meio de entretenimento e conhecimento. O caso de Kevin mostra que a bíblia continua sendo um livro muito lido pelas famílias brasileiras, sobretudo por aqueles menos escolarizados ou que não possuem acesso a outros tipos de livros. Essa prática de leitura, confirmada pela entrevista, vem ao encontro de resultados das quatro últimas edições da pesquisa *"Retratos da Leitura no Brasil"*, realizada pelo instituto Pró-Livro em

¹⁵ Nome fictício para proteger a identidade da mãe do aluno

¹⁶ Nome fictício para proteger a identidade do pai do aluno

parceria com o Itaú Cultural, que mostram que a bíblia continua sendo o tipo de livro mais lido pelos entrevistados.

Ainda com relação ao tipo de histórias que os alunos mais gostam, aquelas relacionadas ao folclore foram muito citadas por eles. Cinderela¹⁷, por exemplo, relatou o seu gosto pelas lendas, e citou quais são as suas histórias favoritas, dentre elas, a do *Saci Pererê*, da *Mula sem cabeça* e do *Curupira*. A partir da fala da entrevistada é possível perceber que, apesar das transformações que vêm ocorrendo no meio rural, sobretudo com o acesso às ferramentas tecnológicas, os contos tradicionais da cultura popular permanecem vivos no imaginário da população e, quando uma criança manifesta esse gosto pela cultura popular, isto significa que essas tradições vêm sendo passadas de geração em geração, podendo ser consideradas uma herança cultural. De acordo com Dias (2006)

O patrimônio cultural simboliza a identidade cultural de uma comunidade, seja qual for a sua dimensão: local, regional ou nacional. O patrimônio cultural é a expressão mais explícita da identidade de uma comunidade cultural, pois, ao se identificarem com aquele, os membros do grupo social se filiam a um mesmo agrupamento, compartilham significados e símbolos. Essa é uma importante característica do patrimônio cultural, facilitar a construção da identidade cultural no processo de socialização. (p.50)

Neste sentido, a cultura popular é considerada um patrimônio imaterial, que, segundo Lima e Simson (2010, p. 517) “dá alma aos espaços concretos monumentais, sendo transmitido de geração a geração, e é conceituado a partir da perspectiva da alteridade. É o “saber fazer”, e o “saber viver” e não o seu produto”. E assim os integrantes de uma comunidade se tornam os guardiões desses saberes.

A conversa com as alunas e o aluno deixou transparecer também que os eventos de contação de histórias na escola se tornam mais frequentes durante o mês do folclore. Segundo a aluna Adriana, outras atividades culturais

¹⁷ Nome fictício para proteger a identidade da aluna

também são desenvolvidas na escola nessa época, como jogos e brincadeiras, por exemplo. Esses elementos da cultura popular se fazem presentes na escola e na comunidade, pois os alunos acabam vivenciando esses costumes no dia a dia. Costumes que passam de geração em geração, carregando e mantendo viva a memória de um povo através da tradição oral. Sobre essa tradição, Parafita (2005) afirma que,

a tradição oral: [...] é a transmissão de saberes feita oralmente, pelo povo, de geração em geração, isto é, de pais para filhos ou de avós para netos. Estes saberes tanto podem ser os usos e costumes das comunidades, como podem ser os contos populares, as lendas, os mitos e muitos outros textos que o povo guarda na memória (provérbios, orações, lengalengas, adivinhas, canções, romanceiros, etc.). Também são conhecidos como patrimônio oral ou patrimônio imaterial. Através deles cada povo marca a sua diferença e encontra-se com as suas raízes, isto é, revela e assume a sua identidade cultural. (p.30)

Seguindo com as questões da entrevista, ao serem perguntados sobre quais histórias gostam de ouvir, as respostas foram diversas. Eles transitaram pelos tipos de histórias que já haviam mencionado anteriormente e citaram alguns títulos conhecidos. Embora as entrevistas tenham ocorrido separadamente, as duas meninas focaram nas histórias de encantamento, as fábulas e os contos populares, ou seja, os gêneros foram os mesmos, o que mudou foram os títulos “João e Maria”, “A bela e a fera”, “O bicho folharal”, “O gato e o rabo da raposa”, “O Quibungo”. O menino também citou esses gêneros (histórias de encantamento, fábulas e contos populares), mas acrescentou histórias de assombração e as histórias da bíblia.

Os três alunos entrevistados relataram que costumam ouvir histórias tanto na escola quanto na casa de seus familiares. Kevin disse que prefere ouvir histórias a contar, já Cinderela e Adriana disseram que gostam das duas coisas (ouvir e contar) e, às vezes, criam suas próprias histórias. Quando perguntei se sabiam e se queriam contar alguma história, Adriana logo se empolgou e contou a História “O gato e a raposa”. Na verdade, ela fez um relato da

história. Cinderela também fez um reconto de “João e Maria”, demonstrando o seu gosto também pelos contos de fadas.

Ao final das entrevistas, percebi que a pesquisa ia muito além daquilo que eu almejava: verificar se narrativas orais circulam nas comunidades, se há confluências entre essas narrativas e aquelas que circulam no contexto escolar, e como isso acontece, me possibilitou também dar voz às crianças participantes da pesquisa, já que as crianças nem sempre são ouvidas, muitas vezes elas passam despercebidas aos olhos e ouvidos nossos, adultos.

São poucas as pesquisas que trazem as crianças como sujeitos participantes, muitas vezes as pesquisas são sobre as crianças e não com as crianças. São poucos os trabalhos acadêmicos que apresentam as crianças como narradoras, em sua maioria elas aparecem apenas como ouvintes. Segundo (Hartmann, 2013), este cenário vem mudando.

A perspectiva de estudar a produção e a transmissão de narrativas orais que têm como sujeitos as crianças se não é, portanto, inteiramente nova, tem sido pouco explorada, não apenas por pesquisadores da área de artes, como também das áreas afins como antropologia, sociologia e educação. O crescimento do campo da antropologia da criança, da sociologia da infância e dos estudos da infância na educação, embora ainda não tenha modificado substancialmente esse quadro, já começa a delinear um caminho fértil de investigação, com bases teóricas e metodológicas interdisciplinares que lhe sustentam e justificam. (p.53)

É o caso desta pesquisa que busca ouvir a voz das crianças participantes, dando espaço para que elas possam se apresentar como sujeitos narradores, capazes de narrar suas próprias histórias a partir de suas memórias, utilizando sua própria linguagem sem se preocuparem com o certo ou o errado.

Seguem abaixo os recontos¹⁸ feitos pelas duas crianças.

O gato e a raposa

Reconto: Aluna Adriana

¹⁸ Os contos em versões publicadas apresentam-se em anexo.

Ééé, tinha dois caminhos, aí o gato falou assim —Vamo apostar raposa, quem chegar lá...ééé, quem chegar lá primeiro ganha. Aí ele foi, a raposa, ela era mais rápida, só que aí o caminho do gato era menor. Aí ela não sabia né! Aí a raposa falou —Ah eu vou ganhar porque eu sou mais rápida. Aí eles foram, quando chegou lá aí o gato ganhou. Aí eles tinham apostado uma coisa que eu não lembro o que era...ééé, agora lembrei, quem chegasse primeiro arrancaria o rabo do outro, aí...aí o que aconteceu? A raposa ficou falando —ôh gato me dá meu rabo! Aí o gato respondeu —Só se você me der uma cuia de leite com farinha de milho. Aí a raposa foi tentar achar. Quando chegou no curral, ela disse pra vaca —ô vaca me dá leite pra eu dar pro gato pro gato me devolver meu rabo! Daí a vaca respondeu —Mas não tem pasto, então não tenho leite! Então ela foi la no pasto e disse —Pasto me dá capim, pra eu dar a vaca, pra vaca me dá leite pra eu dar pro gato pro gato me devolver meu rabo! Daí o pasto respondeu —Mas não tem água, assim o capim não cresce! Então a raposa foi até o rio e disse —Rio me dá água, água pra eu molhar o pasto, pro capim crescer, pra eu dar a vaca, pra vaca me dá leite pra eu dar pro gato pro gato me devolver meu rabo! Daí o rio falou — Não tem como, a areia tampou toda a água.

Então a raposa foi no ferreiro, quando chegou lá ela falou — ferreiro me dá uma enxada, enxada pra eu limpar o rio, rio pra me dar água, água pra eu molhar o pasto, pro capim crescer, pra eu dar a vaca, pra vaca me dá leite pra eu dar pro gato pro gato me devolver meu rabo! Aí o ferreiro disse a ela, mas não tem carvão. Nesse momento a raposa lembrou que tinha um toco queimado lá no topo do morro. Então ela subiu o morro e disse ao toco —Toco me dá carvão para dar pro ferreiro, pro ferreiro me dá uma enxada, enxada pra eu limpar o rio, rio pra me dar água, água pra eu molhar o pasto, pro capim crescer, pra eu dar a vaca, pra vaca me dá leite pra eu dar pro gato pro gato me devolver meu rabo! Finalmente a raposa recebeu um sim, o toco disse a ela para pegar a quantia de carvão que ela precisasse. Então ela pegou o carvão levou pro ferreiro, o ferreiro deu a ela uma enxada, ela limpou o rio, pegou água, molhou o pasto, o capim cresceu, ela deu o capim pra vaca e foi dormir, no outro dia ela tirou o leite da vaca, bebeu o tanto que ela quis e depois tirou o leite para o gato, só que ela colocou areia no leite que era para o gato. Quando o gato começou a beber, logo percebeu e disse pra raposa —Raposa, nesse leite tem areia, mas ela garantiu que não tinha, quando o gato chegou na areia, ele começou a mastigar a areia e ficou distraído, a raposa aproveitou o descuido para pegar seu rabo e saiu em disparada. Quando o gato percebeu, ela já estava longe bem protegida dentro de uma toca, e conseguiu finalmente emendar o seu rabo, apesar de ter ficado um pouco mais grosso do que era antes, ela ficou feliz com o resultado, e o gato ainda está tentando separar a areia da farinha milho que a raposa adicionou ao leite.

João e Maria, a partir de conto dos irmãos Grimm

Reconto: Aluna Cinderela

João e Maria não tinha mãe, a mãe deles morreu quando eles era bem pequenos, sabe! Daí a pai deles casou de novo, no começo era tudo muito bom, mas a madrasta deles era má, ela só fingia de boazinha na vista do marido. Quando o pai de João e Maria saia pra trabalhar, ela judiava dos dois, ela queria ficar livre deles de qualquer jeito, até tomou coragem para falar com o marido sobre o assunto, pedindo ele para se livrar dos filhos, mas ainda bem que o pai gostava muito deles e nem quis saber dessa ideia, ele brigou com a madrasta. Só que, quando ele saia pra trabalhar, ela sempre tentava um jeito de sumir com eles, mas como João e Maria era muito espertos, eles sempre arranjavam um jeito de voltar pra casa. Até os dois tiveram um plano, o João que era mais danado falou pra Maria —Ô Maria, temos que ficar livre dessa madrasta ruim, antes que ela suma com a gente! E assim eles fizeram. Naquele dia ela tinha levado eles pra fazer piquenique e deixou eles sozinhos na floresta. Então eles dois bolaram varios planos para infernizar a vida da madrasta. Eles botaram pimenta na comida, quebraram a perna do banco para ela sentar e cair, colocaram um sapo na cama dela enquanto ela cochilava, nesse dia ela quase morreu de susto...heheheheh. Ah, e também trancaram ela pro lado de fora da casa, ela quase morreu de frio e por último eles jogaram óleo na escada da casa para ela cair. E não é que o plano deles deu certo! A madrasta caiu e quebrou o pé. Quando o pai deles chegou de viagem, a primeira coisa que ela falou pra ele foi —Eu vou embora dessa casa, não aguento mais esses pestinhas. E finalmente João e Maria se livraram da madrasta má e viveram felizes para sempre com o pai deles.

Ao ouvir os recontos elaborados pelos alunos participantes da pesquisa, foi possível perceber como os contos são capazes de abrir um mundo de possibilidades, já que esse tipo de narrativa se faz presente no dia a dia das pessoas como um processo de interação social, fortalecendo vínculos afetivos e, quem sabe, sendo um aliado no processo de ensino e aprendizagem. Cada criança tinha o seu próprio de narrar, os recontos foram baseados em histórias já publicadas e histórias que ouviram seus familiares contarem.

Como diz o ditado “quem conta um conto aumenta um ponto”, as crianças não só aumentaram um ponto, mas deram aos contos o final que a sua imaginação escolheu, elas tiveram liberdade para modificar partes e o desfecho das conhecidas

histórias¹⁹, eliminaram alguns fatos, acrescentaram outros, tiveram a oportunidade de ressignificar as histórias ouvidas ou lidas.

Foi muito interessante também perceber o domínio do fluxo da narrativa pelas duas contadoras, o que indica a sedimentação de uma prática da contação de histórias nas suas vidas. Um domínio que não se restringe ao conhecimento da história narrada, ampliando-se aos rituais dessas práticas na interação e aproximação com os ouvintes, como se pode ver nos exemplos a seguir: (...) *agora lembrei, quem chegasse primeiro arrancaria o rabo do outro, **á...á o que aconteceu?*** (...) *João e Maria não tinham mãe, a mãe deles morreu quando eles eram bem pequenos, **sabe!***

Os dois recontos escolhidos pelas crianças sinalizam, portanto, repertórios constituídos das narrativas por elas apropriados, bem como práticas culturais que vão incorporando através dos modos de sociabilidade da contação de histórias, que perpassam os contextos comunitário, familiar ou escolar nas suas vivências ficcionais.

4.1 Um evento on-line de contação de histórias

No decorrer das entrevistas, agendei uma roda de contação de histórias virtual, momento em que pude reunir os entrevistados em uma só chamada com o objetivo de ouvir e de contar histórias, como relato a seguir.

Apresentei a ideia anterior de realizar e/ou participar de uma roda de contação de histórias na escola e/ou na Comunidade, mas que essa atividade presencial não seria mais possível devido à pandemia da Covid-19. Desse modo, foi proposto aos alunos que realizássemos uma roda de contação de histórias on-line. No início, eles acharam diferente, mas aceitaram o desafio. Então combinamos um novo encontro, dessa vez coletivo, pesquisadora e alunos em uma mesma chamada de vídeo,

¹⁹ Embora as histórias se modifiquem através dos tempos, identifica-se uma fonte a partir da qual foram mais disseminadas e chegaram até nós. No caso, por exemplo, de João e Maria, somos transportados à versão dos Irmãos Grimm, na qual os pais em comum acordo decidem levar os filhos para a floresta pela escassez de recursos para alimentá-los. Mesmo que no reconto, a partir de outras versões, tenha sido excluída a questão social e incluída uma madrasta má na trama, tirando dos pais a culpa do abandono, não há como não entrelaçar essa versão a outras, em uma ideia mutante que construímos dessa narrativa literária, conforme o contexto cultural que a acolhe e reconta.

realizada via WhatsApp. Não só para os alunos como também para a pesquisadora, a atividade gerou apreensão sobre como seria realizar uma roda de contação de histórias de maneira virtual, sem a possibilidade de interação face a face na qual há uma troca mais intensa de gestos, de olhares, de múltiplas expressões cambiadas não só entre contadora de histórias e ouvintes, como entre os ouvintes entre si. Uma atividade que, até então, era construída coletivamente através da interação presencial entre narrador e ouvintes, com uma história puxando outra, e, muitas vezes, contador e ouvintes complementando as histórias.

Ao pensar nesses desafios, refletimos sobre o fato de que as formas de contar histórias estão sendo inovadas a cada dia e uma dessas inovações é a apresentação a partir do audiovisual. Segundo Tahan, (1966)

A criança e o adulto, o rico e o pobre, o sábio e o ignorante, todos, enfim, ouvem com prazer as histórias – uma vez que essas histórias sejam interessantes, tenham vida e possam cativar a atenção. A história narrada, lida, filmada ou dramatizada, circula em todos os meridianos, vive em todos os climas, não existe povo algum que não se orgulhe de suas histórias, de suas lendas e seus contos característicos (p.16).

Se a maioria das pessoas aprecia boas histórias e se as histórias estão conquistando mais espaços a partir de novos meios de comunicação, sigamos reinventando as formas de contação de histórias, criando novas performances que possibilitem uma interação virtual entre narrador e ouvintes. Adotei o conceito de performance tal como o apresenta Zumthor (2005): “a performance é a materialização (a “concretização”, dizem os alemães) de uma mensagem poética por meio da voz humana e daquilo que a acompanha, o gesto, ou mesmo a totalidade dos movimentos corporais...” (p. 55). Em uma contação de histórias on-line, não é possível explorar todos os nossos gestos, os movimentos corporais, isso porque os espectadores estão sempre vendo a partir de um único ângulo, o da câmera, um recorte. Neste caso, contador ou contadora precisam ser criativos para explorar todos os movimentos possíveis de serem captados pela lente; vale a pena também caprichar no cenário e concentrar-se nas expressões faciais para interagir com o seu público.

Antes do encontro com os alunos, iniciei os preparativos, escolhendo a história a ser contada para eles, escolha que se deu a partir do tema pesquisado que é a vivência que as crianças têm da contação de histórias. Logo surgiu a ideia de escolher um conto tradicional, que fosse um conto mais conhecido; então escolhemos “*O bicho manjaléu*”, conto popular de domínio público, muito recorrente nas vozes de contadores de histórias pelo Brasil afora, e que também pode ser encontrado em livros como “Histórias de Tia Nastácia”, de Monteiro Lobato. Há ainda um outro aspecto motivador da escolha, relacionado às práticas de leitura escolares. Por se tratar de um conto tradicional, essa história também circula com frequência pelas salas de aula. Esse foi, portanto, outro dos motivos da escolha, pois se trata de uma história bastante conhecida e, como o tema é assombração e encantamento, este tipo de história costuma ganhar a atenção de espectadores/ouvintes.

Outro detalhe muito importante foi a organização de um cenário, pois, como dissemos anteriormente, a contação de histórias de forma on-line delimita a performance do contador à janela, a um enquadramento de uma tela, tornando necessária a criação de elementos que chamem a atenção do espectador, que complementem a cena narrativa, sem desviar a atenção da história ali contada. Conforme Sisto (2004),

Fazer nascer uma história não é uma tarefa fácil ou simples. E depende tanto de quem conta quanto de quem ouve. E todo “nascimento” deve vir cercado de cuidados: o local (que deve ser apropriado); o momento (que deve ser “exato”); os gestos e movimentos (que exigem uma enorme precisão!); as palavras (que vão “desenhando” um mundo novo), a voz (que deve convidar à proximidade, ao querer estar e ao querer ficar!). Afinal, trazer qualquer coisa ao mundo é sim um enorme ato de responsabilidade. (p. 01)

Entre as crianças participantes, o evento da contação de histórias surtiu um efeito de acontecimento cultural no seu cotidiano, tanto que, no dia do encontro, elas levaram dois amigos convidados. A atividade foi iniciada com o resgate de nossas conversas anteriores, durante a realização das entrevistas, e com o reforço da proposta de pesquisa.

Durante o encontro, ocorreram algumas quedas de internet, o que costuma ser frequente em atividade on-line e pelo fato de o contexto pesquisado possuir poucos recursos tecnológicos, mas, apesar dessas interrupções, conseguimos retomar a história do ponto onde havíamos parado, sem prejuízos. A contação de história durou em torno de dezesseis minutos. Observei que os ouvintes prestaram bastante atenção, o que era perceptível nas expressões faciais de interesse de cada um e cada uma. Ao final da história, conversamos mais um pouco sobre o momento vivenciado, sobre essa nova experiência de contar e ouvir histórias de forma on-line e três dos participantes relataram que já assistiam com frequência à contação de histórias através de canais no YouTube.

Consta o acerto da escolha da história porque ela favoreceu a mobilização de conhecimentos prévios das crianças relativos a contos populares. A aluna Adriana, por exemplo, assim que a ouviu, mencionou o seu gosto por esse tipo de história. *“O meu avô sempre conta histórias assim... de monstros, assombração, na escola as professoras também contam pra gente...contam outros temas também”*. A partir dessa história, os alunos mencionaram narrativas dos contos tradicionais com bichos e monstros, contadas por avós, manifestando familiaridade com o gênero literário, e citaram o “Bicho da Pedra Azul”, “Lobisomem”, “Couro de piolho”.

Depois foi proposto a eles que, caso se sentissem confortáveis, contassem alguma história. Duas crianças aceitaram contar histórias durante o nosso encontro, os outros ficaram envergonhados de contar na presença de outros participantes. As histórias contadas foram *“A princesa que não sorria”* e *“A raposa e o caboré”*, ambas do repertório dos contos tradicionais, que projetam mais uma vez essa familiaridade com narrativas orais passadas de uma geração a outra. Seguem, abaixo, as histórias contadas por Mirella.

A raposa e o caboré

Era uma vez uma raposa que estava numa pedra que ao redor havia um lago, aí o caboré foi beber água no lago, e a raposa pegou o caboré, mas o caboré disse pra raposa — Caboré molhado dá indigestão, a raposa botou ele em cima da pedra, ele bateu as asas e se enxugou, então a raposa perguntou: — Você já se enxugou? E o caboré bateu as asas e foi embora. A raposa disse “pode estar bichinho que eu ainda vou te pegar”. Quando foi no outro dia a raposa esperou onde ela estava bebendo água, aí o passarinho voltou de novo. A raposa disse: — É agora, aí pegou ele e foi embora com ele na boca. Quando chegou ao meio do caminho,

apareceu um homem e disse: — Olha a raposa com um caboré na boca. Aí o caboré falou pra raposa: — Diga a ele camarada raposa, é da sua conta? Aí quando a raposa foi falar, o caboré aproveitou que ela abriu a boca e se mandou. E nunca mais ele voltou naquele riacho com medo de ser pego novamente pela raposa.

A princesa que não sorria

Em um reino muito distante vivia uma linda princesa de cabelos longos e brilhantes. Adorava ouvir músicas, ler e cavalgar pelos campos do castelo. Ela era filha única, apesar de não ter companhia de sua idade, ela adorava ouvir as histórias contadas pelos súditos.

Ela tinha tudo que queria, o seu pai era um rei muito importante, mas apesar de toda essa riqueza, ela tinha um grande problema em sua vida: Ela não sabia sorrir! E isso a deixava triste, muito triste mesmo. Em todos os lugares que ela ia tinha gente sorrindo. Os feirantes do mercado sorriam, a professora sorria, as crianças na praça sorriam muito, até a cozinheira sorria enquanto preparava deliciosos banquetes.

Então um belo dia ela questionou! Por que eu não consigo sorrir? E ficou com esse pensamento atormentando sua cabeça dia após dia, essa dúvida foi tomando conta da bela jovem. Ela precisava descobrir qual era a magia do sorriso.

Até que um dia, enquanto ela andava pelas ruas do castelo encontrou um velho sábio. Aos poucos ela foi se aproximando dele e quando criou coragem perguntou: - Senhor? Por que eu não consigo sorrir? O velho sábio se voltou para ela com um largo sorriso e respondeu: - Talvez porque você não escute o seu coração. Ele tem a resposta para todas as dúvidas, ouça o que ele tem a dizer. E sorrindo o sábio foi se afastando devagarinho. A princesa voltou pro castelo tentando entender o que o homem queria dizer.

No dia seguinte, quando acordou, ela se lembrou do que velho sábio disse e então fez um esforço para ouvir seu coração. Mas na primeira tentativa não deu certo. Então resolveu espreguiçar para espantar a moleza e iniciar logo o seu dia, foi então que ela ouviu um sussurro bem baixinho: - Ahh, que delícia espreguiçar! E não é que era seu coração falando! A princesa ouviu e sorriu!!! Ela sorriu, SIM, porque era muito bom espreguiçar. Então ela saiu correndo para contar a boa nova a todos do castelo, no meio do caminho encontrou a cozinheira servindo um café quentinho e, de novo, ouviu um sussurro: - que cheiro delicioso de café, e ela sorriu!!! Quando ganhou um beijo de bom dia da rainha sua mãe, sorriu novamente!!! Tudo era motivo para dar aquela gargalhada. Seu coração não parava de sussurrar e nem ela de sorrir. Foi aí que ela percebeu que a felicidade estava presente nos mínimos detalhes. Desse dia em diante ela sempre ouviu seu coração e não parou mais de sorrir.

Essa roda de contação de histórias on-line mostrou que, mesmo durante a pandemia, e à distância, é possível contar histórias, desde que tenhamos os mínimos recursos tecnológicos, neste caso, um celular conectado a uma rede de internet. Em condições menos favoráveis à realização de atividades remotas, as

crianças participantes da pesquisa puderam interagir com a contadora de histórias, a pesquisadora, expondo parte de suas práticas e repertórios culturais nessas interações, realizadas de forma atípica, construídas por meio de performances possíveis.

Observei que o ambiente virtual tem se tornado um grande aliado no que se refere à transmissão de informações e no desenvolvimento de atividades lúdicas para todos os públicos, fazendo chegar aos ouvintes/espectadores um pouco mais de alegria, leveza, sobretudo para crianças e adolescentes que, de repente, se viram trancados em casa sem poder conviver uns com os outros presencialmente. A contação de histórias no espaço digital tem contribuído para estimular o imaginário das crianças e ajudar familiares e professores na busca por formas de entretenimento neste momento em que as aulas estão suspensas ou ministradas na forma de ensino remoto. Em relação ao objetivo deste capítulo, que foi o de verificar se narrativas orais circulam nas comunidades, se há confluências entre essas narrativas e aquelas que circulam no contexto escolar, e como isso acontece, pode-se considerar que o objetivo foi alcançado. Os três alunos entrevistados relataram que essas narrativas se fazem presentes nos dois ambientes, tanto na escola, contadas pelas professoras, como na Comunidade, na voz de seus familiares.

As impressões vão muito além dos resultados esperados, esta foi uma pesquisa desenvolvida em um período atípico e as crianças se saíram muito bem, pois conseguiram fazer aquilo que só a oralidade é capaz de proporcionar. Utilizando a voz e a performance como instrumentos, se expressaram de maneira clara e descontraída por trás de uma câmera, falando com uma pessoa que até então eles não conheciam. Através da janela de uma tela, eles relataram práticas vivenciadas na escola e na comunidade e até participaram de um evento online de contação de histórias. Ao ouvir os alunos, foi possível perceber que seus relatos e os relatos das professoras possuíam uma sintonia, ou seja, ambos os grupos seguiram por um caminho que levava ao percurso que a contação histórias faz entre escola e comunidade e vice-versa, numa espécie de ponte que proporciona a troca e/ou partilha de repertórios entre um espaço e outro, promovendo um diálogo entre a cultura escolar e a cultura local do território.

Por fim, focalizarei, no capítulo seguinte, a voz dos contadores de histórias, com o objetivo de analisar modos como essa prática acontece na comunidade pela voz dos contadores que vão nos mostrar, através das narrativas orais, valores, crenças, sentimentos, lutas, cultura, história, conhecimento, resistência e protagonismo.

5. CAPÍTULO IV - COM A PALAVRA, OS CONTADORES DE HISTÓRIAS: (re) criando memórias

Pretendo apresentar neste capítulo a voz dos contadores de histórias, com o objetivo de analisar aspectos relativos a esses contadores e aos modos como essa prática acontece. Para isto, foram realizadas entrevistas com três contadores de histórias da Comunidade Tesouras de Cima. Para facilitar o diálogo com os contadores foi utilizado um roteiro previamente elaborado com as seguintes questões, também elas passíveis de alterações conforme o rumo da conversa: Quando e como você começou a contar histórias? Por que ser um/uma contador/a de histórias? De onde vêm as histórias que você conta? Para você, qual a importância da contação de histórias? As crianças ainda gostam de te ouvir contar histórias? Quais as histórias de que elas mais gostam?

Durante o processo de levantamento bibliográfico para a revisão de literatura, encontrei alguns trabalhos relacionados ao tema em questão, dentre eles o trabalho de Pereira (1996) *“O artesanato da memória no Vale do Jequitinhonha”*, livro que é fruto da dissertação de mestrado da autora. Nessa obra, ela discorre sobre a memória histórica da região a partir do olhar dos contadores/narradores, que conseguem unir passado, presente e futuro com os fios da narrativa oral. Esse trabalho chamou minha atenção pelo fato de ser considerado uma das primeiras pesquisas, nesta área do conhecimento, a ser desenvolvida naquela região, considerando a importância da memória coletiva e da cultura popular.

Essas narrativas orais se fazem presentes no dia a dia das pessoas, e podem ser vistas como forma de resistência, proporcionando a transmissão de saberes de maneira coletiva. Os contadores de histórias são considerados os guardiões da memória de uma determinada comunidade, e não são apenas histórias que eles contam, eles narram sua existência, suas experiências de vida, que podem ser reais ou imaginárias.

O ato de narrar acompanha esses contadores em seus diversos afazeres, e pode ocorrer durante o trabalho desenvolvido na lavoura, na produção do artesanato, nas reuniões da comunidade ou até mesmo no postinho médico da comunidade. Cada atividade tem uma história que acompanha o seu desenvolvimento, dando lugar para

um intercâmbio de experiências, “afinal, a grande beleza da narração oral está em que cada pessoa conta do seu jeito” (GIRARDELLO, 2004, p. 13).

5.1 Os contadores da pesquisa

Para desenvolver esta etapa da pesquisa, foram entrevistados três contadores de histórias que residem na Comunidade Tesouras, sendo dois homens e uma mulher; os dois homens possuem mais de 70 anos, a mulher, uma adolescente, na época da entrevista tinha 14 anos e estava no oitavo ano do ensino fundamental.

O primeiro contador entrevistado foi o Sr. Júlio²⁰, “nascido e criado”, naquela região, como ele mesmo faz questão de dizer. Na ocasião da entrevista, tinha 80 anos, oito décadas cheias de muitas lutas e histórias. A princípio, vale dizer, realizar as entrevistas de maneira virtual foi um pouco estranho, sobretudo com um contador de histórias já idoso, não muito familiarizado com o mundo virtual. Um fator facilitador é que eu já o conhecia, então foi mais tranquilo apresentar a proposta de pesquisa. Nosso primeiro contato foi por uma chamada via WhatsApp sem vídeo. Eu apresentei a minha proposta de pesquisa, ele ficou contente com o convite e logo aceitou; uma das primeiras coisas que ele me disse foi: *“Bom mesmo era você vir aqui para a gente ter essa conversa, não sei se vou saber contar histórias por telefone”*. Diante desta fala, expliquei que, por enquanto, isso não seria possível por conta das regras de distanciamento social em decorrência da pandemia da Covid-19. Antes de agendar a entrevista, a gente ainda conversou bastante, ele relatou que conhecia os meus pais desde quando eles ainda eram jovens, também comentou sobre essas facilidades que a tecnologia nos oferece, *“quem diria que eu aqui nas Tesouras, iria poder contar histórias e ver você aí em São Paulo, até pouco tempo nem telefone funcionava aqui, agora temos até internet”*. Após alguns minutos de conversa, ele entendeu que não seria possível realizar a entrevista presencialmente e disse: *“Então vamos fazer a contação de histórias assim mesmo, de longe”*. Agendamos a entrevista para o dia 10 de dezembro de 2020. Como ele não tinha muita familiaridade com essas novas tecnologias e possui uma leve deficiência auditiva, a sua neta Alice, que também é contadora de histórias, o

²⁰ Nome fictício para preservar a identidade do entrevistado

auxiliou no manuseio com o tablet. Embora a Alice não more com os avós, ela se dispôs a vir até a casa deles no dia da entrevista para nos dar esse apoio.

No dia e horário marcados, realizei uma chamada de vídeo, ele atendeu, e já foi prontamente narrando como estavam as coisas por lá,

“Ei Veridiana, tudo bem? por aqui nós estamos bem graças a Deus, este ano está bom de chuva, as roças então uma beleza e por falar em chuva, o céu está começando a ficar escuro, pode ser que a gente não consiga conversar hoje, pois se começar a relampejar é preciso desligar o aparelho da internet, é perigoso queimar se ficar ligado”. [entrevista concedida no dia 10/12/2020]

Não demorou tempo e logo começaram os relâmpagos e trovões, fenômeno que nos fez remarcar a entrevista para o dia 14/12/2020. Nesse dia, sim, tudo transcorreu da melhor maneira possível, o céu estava limpo por lá, sinal de que a nossa entrevista ia dar bons frutos.

Antes de apresentar a primeira questão do roteiro, ele já foi logo dizendo,

“Então você quer que eu conte histórias? Qual é o tempo de conversa que nós temos, quantas histórias que você quer? É porque eu tenho história grande, tem história pequena, tem história de exemplo de vida, tem história de palhaçada, tem história que eu fiz e tem histórias que eu escutei dos outros... mas eu gosto muito de contar as histórias que eu fiz. Vou contar uma pra você, a história é o seguinte, aí pego um pouquinho de luta e de caminhada aí eu formo a história”. É igual plantar o feijão e depois contar a história de como tudo foi feito e como que o feijão produziu, assim eu pego um assunto de alguma coisa que acontece, aí eu preparo uma história. Agora eu vou contar a história da comunidade viu? [Entrevista concedida no dia 14/12/2020]

E eu pensando que ele iria ficar inibido com a câmera, lá veio a primeira história, que, na verdade, um fato ocorrido na própria comunidade, narrado como histórias de ficção.

A importância do trabalho em mutirão

...havia uma comunidade que o pessoal gostava muito de trabalhar de mutirão, mas Seu Pedro não gostava de mutirão, e falava que mutirão pra enricar os outros e que ele não ia gastar o tempo dele

com mutirão...aí o pessoal explicava pra ele que o mutirão, a parceria era muito bom pra desenvolver melhorar a situação financeira da comunidade que vivia ali, mas Seu Pedro sempre detestava a ideia, e...Seu Pedro tinha uma vaquinha, ele tirava leite e dava pra os meninos, mas a vaquinha era muito ladrona, então o pessoal falava com ele, ô Seu Pedro vamos fazer um mutirão e preparar um pasto procê pô sua vaca, pra sua vaca não ficar perseguindo os vizinhos, aí ele respondeu: ah isso é bobagem, eu não ligo com essa história de mutirão não, lá vem vocês com essa história de mutirão outra vez, eu não topo esse negócio de mutirão não. Mas, como a vaquinha perseguia demais e o pessoal reclamava, Seu Pedro preparou um cabresto pra pôr na vaquinha e andava com ela pelas estrada, dando pasto pra ela nas beira de estrada...e assim ficou por muito tempo, sabe? Aí de vez em quando alguém perguntava, mas ô Seu Pedro, por que esse trabalho todo? É esse pessoal daqui da comunidade é muito enjoado e fica reclamando de minha vaquinha, então tenho que deixar ela amarrada e dar pasto na estrada, é a única vaquinha que eu tenho para dar leite pros meninos. Nesse meio tempo veio outro senhor e perguntou, ô Seu Pedro por que está dando pasto essa vaquinha com esse trabalho todo? Aí ele contou toda história de novo! O moço ficou com pena dele e disse, vamos aqui na frente que eu vou ver se dar um jeito nessa situação pro senhor, então vai precisar o senhor ficar trazendo a sua vaca na estrada pra dar pasto. Aí Seu Pedro puxou a vaquinha e acompanhou o moço até o local escolhido, chegou lá o moço pediu: me dá o cabresto da vaquinha aqui, o moço foi soltou a vaquinha em um chapadão e sumiu, tanto ele como a vaquinha. O Seu Pedro voltou pra casa aos prantos, quando chegou em casa disse pra mulher, ô mulher veio um moço dizendo que ia me ajudar e soltou minha vaquinha na serra, no meio do chapadão, e agora o que nós vamo arrumar? Acabou com a vaquinha de dar leite pros meninos. Então a mulher disse, ô Pedro, agora nós vamos ter que pedir leite para os vizinhos, Pedro não gostou nem um pouco da ideia e disse, esse negócio é que não vou fazer mesmo, pedir favor pra aquele povo. Aí a coisa foi se complicando e a mulher resolveu ela mesma ir pedir leite para vizinhança. Até que um dia ela foi na casa de uns compadres pegar leite e os compadres disseram, ô comadre fala com o compadre Pedro pra gente fazer mutirão para cercar um pedaço da terra dele e formar um pasto, aí com a graça de Deus logo ele compra outra vaquinha. Aí chegou em casa e disse, Pedro, o compadre deu leite, mas falou pra você aceitar fazer um mutirão para cercar um pedaço da terra e formar um pasto, pra gente comprar outra vaquinha pra dar leite para as crianças, mas Pedro recusou de novo, e o tempo foi passando, mas nada mudou. Até que um dia ele ficou com vergonha e disse, ô muié eu vou lá perguntar pro compadre como que é esse negócio de mutirão. Chegou na casa do compadre e disse, ô compadre, como é que é esse negócio desse mutirão de que cês tanto fala? Ah compadre, mutirão é assim, nós trabalha todo mundo reunido na terra de um na roça, planta capim, limpa as lavouras, todo mundo junto, um ajudando o outro e assim nós vai crescendo desenvolvendo, pois o senhor não já ouviu dizer que é da união que nasce a força? É assim. Seu Pedro falou, é compadre, eu já ouvi dizer, mas eu não sei como é que é esse negócio não. Ah compadre vem participar um dia com nós pro senhor ver como é que é. Então

Seu Pedro resolveu ir, chegou lá foi trabalhar junto com a turma, plantaram, limpavam a roça, tudo com muita cantoria e brincadeira, aí ele disse, ô compadre, mas sabe que esse negócio é até engraçado mês, eu quero experimentar esse trem lá em casa. Aí o compadre falou pro Seu Pedro, olha, a gente vai fazer o mutirão na sua casa, vamos preparar uma roça, fazer o pasto, aí o senhor compra sua vaquinha e não vai precisar mais sair pedindo leite para a vizinhança. Na semana seguinte foi todo mundo trabalhar na terra do Seu Pedro, fizeram a roça, o pasto. Ao passar de alguns meses, o capim estava aquela maravilha, aí o Pedro alugou o pasto para uma pessoa que estava precisando e com dinheiro do aluguel ele comprou não só uma, mas três vaquinhas e ficou muito contente. Após esse acontecido, Seu Pedro se converteu e começou a participar de todos os mutirões da comunidade. Não teve desavença e todo mundo da comunidade viveu unido. E aí como disse aquele ditado, entrou na perna do pato e saiu na perna do pinto, e disse pra você contar cinco. [entrevista concedida no dia 14/12/2020]

Ao ouvir a história contada, me lembrei de um artigo do Mia Couto (2008), em que ele relata que alguns povos africanos possuem o costume de abordar determinados assuntos a partir da contação de histórias. Ele diz o seguinte,

Recordo, por exemplo, certa vez que eu estava numa pequena aldeia e veio da capital (Maputo) um político candidato por um novo partido. Pois esse candidato se chegou à aldeia e se anunciou como um “salvador”, alguém que “salvaria” os camponeses do seu pobre destino. Se ele ganhasse a eleição, construiria estradas, hospitais e escolas. No final, um velho da plateia levantou-se e disse: “Estamos tão gratos por alguém vir de tão longe para nos salvar que até recordamos da história do macaco e do rio”. Todos sabiam da história exceto eu e o tal político visitante. Desgraçadamente ele pediu que lhe contassem a história. Contaram-na, então. E dizia o seguinte: um macaco que caminhava junto ao rio viu um peixe nadando. O macaco falou em voz alta: “Pobre bicho, deitado dentro da água, vou salvá-lo antes que ele afogue”. Meteu a mão no rio e retirou o peixe para fora da água repetindo sempre. “Vou salvar este animal”. O pobre peixe estrebuchava na mão do macaco, que extasiado, comentava: “Meu Deus, quanta alegria!”. Passado minuto, o peixe morreu e o macaco concluiu: Se eu tivesse chegado um pouco antes, eu teria salvado este bicho”. Foi essa a forma que o camponês escolheu para denunciar a demagogia do político. Ele não enfrentou, não confrontou. Usou uma maneira metafórica, elegante e elaborada de dar respostas a um discurso de poder. (SUPERINTERESSANTE, 2008, p.8)

Neste sentido, observa-se que a prática de contação de histórias possui diversos objetivos, ela pode ser utilizada apenas de maneira lúdica, ou pode também utilizar o lúdico como recurso didático e de resistência.

Ao finalizar essa história, demos início às questões norteadoras, presentes no roteiro. Segundo o Sr. Júlio, ele ouvia histórias desde criança, contadas pelos seus pais, pelos seus tios e pelos moradores mais velhos da Comunidade. Ele disse que os gêneros eram variados.

“eu escutava histórias de vários tipos, histórias de assombração, de brincadeira, de encantamento, histórias de vida... os mais velhos gostavam muito de contar histórias de assombração como forma de fazer as crianças ficarem quietas... eu também já contei muita história de assombração, mas hoje eu não acho bom contar história de assombração, principalmente para criança, essas histórias faz as crianças crescerem com medo”. [Entrevista concedida no dia 14/12/2020]

Desde muito cedo o Sr. Júlio ouvia histórias, mas ele disse que só foi se interessar mesmo pela contação após o nascimento dos filhos; daí ele começou a contar para os filhos e também para outras crianças interessadas em ouvir. Depois de algum tempo, ele expandiu o seu público, passou a contar não apenas para crianças, mas também para os adultos. Nas palavras do Sr. Júlio, “*Contar história não é só brincadeira, durante uma contação de histórias a gente aprende e ensina muita coisa, também é uma oportunidade de se reunir uns com os outros*”. A fala do Senhor Júlio vai ao encontro de Pereira (1996), quando a autora diz,

os contos orais exercem em seu contexto a função social de ensinar às gerações um modo de conciliação do muito novo e do extremamente antigo, mesmo arcaico, ideando uma colagem que sugira os caminhos do que se pensa moderno sem o abandono do passado. Essas narrativas querem mostrar uma possibilidade aceitável de se incorporar, nos hábitos da comunidade, características diversas daquelas em que se originaram e, nessa maleabilidade, realizar a continuidade com os sistemas de tradição. (p. 62)

Neste sentido, a prática de contar histórias pode ser considerada uma das formas de manter vivos as tradições e os costumes de um povo, mantendo firmes os seus laços culturais e sociais. O contador de histórias carrega consigo esse costume de manter viva a tradição oral, independente do contexto em que esteja inserido, ele consegue adaptar o enredo de acordo com a demanda. Durante a entrevista, o Sr.

Júlio narrou um fato interessante, só lembrando que ele mora em uma Comunidade Rural do Município de Araçuaí.

Fui acompanhar minha mulher na cidade porque ela ia realizar uma cirurgia de catarata, chegando lá precisamos ficar mais ou menos uma semana, ah, mas eu já não estava aguentando mais ficar dentro de casa sem fazer nada, não estou acostumado com isso, tenho meus afazeres aqui na roça. Depois de alguns dias eu descobri que tinha uma Escolinha de Educação Infantil perto de onde a gente estava hospedado, um certo dia bati no portão da escola, me apresentei, disse que eu gostava de contar histórias e perguntei se poderia entrar e contar uma história para as crianças. A equipe da Escola me recebeu com atenção e concedeu a permissão para que eu contasse a história, como era mês de dezembro, aproveitei para contar a história do Nascimento do Menino Jesus, foi uma alegria só, as crianças adoraram, foi muito gratificante. [Entrevista concedida no dia 14/12/2020]

Ao ouvir este relato, entendi que a contação de histórias é uma atividade que faz parte da vida dele, e também me lembrei de um trecho em que Busatto (2006) diz

(...) Por outro lado, contar histórias pode ser fermento para o imaginário. Elas nascem no coração e, poeticamente circulando, se espalham por todos os sentidos, devaneando, gatiando, até chegar ao imaginário. O coração é um grande aliado da imaginação nesse processo de produção de imagens significativas. (p. 58/59)

Ao contar uma história, o contador não está apenas pronunciando palavras vazias, suas palavras são sempre carregadas de significados, de histórias de vida. Naquele momento, ele passa a partilhar suas experiências com os ouvintes ali presentes, e aquelas histórias passam a fazer parte também da vida dos ouvintes, através do laço da comunicação estabelecida entre eles; além disso, ao se reunir para contar e ouvir histórias, cria-se a oportunidade de estar junto, de ouvir o outro. Em tempos em que a falta de tempo dita as regras, esses momentos são valiosos.

O próximo entrevistado foi o Seu Juca²¹, morador daquela comunidade desde o seu nascimento; ele continua lá ao lado dos seus filhos e netos. A entrevista com o Seu

²¹ Nome fictício para preservar a identidade do entrevistado

Juca foi realizada via chamada telefônica, pois, na ocasião da entrevista, ainda não havia internet em sua casa, mas, segundo ele, logo o serviço iria ser instalado. Liguei para ele com antecedência para apresentar a minha pesquisa e me apresentar também, pois, diferentemente do Seu Júlio, o Seu Juca não me conhecia. No primeiro dia em que eu liguei, após as apresentações formais, a gente conversou um pouco sobre os assuntos da comunidade e ele estava muito satisfeito com a possibilidade de a internet chegar em sua casa. Em um dado momento, ele disse *“Não vejo a hora dessa internet chegar, aí vou poder comunicar com a parentaiada que mora fora e faz tempo que não vejo, segundo esses meninos aí, eu vou poder até ver a cara do povo enquanto falo com eles”*. Marcamos a entrevista para o dia 15 de dezembro de 2020; graças a Deus, naquele dia não estava chovendo, o telefone funcionou normalmente e a entrevista foi realizada com sucesso.

Antes de iniciar a entrevista, apresentei as questões norteadoras da nossa conversa, e também disse para ele ficar à vontade em relação ao conteúdo da conversa, para ele não se prender àquelas questões. Ao lhe perguntar quando e como começou a contar histórias, ele não foi muito direto na resposta:

“pra ser sincero com a senhora, eu não me lembro direito quando, só sei que eu ainda era bem moço, e isso não é uma coisa que a gente planeja, ela acontece por acaso, por isso a gente não lembra ao certo o começo. As vezes a gente ta numa roda proseando, uma pessoa conta um causo e a gente acaba emendando e contando também, é assim. Desse jeito elas vai de boca em boca e nunca acabam, um vai aprendendo com o outro e passando pra frente...”
[Entrevista concedida no dia 15/12/2020].

Antes de darmos continuidade à entrevista, o Seu Juca perguntou: “a senhora também gosta de ouvir histórias? Quer que eu conte uma? Não sei como vai ser por telefone, mas acho que dá certo”, eu respondi que sim e, então, ele começou de uma forma tão espontânea que deu gosto de ouvir.

Eu vou contar essa aqui: **Missa é documento!**

Os antigos contavam que tinha uma senhora muito religiosa que morava lá em Araçuaí. Ela sempre ia a igreja, ela não perdia uma

missa e era rezadeira de terço. Essa mulher tinha 2 filhos, Pedro e Antonio, O Antonio era muito obediente, já o Pedro era mais agitado e respondão. Quando os meninos eram pequenos, ela sempre levava eles na Igreja. Quando todo mundo ficou adulto, cada um tomou seu rumo. Mas a mãe sempre insistia para que os filhos seguissem o caminho de Deus e fossem na missa. Aquele filho mais arredo, o Pedro, sempre respondia que Missa não era documento. Até que um dia esse moço viajou e foi trabalhar em São Paulo, chegando lá sofreu um acidente e passou dessa pra melhor. Passados alguns anos, chegou uma mulher desconhecida na casa de sua mãe, para levar um recado. Quando a Senhora religiosa chegou na porta, deparou com aquela estranha que dizia ter um recado de seu filho, quando a dona da casa perguntou que recado era esse, a mulher respondeu – Encontrei com o seu filho Pedro lá em São Paulo e ele pediu para eu dizer à Senhora que missa é documento sim. Nesse momento a mãe do rapaz desmaiou e até hoje a mensageira não sabe o motivo. [Entrevista concedida no dia 15/12/2020].

Ao finalizar a história, o Seu Juca acrescenta *“a senhora sabe que essas coisas pode acontecer mesmo né? Ninguém pode desfazer ou brincar com as coisas de Deus”*. A partir dessa fala do Seu Juca, foi possível perceber as diversas formas de manifestações culturais presentes nas histórias de tradição oral, e, neste caso, ficou nítido como a tradição religiosa faz parte da vida desse contador. Observa-se também a facilidade em utilizar uma história para transmitir uma determinada mensagem aos seus ouvintes. Pode-se dizer que o Seu Juca representa o contador de histórias tradicional; segundo Benjamin (1994),

O narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. [...] O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo. (p. 221)

Pode-se dizer que o contador de histórias (narrador) mescla conhecimentos da sua experiência de vida e suas crenças com as histórias já existentes, e as transmite

para os seus ouvintes, unindo costumes culturais, sociais e religiosos em uma única mensagem.

Voltando à entrevista com o Seu Juca, quando fiz a pergunta: por que ser um contador de histórias? Ele disse que algumas coisas são inexplicáveis *“minha filha, tem coisa que não dá pra explicar assim com as palavras, é sina, ninguém me ensinou fazer isso, é uma coisa da minha natureza”*. Segundo ele, seu repertório de histórias vem do que ouviu os outros contarem e do seu imaginário.

Ao ser questionado sobre a importância da contação de histórias, ele falou sobre a transmissão de conhecimentos e ensinamentos aos mais jovens, como forma de divulgar e preservar os costumes culturais de uma determinada comunidade.

“se a gente não conta como eram os costumes antigamente, eles nunca vai saber, isso não aprende na escola, tem coisa que não tá escrita em papel nenhum, que tá só na cabeça da gente, é preciso passar isso adiante para não correr o risco de acabar, de ficar esquecido, e isso é obrigação dos mais velhos, contando assim é mais fácil de entender, até porque, hoje o povo anda muito ocupado, entretido com muita coisa, e ouvir história não cansa né? Até distrai um pouco....” [Entrevista concedida no dia 15/12/2020].

Neste trecho, o contador considera a prática de contação de histórias como um recurso pedagógico, mesmo que esse evento ocorra fora da escola. Neste caso, há um reconhecimento dos valores tradicionais quando ele se refere a fatos que aconteceram em outras gerações e que precisam ser repassados para a geração atual. Segundo ele, isso pode ser feito através da contação de histórias, uma forma mais leve de se transmitir uma mensagem, um ensinamento.

De acordo com Seu Juca, apesar das diversas formas de entretenimento, oferecidas pelo mundo moderno das tecnologias, as crianças ainda apreciam uma boa história contada oralmente, e reforça que esse gosto não é só das crianças, mas dos adultos também. Mas, admite que esse costume era mais valorizado antes da chegada da televisão e da internet.

antigamente as pessoas participava mais das rodas de contação de conversa, não existia luz elétrica, desse modo a gente conversava mais uns com os outros, era uma forma de se distrair e aprender mais sobre o mundo. Quando era de noite, a gente sentava na beira do fogo e começava a contar histórias, eram histórias acontecidas e histórias inventadas, o povo gostava, a meninada ficava de ouvido ligado, eles gostavam mesmo era de história de assombração, mesmo ficando com medo depois, eles gostam também das histórias de ensinamento...as histórias de ensinamento, são aquelas que tipo...a história da comunidade, as histórias dos tropeiros, coisas da vida sabe?. [Entrevista concedida no dia 15 de dezembro de 2020].

Ao finalizar o bloco de questões, o Seu Juca me presenteou com mais uma história, dessa vez, segundo ele, uma história de artimanha:

O lavrador, o menino, o coelho e uma lata de farofa

Pois então... minha vó contava que aqui perto dessa comunidade, morava um homem muito trabalhador, o Seu Antônio, todo dia ele pegava bem cedo no serviço da roça, fazia sol ou chuva ele estava lá trabalhando na foice ou na enxada sabe como é né? Mas naquela época mesmo trabalhando bastante as coisas não eram fáceis, produzia para comer e quando queria uma carne tinha que ir à caça, naquele tempo as pessoas podiam caçar, elas caçavam só pra satisfazer as necessidades, não saiam matando os bicho atoa. Mas voltando ao moço trabalhador, era mais ou menos mês de agosto, sol muito quente e os mato tudo seco, desse jeito era difícil encontra alguma caça, mas não é que ele deu sorte, um dia chegou na horta com o seu filho que sempre o acompanhava e sabe o que eles encontraram? Um coelho, isso mesmo, as feições do seu Antonio chegaram a ficar serena de tanta alegria. Foi aí que ele falou pro filho: é hoje que nós vamos comer uma carniha diferente, não aguento mais comer galinha, menino, vai pra casa leve esse coelho e pede pra sua mãe matar e preparar e fazer uma farofa bem gostosa, colocar numa lata e mandar almoço pra mim aqui na roça. O menino ficou contente e saiu dando pulos com o coelho embaixo do braço. Mas, como coelho sempre foi um bichinho muito esperto, cheio de artimanha, chegou em uma parte do caminho ele disse ao menino: menino!! e o menino levou aquele susto, um coelho falando né.... aí de novo ele disse: menino!! enfim o menino criou coragem e respondeu: o que foi coelho? Então o coelho disse: você se lembra do recado que o seu pai mandou pra sua mãe? O menino prontamente respondeu: claro que eu lembro. Para confundir o menino, o coelho perguntou de novo: você tem certeza? O menino falou, tenho sim, o meu pai pediu pra eu te levar pra minha casa, falar pra minha mãe matar você e preparar uma farofa bem gostosa pra eu levar de almoço pro meu pai. O coelho muito esperto disse ao menino: Eu sabia que você tinha esquecido o recado, a gente não pode confiar em criança mesmo, eles esquecem as coisas em um pinote. O menino ficou confuso e disse: mas se não foi esse o recado, o que pode ser? O coelho então respondeu, ai de você se não fosse eu para te ajudar, o seu pai pediu para você me levar pra

sua casa, quando chegar lá, falar pra sua mãe pegar a galinha mais gorda do terreiro, aprontar e fazer uma farofa bem gostosa, colocar numa lata e pedir para eu levar pra ele. O menino, ficou meio em dúvida, mesmo assim acreditou no coelho, e quando chegou em sua casa, deu o recado pra sua mãe, conforme o coelho tinha lhe dito. A mulher achou esquisito, mas fez tudo conforme o recado que recebeu, escolheu a galinha mais bonita e mais gorda, matou, aprontou, fez a farofa, colocou numa lata e entregou para o coelho levar na roça para o seu marido almoçar. O coelho saiu dando cada pulo que logo se encobriu na estrada, quando ele viu que ninguém o enxergava mais, se embrenhou no meio do mato e foi comer a farofa bem longe dali. Quando chegou no final do dia, o Seu Antonio já não aguentava mais de fome, foi pra casa inconformado por a mulher não ter enviado o almoço para ele. Chegando lá, indagou para saber o que houve, quando a mulher e o menino contaram, ele ficou muito chateado e disse: mas como é que pode um negócio desses? Acreditar logo num coelho, o bicho mais trapaceiro que existe, quem sabe isso lhes sirva de exemplo, pode confiar em qualquer bicho, mas não dê ouvidos para coelho. [entrevista concedida no dia 15/12/2020].

Ouvi atentamente as histórias que o Seu Juca contou, observei bem o conteúdo da nossa conversa e percebi que ele é um desses contadores de histórias bem seletivos, escolhe cuidadosamente as histórias que vai contar, inclusive por gênero. Essa sua particularidade ficou mais nítida ao final da segunda história quando ele disse *“esse tipo de história a gente conta mais pra alegrar as pessoas, elas gostam de histórias engraçadas, também gostam de charadas e histórias de adivinhação”*. Sabiamente o contador seleciona de seu repertório um tipo de história para cada momento, pensando no efeito que deseja que ela produza na interação com os ouvintes. De histórias “inventadas” a histórias “acontecidas”, vão se entrelaçando referências do imaginário popular da região, dos modos de vida, da labuta diária nos ofícios da vida do campo, da religiosidade, das relações interpessoais e sociais, entre tantos outros aspectos presentes nas narrativas.

Encerramos a entrevista e fiquei com a sensação de ter participado de uma verdadeira aula ministrada por um mestre que estudou apenas até o segundo ano do ensino fundamental, capaz de compreender o mundo de uma maneira imensurável.

Dando prosseguimento às entrevistas, a terceira e última entrevistada foi a Mirella²², uma adolescente que, na ocasião da entrevista, tinha 14 anos e cursava o oitavo ano do ensino fundamental. Foi Mirella quem me auxiliou na entrevista com o seu avô, o Seu Júlio. Nesse dia, aproveitei a oportunidade para perguntar a ela se aceitava participar da pesquisa, e, como ela topou, agendamos a entrevista para o dia 18 de dezembro de 2020, na casa de seus avós porque na sua casa não havia sinal de internet.

Sobrinha e neta de contadores de histórias, Mirella nasceu e reside na Comunidade Tesouras e, na ocasião, ainda era aluna da Escola Municipal São Vicente. Mirella não se considera uma contadora de histórias como é o seu avô, mas conta algumas. Ela contou que esse processo se iniciou após o nascimento da sua irmã mais nova, pois ela sempre contou histórias para a irmã, sobretudo na hora de dormir. Quando a irmã foi crescendo, ela também tomou gosto pelas histórias e passou a pedir para que Mirella contasse.

De acordo com Mirella, ela gosta de contar histórias porque, nas histórias, tudo é possível,

“ah, eu gosto de contar histórias, porque nas histórias nada é impossível, a gente consegue transformar um sonho em realidade”. Sempre contei histórias para minha irmã, mas chegou uma hora que o meu repertório acabou, repertório esse que eu aprendi com o meu avô, minha tia e nos livros, foi aí que eu comecei a criar algumas histórias. [Entrevista concedida no dia 18 de dezembro de 2020].

Para Mirella, a contação de histórias é um instrumento importante para a aprendizagem dos alunos, ajuda a entender melhor os conteúdos, aguça a curiosidade para conhecer novas histórias, levando o aluno até os livros e quem sabe incentivando o gosto pela leitura. Ela disse que ouve histórias desde criança, a maioria delas contadas pelo seu avô, relatou também que até hoje gosta de ouvir histórias. A ouvinte principal de suas histórias é a sua irmã, ela adora ouvir histórias, principalmente os contos de fadas.

²² Nome fictício para preservar a identidade da entrevistada

Perguntei se ela poderia contar uma história, e ela aceitou, disse que iria contar uma que lhe causava muito medo quando era criança: “O quibungo”, um conto tradicional do folclore brasileiro que está presente em diversas regiões do Brasil.

O quibungo/xibungo²³

É assim que os mais velhos contam: No meu tempo de criança, a gente nem pensava em desobedecer a pai e mãe da gente, as crianças daquele tempo tinham medo das coisas. A minha vó dizia que criança desobediente era um prato cheio pro xibungo. Segundo ela o xibungo era um monstro que perseguia crianças arteiras e desobedientes. Ele era um bicho peludo meio fera meio gente, e era muito feio e malvado, tinha uma boca muito grande, o mais esquisito é que o seu bocão não era no rosto não, era nas costas. Esse bicho persegue as crianças que não dorme cedo e que fazem malcriações. [Entrevista concedida no dia 18 de dezembro de 2020]

Nota-se na pequena história de ensinamento escolhida por Mirella, usada para preservar a obediência das crianças com os mais velhos, uma atitude de reverência em relação a essa prática passada de uma geração a outra. A adolescente mostra disposição para continuar uma tradição familiar, deixando clara essa filiação: “É assim que os mais velhos contam”. Ela estudou na mesma escola em que estudam as outras crianças com as quais tive a oportunidade de conversar sobre a presença da prática de contação de histórias nas suas vidas. Pode-se notar em Mirella um processo de emancipação como contadora, ainda fortemente ligado aos repertórios transmitidos pelos mais velhos. Assim, projeta-se uma nova contadora de histórias, que, ao que tudo indica, dará continuidade a essa prática naquela comunidade.

O ressoar dessas três vozes nos convida a refletir sobre a importância das narrativas orais, em especial a contação de histórias nas comunidades do Vale do Jequitinhonha. Não se trata apenas de tradição, essa prática também é vida, é

²³ Na região onde ocorreu a pesquisa, os nomes quibungo e xibungo possuem o mesmo significado semântico (Ser mitológico do folclore afro-brasileiro). Este significado é condizente com o sentido da história contada por Mirella. Já o dicionário Houaiss apresenta a palavra “xibungo” com o significado de “homossexual masculino passivo” HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss**. São Paulo: Objetiva, 2009.

instrumento de comunicação, de interação e sobretudo de transmissão de saberes e significados, abrindo um leque de possibilidades para a produção de sentidos, e novas formas de ver e compreender o mundo. A experiência em poder ouvir dois contadores adultos e uma contadora ainda adolescente nos possibilita observar o peso que essas narrativas possuem, como forma de expressão potente que atravessa gerações, com a finalidade de manter vivas a história e memória de um povo e/ou de um lugar.

Há entre esses três grupos de entrevistados – professoras, alunos e contadores de histórias – uma espécie de elo constituído por narrativas que povoam a infância, a juventude e o mundo adulto, seja na família, na escola do campo, ou no espaço comunitário onde se movem os contadores. Narrativas orais que promovem, continuamente, trocas intergeracionais no compartilhamento de contos, nas formas como se pode contá-los, nos modos como são compreendidos e atualizados por aqueles que ali vivem,

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa não se encerra aqui, mas, como toda trajetória acadêmica, esta etapa termina para dar lugar a novas histórias, novos estudos e novas inquietações. A investigação desenvolvida, durante a realização deste trabalho, nos mostrou que a contação de histórias é capaz de romper muros e fronteiras, se fazendo presente em diversos espaços, sejam eles escolares ou não. A atração pela ficção, no caso desta pesquisa, pela via da oralidade, atravessa as instâncias sociais das famílias, da escola, da comunidade, na construção de um imaginário coletivo em que o conto popular aparece com destaque nas vozes de diferentes sujeitos num diálogo intergeracional. Essas pessoas se entregam aos contos de forma apaixonada e, assim, vão construindo, no seu cotidiano, o *território do imaginário* e ilusório, tal como afirma Graciela Montes (1999), pelo simples prazer de contar e ouvir histórias de ficção.

O objetivo deste trabalho foi identificar e analisar práticas de contação de histórias de professoras que atuam em uma escola do campo, aluno e alunas de duas turmas multisseriadas do Ensino Fundamental dessa mesma escola e de contadores de histórias da comunidade onde vivem os alunos. Eu só não contava com uma pandemia de Covid-19 no meio do caminho, o que fez-me adaptar o trabalho de acordo com as normas recomendadas pela Organização Mundial da Saúde. Apesar das adaptações que fui levada a fazer, foi possível alcançar alguns dos objetivos propostos, num contexto de crise sanitária, que nos mostrou algumas realidades invisibilizadas e que vieram à tona neste período de pandemia, como, por exemplo, a falta de recursos tecnológicos nas instituições públicas de ensino, assim como na maioria dos lares brasileiros. Estudantes, seus familiares e professoras tiveram dificuldade de acesso às tecnologias digitais, o que foi constatado também no ensino remoto recomendado pela rede de ensino, levando-me a recorrer a diferentes estratégias para o desenvolvimento da pesquisa.

Também foi possível perceber que algumas portas se abriram, pois, quem possuía o acesso a essas tecnologias, procurou fazer bom uso delas, levando conhecimento e informações para as diversas regiões do país, incluindo a contação de histórias, um costume coletivo e presencial que, de repente, ganhou as plataformas digitais; isto aconteceu não só na área da educação, mas em diversas outras.

Desenvolvida de maneira remota, para alcançar o objetivo proposto, alunos e familiares, professores e contadores de histórias contribuíram de maneira muito empenhada para o seu desenvolvimento. Na Introdução, o leitor pode conhecer um pouco mais, com minúcias, sobre o contexto em que este trabalho foi desenvolvido. Na sequência, o primeiro capítulo procura apresentar o Vale do Jequitinhonha como ele é, com suas qualidades e mazelas. Mas, acima de tudo, apresenta um povo que não esmorece diante de situações adversas, que luta até o fim para alcançar os seus propósitos. Ao tratar dos direitos culturais de um povo, com o foco na leitura, Michele Petit (2001) fala de vários direitos que deveriam ser garantidos numa sociedade democrática, dentre os quais o direito de descobrir-se ou de construir-se, a partir de um espaço íntimo (p.117). E continua sua lista de direitos que se aplicam muito bem às conquistas do povo que vive no Vale do Jequitinhonha, na sedimentação daquele território como um espaço cultural próprio, e na defesa do direito à fantasia, sem a qual, segundo a autora, não há criatividade; e, ainda apoiando-nos nos direitos listados, aquele que interessa de perto nesta pesquisa: o direito de compartilhar relatos que os seres humanos transmitem de uma geração a outra há milênios (p.117).

No capítulo dois, ressoa a voz das professoras, vozes que não foram caladas durante a pandemia, pelo contrário, suas vozes ecoaram mais alto, levando conhecimento, solidariedade e compreensão, fazendo até o impossível para que os seus alunos não ficassem desassistidos. Quando tudo parecia não dar certo, elas sempre arrumavam um jeito para prosseguir. Com ou sem pandemia, a contação de histórias se fez presente no dia a dia de suas aulas, seja para aliviar um pouco as tensões ou para dar leveza aos conteúdos, quando necessário, intercalando o lúdico com o processo de ensino e aprendizagem.

Essas ações das professoras vão ao encontro dos objetivos da Educação do Campo, um modelo de educação que não exclui os seus sujeitos e os seus modos de vida e que promove a inclusão e a valorização dos saberes locais. Quando as professoras fazem esse intercâmbio de narrativas orais, levando para a sala de aula as histórias que elas ouviam na infância, ou quando a escola toma a iniciativa, levando os contadores da comunidade até a escola, essas práticas demonstram a preocupação e o interesse em realizar o compartilhamento de saberes. Nesse momento escola e comunidade caminham juntas, valorizando a memória coletiva e a

cultura local a partir da força que a oralidade possui ao romper fronteiras. Esse é um dos propósitos da Educação do Campo: se comprometer não apenas com a realidade dos alunos, mas da comunidade como um todo, oferecendo aos estudantes possibilidades de formação que visam não apenas preparar para o mercado de trabalho, mas para a vida, com ênfase na formação humana. Ao ouvir os alunos, é possível perceber que essas ações têm feito diferença em suas vidas.

São os alunos que soltam a voz, como mostra o capítulo três, no qual eles relataram como é o trânsito da contação de histórias entre comunidade e escola. Segundo eles, as narrativas se fazem presentes nos dois lugares, cada um à sua maneira. Todos os entrevistados relataram o gosto em ouvir histórias e também houve o caso de alunos contadores, a reafirmarem que a tradição continua. Ainda no que se refere ao momento com os alunos, a pesquisadora também trouxe história para contar, e, assim, houve um evento de contação de histórias on-line entre pesquisadora e alunos, quando se promoveu um intercâmbio de saberes, pois os alunos também contaram histórias de seus repertórios.

Ah... os contadores! Estes estão representados no quarto e último capítulo, três contadores (dois contadores e uma contadora), cada um/uma com o seu jeito único de narrar, mas todos unidos por um só ideal, o de levar histórias para quem quiser ouvir. O Seu Júlio, com suas histórias de ensinamento, contos e adivinhas; o Seu Juca, sutil na escolha das histórias, cada uma com um propósito (ensinar e/ou divertir), Mirella, neta de contador de histórias, que, ao que tudo indica, vai seguir os passos do avô e levar adiante a tradição de contar. Ainda adolescente, já cria as próprias histórias para contar à sua irmã mais nova. Três vozes de diferentes gerações se misturam em uma mescla de verdades e fantasias, povoando os pensamentos de seus ouvintes.

Por fim, cheguei à conclusão de que as práticas de contação de histórias estão longe de serem extintas na região onde ocorreu esta pesquisa. O costume de contar histórias na comunidade Tesouras de Cima faz parte do dia a dia das pessoas (alunos e familiares, professores e contadores), personagens unidos pelos laços da comunicação, do conhecimento, da memória, da inclusão e do encantamento, e todos esses laços estão amarrados aos seus processos culturais e sociais, costurando a trama da vida de cada uma e cada um desses sujeitos.

É possível afirmar que as narrativas orais de ficção continuam sendo o combustível que move as mais diversas formas de comunicação, pois a oralidade possui esse poder de se adaptar à realidade de um determinado povo, como uma forma de linguagem artístico-cultural que atende a todos os públicos, sem distinção de faixa etária ao transitar pelos mais diversos locais de uma comunidade. Elas, acima de tudo, possibilitam a todas as pessoas o direito de se expressar sem se preocupar com as formalidades, ao mesmo tempo que oferece ao narrador a capacidade de se movimentar pelo discurso literário com a sua subjetividade e criatividade. As histórias contadas possibilitam ainda a esse narrador – contador de histórias – e a seus ouvintes realizar uma leitura do mundo a sua volta, para a qual mobilizam conhecimentos culturais ancestrais e contemporâneos.

Essas façanhas da oralidade, que fazem emergir por meio da ficção as realidades locais, podem ser percebidas nos depoimentos dos dois contadores de histórias, quando, por exemplo, o Seu Júlio, a seu modo, dá uma aula sobre a “*importância do trabalho em mutirão*”, ou quando o Seu Juca escolhe a dedo as histórias a serem contadas, de acordo com o ensinamento ou assunto que ele deseja abordar. Dessa mesma forma, a oralidade transita pela escola do campo, ora como instrumento pedagógico, ora como uma prática lúdica sem uma finalidade para além do que ela oferece aos ouvintes durante a performance oral. Crianças, jovens e suas famílias se envolvem com apreço no universo das histórias orais como se elas fossem parte de suas vidas, o que se constata quando, por exemplo, espontaneamente se projetam como narradores de contos que trazem na memória. Apesar das condições adversas provocadas pela pandemia, foi possível perceber, no caso da comunidade pesquisada, que essa prática, sob diferentes formas, se faz presente na vida de alunos, familiares, professores e contadores, o que autoriza-me a afirmar que se reunir para contar histórias ainda é uma prática cultural comum em muitos outros lugares do Vale do Jequitinhonha e por esse mundo afora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil, gostosuras e bobices**. 5ª ed. São Paulo: Scipione, 2004.

ALMEIDA, Maria Inês de; QUEIROZ, Sônia. **Na captura da voz: as edições da narrativa oral no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica: FALE/UFMG, 2004.

ARAÚJO, Ana Nery Barbosa de. **A narrativa oral literária na educação infantil: quem conta um conto, aumenta um ponto**. 2009. 201 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/3847/1/arquivo259_1.pdf>. Acesso em: 28 mar 2019.

ARROYO, Leonardo. **A cultura popular em Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

ARROYO, Miguel. A educação básica e o movimento social do campo. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; BRASIL. MEC. **Censo Escolar 2013**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2013

ARROYO, Miguel Gonzalez; FERNANDES, Bernardo Mansano. **A educação básica e o movimento social do campo: por uma educação básica do campo**. Vol. 02. Brasília 1999.

ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel et al. **Territórios educativos na Educação do Campo: escola, comunidade e movimentos sociais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: Edufal/Unesp, 2010.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, M. [1979] **Estética da criação verbal**. 4 ed. Trad.P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, p. 44.

BEAUD, Stéphane e WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos** (trad. Sérgio Joaquim de Almeida). Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 191-220.

BEDRAM, Bia. **A arte de cantar e contar histórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **História e narração**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**: tradição e ciberespaço. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2006.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa. 8. – ed: - Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CALDART, Roseli Salete. Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; osfs CALDART, Roseli Salete (Orgs.). **Educação do Campo**: identidade e políticas públicas. – Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação do Campo, 2002. Coleção Por uma Educação do Campo, nº 4

CALDART, Roseli Salete. A educação do campo e a perspectiva de transformação da forma escolar. In: Munarim, A. et al. (org.). **Educação do Campo**: reflexões e perspectivas. Florianópolis: Insular, 2010.

CAMPBELL, Joseph. **Os primeiros contadores de histórias**. História & Antropologia, 2005. Disponível em: <<http://www.botucatu.sp.gov.br/Eventos/2007/contHistorias/artigos/osPrimeirosContadoresHist.pdf>>. Acesso em: 28 mar 2019.

CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Duas Cidades, 1971.

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Literatura oral no Brasil**. São Paulo: Global, 2008.

CAMPANA, Maristela Albertini Loureiro. **Ciranda**: do canto de roda ao universo composicional contemporâneo. 2011. 129 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 2011.

CASCUDO, Luís Câmara. **Contos tradicionais do Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil**: dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo: Paulus, 2002.

COELHO, Betty. **Contar histórias, uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1995.

COOK-GUMPERZ. **The social constructions of literacy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna. (org.) **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DINIZ, Jaime. Ciranda: dança popular. **Estudos Avançados**. Dossiê Nordeste I, São Paulo, v. 1, n. 1, 1987

DOUNIS, Alessandra Bonorandi; SANTOS, Arlete Rodrigues do; ROSÁRIO, Elaine de Holanda; FUMES, Neiza de Lourdes Frederico. A autoconfrontação: um estado da arte das produções acadêmicas disponibilizadas na biblioteca digital brasileira de teses e dissertações da CAPES. **XVI Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino (ENDIPE)**, Unicamp, Campinas 2012

ESTADO DE MINAS GERAIS. **Artesanato do Vale do Jequitinhonha se torna patrimônio imaterial de Minas**. Disponível em: <<https://docs.google.com/document/d/1JoAycmkWFIFYJPK7RK0Y7Gbc--3YWwkBjYwedCtWumQ/edit>>. Acesso em nov. 2019.

FERNANDES, Bernardo Mançano; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. "Primeira Conferência Nacional 'Por uma educação básica do campo': texto preparatório". In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004

FOLHA DE SÃO PAULO. **Mulheres do Vale do Jequitinhonha vendem versos para ter renda**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2020/12/mulheres-do-vale-do-jequitinhonha-vendem-versos-para-ter-renda.shtml>> . Acesso em nov. 2021.

FINNEGAN, Ruth. **O significado da literatura em culturas orais**. In: A Tradição Oral. 2ª Ed. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2016. p. 61-96.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 36ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. Marisa Lajolo. (Org) São Paulo: Moderna, 2003.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Oralidade, memória e a mediação do outro: práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização – o caso do Cordel (1930-1950)**. In Educ. Soc. Vol. 23 – p. 115-142. Campinas, 2002.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antonio Augusto Gomes. Oralidade e escrita: Uma revisão. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 128, pág. 403-432, 2006.

GIRARDELLO, Gilka.; FOX, Geoff. A narração de histórias na sala de aula. In: Girardello. Gilka. (Org.). **Baús e chaves da narração de histórias**. Florianópolis: SESC-SC, v. 1, 2004.

GODOY, Arilda Shimidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995a.

GOMES, Elaine. **A arte de narrar histórias**. São Paulo: Editora Senac, 2018.

DIAS, R. **Turismo e patrimônio cultural**: recursos que acompanham o crescimento das cidades. São Paulo: Editora Saraiva, 2006.

HADDAD, Sérgio, **O educador**: um perfil de Paulo Freire. São Paulo: Todavia, 2019

HEATH, Shirley Brice. "What no bedtime story means: narrative skills at home and school", **Language in society** 11, 1982, pp.49-76.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss**. São Paulo: Objetiva, 2009.

IANNI, Octávio. **Teorias da globalização**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

IANNI, Octávio. **Estilos de pensamento**: explicar, compreender, revelar. Araraquara-SP: Unesp, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico, 2010**. Disponível em <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em jun. 2021

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Divisão político-administrativa do Brasil**, 2015. Disponível em <www.ngb.ibge.gov.br>. Acesso em jun. 2021.

DO NASCIMENTO, Silvania Sousa ; BATISTA, M. R. (Org.) . **Interdisciplinaridade para além da sala de aula**. 1. ed. BELO HORIZONTE: Rolimã Editora, 2017. v. 1. 130p.

KLEIMAN, Ângela B. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, Ângela B. Trajetórias de acesso ao mundo da escrita: relevância das práticas não escolares de letramento para o letramento escolar. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n.2, p. 375-400, 2010.

KLEIMAN, Ângela B. Projetos de letramento na educação infantil. **Caminhos em Linguística Aplicada**. Unitau, v.1, n.1, p. 1-10, 2009.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: uma nova outra história. Curitiba: PUC Press, FTD, 2017, 152 p.

LIMA, Francisco A. de S. **Conto popular e comunidade narrativa**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangano, 2005.

LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: _____. **Obras completas de João Guimarães Rosa**. Vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p.12-27. Disponível também em: <<http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/GuimaraesRosa-1965.htm>>.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Regina. **Acordais**: Fundamentos Teórico-Poéticos da Arte de Contar Histórias. São Paulo: DCL, 2004.

MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org.). **A criança e a leitura literária** - Livros, espaços, mediações. 1ed. Curitiba: Editora Positivo, 2012.

MALBA TAHAN. **A arte de contar histórias (Castelo Amarelo)**. Ponta Porã, MG: Conquista, 1964.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002 Da Fala para a Escrita: Atividades de Retextualização. 1ª. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

MARQUES, Reinaldo Martiniano; PEREIRA, Vera Lúcia Felício. O artesanato da memória na literatura popular do Vale do Jequitinhonha. **O Eixo e a Roda**: Revista de Literatura Brasileira. v. 6, 1988: PUC-MG – UFMG, 1988, p. 171-179. Disponível em:<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/4230/4076>. Acesso em: 02 mar. 2022.

MATOS, Gislayne Avelar, SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2005

MOLINA, Mônica (Org.). **Educação do Campo e pesquisa**: questões para reflexão. Brasília, NEAD, 2006.

MONTES, Graciela. **La frontera indómita** – en torno a la construcción y defensa del espacio poético. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

NASCIMENTO, Elaine Cordeiro. Vale do Jequitinhonha: Entre a carência social e a riqueza cultural. In: **Contemporâneos: Revista de arte e humanidades**. Nº 4, maio-out 2009. Disponível em: <<http://www.revistacontemporaneos.com.br/n4/pdf/jequiti.pdf>>. Acesso em abril de 2021.

NASCIMENTO, Sylvania Sousa do. VENTURA, Paulo Cezar Santos. **Projetos escolares para feiras de ciências**. Belo Horizonte, 2017.

PALADIM Jr., Heitor Antônio. **Educação do Campo**: a territorialização e a espacialização do MST. São Paulo: Annablume, 2010.

PARAFITA, Alexandre. **A mitologia dos mouros**. Porto: Gailivro, 2006.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto**: emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

PAULINO, Graça; COSSON, R. A literatura no território dos direitos humanos. In: LIMA, Aldo de et al. (Org.). **O direito à literatura**. 1ed. Recife: Editora Universitária UFPE, 2012, v. 1, p. 93-115.

PAULINO, Graça; SOUSA, Vilm. Formas discursivas e culturais colocadas em jogo no texto ficcional. **Letras de Hoje**, v. 10, p. 239-256, 2006.

PAULINO, Graça . Deslocamentos e configurações do letramento literário na escola. **Scripta** (PUCMG) Belo horizonte, v. 7, n.14, p. 67-78, 2004.

PAULINO, Graça . Letramento literário por vielas e alamedas. **Revista da FAGED** , Salvador, n.5, p. 117-126, 2001.

PAULINO, Graça . **Para que serve a literatura infantil**. Presença Pedagógica , Belo Horizonte, p. 50-57, 1999.

PAULINO, Graça . **Das leituras ao letramento literário**. 1. ed. Pelotas - Belo Horizonte: UFPEL - FAE UFMG, 2010. v. 1. 168p .

PAULINO, Graça . Algumas especificidades da leitura literária. In: **28 Reunião Nacional da ANPED**, 2005, Caxambu. 40 anos da Pós-Graduação em Educação no Brasil. Caxambu MG: ANPED, 2005. v. 1. p. 296-296.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PEREIRA, José Carlos. **O lugar desmanchado, o lugar recriado?** Enredos e desenredos de jovens rurais na migração internacional. Unicamp, 2012. Tese de doutorado

PEREIRA, Vera Lúcia Felício. **O artesão da memória no Vale do Jequitinhonha**. Belo Horizonte: Editora UFMG/Editora PUC-Minas, 1996.

PORTO, Andresa Karina da Silva. **Um estudo sobre a imaginação na sala de aula: o contexto da contação de histórias**. 2013. 84f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/6188/1/2013_AndresaKarolinaDaSilvaPorto.pdf>.

PETIT, Michèle. **Lecturas: del espacio íntimo al espacio público**. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

PREFEITURA DE SERRO. **Serro sediará o 36º Festival – Festival de Cultura Popular no Vale do Jequitinhonha**. Disponível em: <<https://www.serro.mg.gov.br/portal/noticias/0/3/1411/serro-sediara-o-36-festival--festival-de-cultura-popular-no-vale-do-jequitinhonha>>. Acesso em jun. 2021

RAMOS, Ana Cláudia. **Contação de histórias: um caminho para a formação de leitores**: Londrina-PR: UEL, 2011. [Dissertação de mestrado]

RIBEIRO, Eduardo Magalhães. **Lembranças da terra: histórias do Jequitinhonha e Mucuri**. Belo Horizonte: CEDEFES, 1996.

RIBEIRO, Kelly Cristine. **Contação de histórias seguindo o curso das águas**. 2013. 1 CDROM. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

ROJO, Roxane. Letramento e capacidades de leitura para a cidadania. **Congresso Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE: CENP, 2004.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHAES, Valéria B. Rompendo o isolamento: Reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **ANOS 90 (ONLINE) (PORTO ALEGRE)**, v. 27, p. 1-18, 2020.

SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES. **Relatório de atividades 2017**. São Paulo, 2017.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução Roxane Rojo, Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. Práticas de letramento e implicações para a pesquisa e para políticas de alfabetização e letramento. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro. (Org.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STREET, Brian. Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos novos estudos do letramento. In: MAGALHÃES, Izabel (Org.). **Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores**. Campinas, SP: Mercado das letras, 2012. p. 69-92. Rosana

STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014. Título original: Social literacies: critical approaches to literacy in development, ethnography and education. (Linguagem; v. 57)

SUNDERLAND, Margot. **O valor terapêutico de contar histórias**. São Paulo: Cultrix, 2005.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. 3a Ed. São Paulo: Editora Paz e Terra; 2002.

TONELLI, Juliana Reichert Assunção. **As histórias infantis no ensino da língua inglesa para crianças**. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual de Londrina (UEL), 2005.

VIEIRA, Isabel Maria de Carvalho. O papel dos contos de fadas na construção do imaginário infantil. In: **Revista criança** - do professor de educação infantil, v. 38, p. 10,2005.

ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro. **Literatura e pedagogia – Ponto e contraponto**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

ZILBERMAN, Regina ; COSSON, Rildo. ; PAULINO, Graça ; LAJOLO, Marisa ; RÖSING, Tania . Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: Regina Zilberman; Tania Rösing. (Org.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. 1ed.São Paulo: Global, 2009, v. 1, p. 61-79.

SISTO, Celso. O misterioso momento: a história do ponto de vista de quem ouve (e também vê). In: GIRARDELO, Gilka (org.). **Baús e chaves da narração de histórias**. Florianópolis: SESC-SC, 2004. p. 82-93.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.

ZUMTHOR, Paul. **Escritura e nomadismo**. (1990). Trad. Jerusa Pires Ferreira e Sonia Queiroz. Cotia, S. Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

APÊNDICES

Apêndice A: Proposta básica de roteiro para entrevistas

PROFESSORAS

1. **Primeiro bloco de questões sobre a memória de contação de histórias na escola, na família, na comunidade:** Onde você viveu e estudou na infância? Você se lembra de ter ouvido histórias na infância, em casa, na escola ou em outros espaços de leitura ou contação de histórias/causos? Em caso afirmativo, onde e quem contava essas histórias? Você se lembra de alguma dessas histórias e conseguiria recontá-la?
2. **Segundo bloco: sobre a prática da contação na escola:** A contação está presente no cotidiano da Escola? De que maneira esse evento acontece? Você costuma contar histórias a seus alunos? Como você realiza essa atividade? Quais histórias mais gosta de contar? Quais as histórias que eles mais gostam de ouvir? Os alunos comentam sobre histórias ouvidas na comunidade ou em casa? Você se lembra de alguma delas? Na sua opinião, qual a contribuição da contação de histórias para o aprendizado dessas crianças? Você indicaria algum(a) aluno(a) com quem eu possa conversar sobre este tema?
3. Durante a pandemia, a contação de histórias ficaria de fora? Ou teria alguma chance de manter essa prática a distância?

ALUNOS

Vocês gostam de ouvir histórias? Qual história vocês gostam de ouvir? Quem conta histórias para vocês? Na escola, qual a história que vocês mais gostam de ouvir? Na sua casa, na casa da sua avó ou de tios e tias, você já ouviu alguma história? Vocês sabem contar alguma história?

CONTADORES DE HISTÓRIAS DAS COMUNIDADES

Quando e como você começou a contar histórias? Por que ser um/uma contador/a de histórias? De onde vêm as histórias que você conta? Para você, qual a importância da contação de histórias? As crianças ainda gostam de te ouvir contar histórias? Quais as histórias de que elas mais gostam?

Apêndice B: Termo de consentimento entregue aos entrevistados

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Olá, você gostaria de participar como voluntário da pesquisa “Contaçon de histórias na Infância em comunidades e escola do Vale do Jequitinhonha: formando leitores, tecendo saberes”? Esta pesquisa será desenvolvida por mim, Veridiana, e pela professora Maria Zélia, da Universidade Federal de Minas Gerais. Queremos saber como, quando e por que são realizadas atividades de contaçon de histórias em sua escola e na sua comunidade. Interessa também saber se você gosta de ouvir histórias e quais quer sempre ouvir de novo. Você participa da pesquisa se quiser, e pode desistir de continuar conversando conosco quando não tiver mais vontade.

Vamos conversar com você, com seus colegas, com professoras e também com pessoas da sua família e contadores de histórias da sua comunidade. Vamos filmar, fotografar, anotar para ficar tudo bem guardado para o texto que vamos escrever contando tudo o que aprendemos com vocês. Queremos conhecer de perto como as histórias são passadas dos bisavós para os avós, dos avós para os pais, dos pais para os filhos na comunidade e na escola em que você vive e estuda.

Essa pesquisa não vai prejudicar nem oferecer riscos para você. Você vai inventar um nome novo e bem legal. As imagens de sua casa, da sua rua e de outros espaços em que você vive vão ser também respeitadas. Os vídeos e fotografias suas só serão feitos se seu pai, sua mãe ou outro responsável permitir.

Se você tiver a curiosidade de saber mais alguma coisa sobre a pesquisa, estaremos sempre prontas para responder ou então você pode pedir para o responsável nos ligar no seguinte telefone (11) 98623-1314. Se a pergunta for sobre se estamos fazendo tudo conforme as regras do que é certo ou errado na pesquisa com pessoas, o seu responsável pode ligar para o COEP, que é o comitê de ética da nossa universidade, pelo telefone (31) 3409-4592.

Não vamos falar para as pessoas que você está participando da pesquisa. Lembra que o seu nome vai ser inventado? Depois das nossas conversas, vou escrever um texto chamado dissertação sobre tudo o que vi na pesquisa. Quando o texto estiver pronto, queremos voltar na sua comunidade e na sua escola para mostrar para todos que participaram do nosso trabalho. Este documento que chamamos TALE que quer dizer Termo de Assentimento é muito importante para nós. Ele prova que você quis participar da pesquisa por vontade própria e com a autorização dos seus pais ou responsáveis. Nós vamos ficar com uma cópia do documento e você com outra.

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa “Contaçon de histórias na Infância em comunidades e escola do Vale do Jequitinhonha: formando leitores, tecendo saberes”. Entendi tudo sobre a pesquisa e entendi também que posso dizer “sim” e participar, mas que a qualquer momento posso dizer “não” e desistir de continuar. As pesquisadoras tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento que li, aceitando o convite de participar da pesquisa.

Araçuaí, _____ de _____ de 2020.

Assinatura do(a) participante

Veridiana Franca Vieira

Em caso de dúvidas com relação à pesquisa e/ou aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar: Veridiana Franca Vieira (Pesquisadora - mestranda). Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627, Faculdade de Educação - UFMG; Programa de Pós-Graduação em Educação; Campus Pampulha; Belo Horizonte, MG – Brasil; CEP: 31270-901; E-mail: veridianaamor@gmail.com; Telefone: (11) 98623-1314. Essa pesquisa é orientada pela Profª Drª Maria Zélia Versiani Machado. E-mail: zelia.versiani@gmail.com

COEP - Comitê de Ética em Pesquisa. Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II - 2º andar
- Sala 2005; Campus Pampulha; Belo Horizonte, MG – Brasil; CEP: 31270-901;
E-mail: coep@prpq.ufmg.br; Telefone: (31) 3409-4592.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA RESPONSÁVEIS

O(A) menor de idade sob sua tutela está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa "Contação de histórias na Infância em comunidades e escola do Vale do Jequitinhonha: formando leitores, tecendo saberes". Neste estudo, pretendemos fazer um levantamento das práticas de contação de histórias que circulam em sala de aula da Educação Infantil e em duas comunidades atendidas pela escola, para analisar como essas práticas se articulam à realidade vivida pelos alunos na Escola e comunidades rurais onde vivem. Para que o(a) menor possa participar deste estudo, o(a) Sr.(a) deverá autorizar e assinar este Termo de Consentimento.

O motivo que nos leva a pesquisar essas questões é, principalmente, o fato de que a prática de contação de histórias pode ser vista como um importante instrumento de constituição e propagação de conhecimentos, costumes e valores, desempenhando um papel fundamental na preservação da cultura e memória de um povo. Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos: observação no ambiente escolar e registro das observações por meio de filmagem e anotações em um caderno de campo, além da realização de algumas entrevistas individuais.

Para participar deste estudo o(a) Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para autorizar ou não a participação do(a) menor de idade sob sua tutela. Também poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A participação nesta pesquisa é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pela pesquisadora.

Todo o material produzido na pesquisa (arquivos eletrônicos de armazenamento e notas de campo) será utilizado exclusivamente para fins de divulgação da pesquisa. Esse material será devidamente arquivado pelo período de cinco anos. Após esse período, todo o material será destruído.

A pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e em hipótese alguma o(a) participante será identificado(a) em qualquer publicação que possa resultar deste estudo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida a você.

Devido ao caráter da investigação, o risco ou possibilidade de afetar qualquer participante da pesquisa é mínimo. Apesar disso, essa possibilidade não estará descartada. Pode ser que haja demonstração de timidez, constrangimento, desconfiança do participante de que a sua identidade possa vir a ser revelada. Para prevenir, ou evitar esses riscos, tomarei os procedimentos necessários à proteção de sua identidade. Tais procedimentos consistem em: respeito aos seus espaços de lazer e vida na escola e/ou na comunidade, durante as entrevistas; pedirei a você que crie um nome fictício ou apelido pelo qual o chamarei na entrevista. Este procedimento permitirá proteção da sua identidade, evitando que outras pessoas possam identificá-lo; somente farei imagem suas (filmagens e fotografias) com o seu

livre consentimento; somente gravarei a sua entrevista, se for da sua vontade; caso você não autorize a gravação e ainda assim queira fazê-la sem o uso de imagem e áudio, anotarei as suas falas no meu caderno de campo.

Eu, _____, portador(a) do Documento de Identidade

_____ fui informado (a) dos objetivos do estudo "Contaçon de histórias na Infância em comunidades e escola do Vale do Jequitinhonha: formando leitores, tecendo saberes ", de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim o desejar.

Declaro que autorizo _____, portador(a) do Documento de Identidade _____, a participar desse estudo. Recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Araçuaí, ___ de _____ de 2020.

Assinatura do(a) responsável
Vieira (Pesquisadora)

Veridiana Franca

Em caso de dúvidas com relação à pesquisa e/ou aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar: Veridiana Franca Vieira (Pesquisadora - mestranda). Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627, Faculdade de Educação

- UFMG; Programa de Pós-Graduação em Educação; Campus Pampulha; Belo Horizonte, MG – Brasil; CEP: 31270-901; E-mail: veridianaamor@gmail.com; Telefone: (11) 98623-1314. Essa pesquisa é orientada pela Profª Drª Maria Zélia Versiani Machado. E-mail: zelia.versiani@gmail.com

COEP - Comitê de Ética em Pesquisa. Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005; Campus Pampulha; Belo Horizonte, MG – Brasil; CEP: 31270-901; E-mail: coep@prpq.ufmg.br; Telefone: (31) 3409-4592.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PROFESSORES(AS)

O(A) Sr.(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa "Contaçon de histórias na Infância em comunidades e escola do Vale do Jequitinhonha: formando leitores, tecendo saberes". Neste estudo, pretendemos fazer um levantamento das práticas de contaçon de histórias que circulam em sala de aula da Educação Infantil e em uma comunidade atendida pela escola, para analisar como essas práticas se articulam à realidade vivida pelos alunos na Escola e comunidades rurais onde vivem.

O motivo que nos leva a pesquisar essas questões é, principalmente, o fato de que a prática de contaçon de histórias pode ser vista como um importante instrumento de constituição e propagaçon de conhecimentos, costumes e valores, desempenhando um papel fundamental na preservação da cultura e memória de um povo. Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos: observaçõ no ambiente escolar e registro das observaçõs por meio de filmagem e anotaçõs em um caderno de campo, além da realizaçon de algumas entrevistas individuais.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá também retirar seu consentimento ou interromper a participaçon a qualquer momento. A sua participaçon é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificaçon na forma em que é atendido pela pesquisadora.

Todo o material produzido na pesquisa (arquivos eletrônicos de armazenamento e notas de campo) será utilizado exclusivamente para fins de divulgaçon da pesquisa. Esse material será devidamente arquivado pelo período de cinco anos. Após esse período, todo o material será destruído.

A pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e em hipótese alguma o(a) participante será identificado(a) em qualquer publicaçon que possa resultar deste estudo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposiçon quando finalizada.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida a você.

Devido ao caráter da investigaçon, o risco ou possibilidade de afetar qualquer participante da pesquisa é mínimo. Apesar disso, essa possibilidade não estará descartada. Pode ser que haja demonstraçon de timidez, constrangimento, desconfiança do participante de que a sua identidade possa vir a ser revelada. Para prevenir, ou evitar esses riscos, tomarei os procedimentos necessários à proteçon de sua identidade. Tais procedimentos consistem em: respeito aos seus espaços de lazer e vida na escola e/ou na comunidade, durante as entrevistas; pedirei a você que crie um nome fictício ou apelido pelo qual o chamarei na entrevista. Este procedimento permitirá proteçon da sua identidade, evitando que outras pessoas possam identificá-lo; somente farei imagem suas (filmagens e fotografias) com o seu livre consentimento; somente gravarei a sua entrevista, se for da sua vontade; caso

você não autorize a gravação e ainda assim queira fazê-la sem o uso de imagem e áudio, anotarei as suas falas no meu caderno de campo.

Eu, _____, portador(a) do Documento de Identidade

_____ fui informado(a) dos objetivos do estudo "Contação de histórias na Infância em comunidades e escola do Vale do Jequitinhonha: formando leitores, tecendo saberes ", de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Araçuaí, _____ de _____ de 2020.

Assinatura do(a) participante
Vieira (Pesquisadora)

Veridiana Franca

Em caso de dúvidas com relação à pesquisa e/ou aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar: Veridiana Franca Vieira (Pesquisadora - mestranda). Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627, Faculdade de Educação

- UFMG; Programa de Pós-Graduação em Educação; Campus Pampulha; Belo Horizonte, MG – Brasil; CEP: 31270-901; E-mail: veridianaamor@gmail.com; Telefone: (11) 98623-1314. Essa pesquisa é orientada pela Prof^a Dr^a Maria Zélia Versiani Machado. E-mail: zélia.versiani@gmail.com

COEP - Comitê de Ética em Pesquisa. Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II - 2º andar

- Sala 2005; Campus Pampulha; Belo Horizonte, MG – Brasil; CEP: 31270-901; E-mail: coep@prpq.ufmg.br; Telefone: (31) 3409-4592.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MORADORES DA COMUNIDADE

O(A) Sr.(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa "Contaçon de histórias na Infância em comunidades e escola do Vale do Jequitinhonha: formando leitores, tecendo saberes". Neste estudo, pretendemos fazer um levantamento das práticas de contaçon de histórias que circulam em sala de aula da Educação Infantil e em uma comunidade atendida pela escola, para analisar como essas práticas se articulam à realidade vivida pelos alunos na Escola e comunidades rurais onde vivem.

O motivo que nos leva a pesquisar essas questões é, principalmente, o fato de que a prática de contaçon de histórias pode ser vista como um importante instrumento de constituição e propagaçon de conhecimentos, costumes e valores, desempenhando um papel fundamental na preservação da cultura e memória de um povo. Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos: observaçõ no ambiente escolar e registro das observaçõs por meio de filmagem e anotaçõs em um caderno de campo, além da realizaçon de algumas entrevistas individuais.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá também retirar seu consentimento ou interromper a participaçon a qualquer momento. A sua participaçon é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificaçon na forma em que é atendido pela pesquisadora.

Todo o material produzido na pesquisa (arquivos eletrônicos de armazenamento e notas de campo) será utilizado exclusivamente para fins de divulgaçon da pesquisa. Esse material será devidamente arquivado pelo período de cinco anos. Após esse período, todo o material será destruído.

A pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e em hipótese alguma o(a) participante será identificado(a) em qualquer publicaçon que possa resultar deste estudo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposiçon quando finalizada.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida a você.

Devido ao caráter da investigaçon, o risco ou possibilidade de afetar qualquer participante da pesquisa é mínimo. Apesar disso, essa possibilidade não estará descartada. Pode ser que haja demonstraçon de timidez, constrangimento, desconfiança do participante de que a sua identidade possa vir a ser revelada. Para prevenir, ou evitar esses riscos, tomarei os procedimentos necessários à proteçon de sua identidade. Tais procedimentos consistem em: respeito aos seus espaços de lazer e vida na escola e/ou na comunidade, durante as entrevistas; pedirei a você que crie um nome fictício ou apelido pelo qual o chamarei na entrevista. Este procedimento permitirá proteçon da sua identidade, evitando que outras pessoas possam identificá-lo; somente farei imagem suas (filmagens e fotografias) com o seu livre consentimento; somente gravarei a sua entrevista, se for da sua vontade; caso você não autorize a gravaçon e ainda assim queira fazê-la sem o uso de imagem e áudio, anotarei as suas falas no meu caderno de campo.

Eu, _____, portador(a) do Documento de Identidade

_____ fui informado(a) dos objetivos do estudo "Contação de histórias na Infância em comunidades e escola do Vale do Jequitinhonha: formando leitores, tecendo saberes ", de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Araçuaí, _____ de _____ de 2020.

Assinatura do(a) participante
(Pesquisadora)

Veridiana Franca Vieira

Em caso de dúvidas com relação à pesquisa e/ou aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar: Veridiana Franca Vieira (Pesquisadora - mestrandia). Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627, Faculdade de Educação

- UFMG; Programa de Pós-Graduação em Educação; Campus Pampulha; Belo Horizonte, MG – Brasil; CEP: 31270-901; E-mail: veridianaamor@gmail.com; Telefone: (11) 98623-1314. Essa pesquisa é orientada pela Profª Drª Maria Zélia Versiani Machado. E-mail: zelia.versiani@gmail.com

COEP - Comitê de Ética em Pesquisa. Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II - 2º andar

- Sala 2005; Campus Pampulha; Belo Horizonte, MG – Brasil; CEP: 31270-901; E-mail: coep@prpq.ufmg.br; Telefone: (31) 3409-4592.

CARTA DE ANUÊNCIA PARA A PESQUISA

Instituição Coparticipante: Escola Municipal São Vicente

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado, “Contaçon de histórias na Infância em comunidades e escola do Vale do Jequitinhonha: formando leitores, tecendo saberes”, sob responsabilidade da pesquisadora Veridiana Franca Vieira, aluna do Curso de Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e sua orientadora Professora Maria Zélia Versiani Machado, com o objetivo de levantar e mapear práticas de contaçon de histórias que circulam em sala de aula e em comunidades atendidas pela escola , para analisar como essas práticas orais – com ou sem apoio na escrita – se articulam à realidade vivida pelos alunos na escola e nas comunidades rurais onde vivem.

Assumimos o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa a ser realizada nessa instituição. Esta autorização está condicionada ao cumprimento do (a) pesquisador (a) aos requisitos da Resolução 466/12 e suas complementares, comprometendo-se o(a) mesmo(a) a utilizar os dados dos participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados o/a pesquisador/a deverá apresentar o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP. Atenciosamente,

Araçuaí, 21 de maio de 2020

Assinatura e carimbo da Diretora da Escola